

Semanário

Director:  
António Dias Lourenço

Ano 53 - Série VII - N.º 626  
24 de Dezembro de 1985  
Preço: 40\$00

Propriedade do Partido Comunista Português Dir./Red. - Soeiro Pereira Gomes, 1699 Lisboa-CODEX Tel. 76 97 25 - Telex 18390 Composição e impressão - Heska Portuguesa Distribuição - CDL, R. Santos Dumont, 57-2.º - 1000 Lisboa

# COMITÉ CENTRAL DO PCP ANALISA OS RESULTADOS DAS ELEIÇÕES AUTÁRQUICAS O DESENVOLVIMENTO DA SITUAÇÃO POLÍTICA E AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS



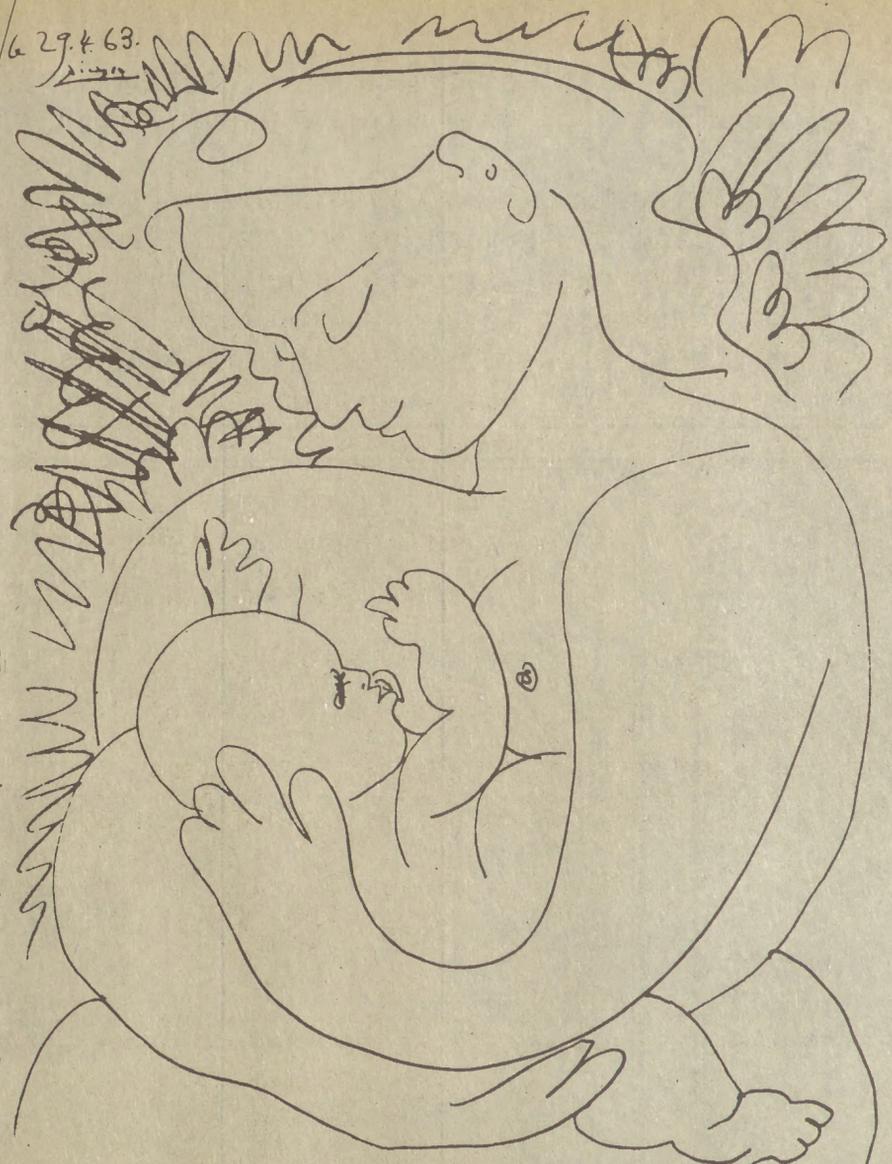
Reunido em sessão plenária na passada sexta-feira, dia 20, o Comité Central do PCP analisou as recentes eleições para as autarquias, assim como a situação política e as perspectivas do seu desenvolvimento, nomeadamente as eleições presidenciais de 26 de Janeiro.

Sobre as presidenciais, o Comité Central aprovou as Teses a apresentar à Conferência Nacional de 4 de Janeiro e destinadas a serem debatidas nas reuniões preparatórias da Conferência; as quais publicamos nesta edição.

Também publicamos neste número do «Avante!» o documento aprovado pelo Comité Central sobre as eleições autárquicas e a situação política.

**Em Foco**

Na quadra natalícia que agora atravessamos, a Paz costuma ser, tradicionalmente, um tema em foco. E como nunca é de mais falar na Paz, é precisamente a ela que dedicamos todo o caderno Em Foco desta semana, tanto mais que o ano que agora finda foi, a este respeito, e por várias razões, bastante significativo. Citemos apenas três factos ocorridos em 1985: a passagem do 40.º aniversário da vitória sobre o nazi-fascismo, a cimeira de Genebra e as grandes manifestações e outras formas de luta que, em Portugal e no estrangeiro, assinalaram o empenho dos povos na defesa da Paz. Destes e de outros temas falaremos no nosso 3.º caderno — esta semana, excepcionalmente (tal como na próxima) com 16 páginas e não com 8 — que abre com um desenho de um artista cuja obra está indissoluvelmente ligada à luta em defesa da Paz: Picasso.



## Com luta e confiança alarguemos os sucessos alcançados

**A**manhã é Natal — o Natal de 1985. Um novo ano aflora no calendário e no rodar da História. «Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades...».

...«Todo o Mundo é composto de mudança.» escreveu sabiamente o nosso Poeta nacional.

Mas, para os portugueses, neste curto período de um ano, entre o Natal de 1984 e o de 1985, é imperioso saber o que mudou e em que sentido mudou.

É óbvio: não nos propomos fazer aqui o balanço exaustivo do ano que acaba de passar. Tão-só e apenas assinalar algumas alterações fundamentais produzidas em Portugal neste período de um ano na vida portuguesa.

Em termos políticos, em termos económicos, em termos sociais, evidentemente.

No plano económico e social, o Natal de 85 não acusa melhorias: aumentou o flagelo do desemprego; o crime dos salários em atraso continua impune; os salários reais e as pensões e reformas não acompanharam a escalada do custo de vida e afastaram-se ainda mais com os recentes aumentos de preços pelo Governo de Cavaco. O pão, o leite, os combustíveis, a electricidade, o gás, os transportes, as comunicações telefónicas e telegráficas e tudo o que já subiu de preço, ficou menos acessível ao bolso e às necessidades dos trabalhadores e de todas as classes e camadas mais desfavorecidas.

A inflação, ao contrário das previsões de Cavaco & C., aponta para uma taxa superior aos 25%; os índices de produção continuam estagnados na baixa dos 2-3%; a dívida externa galgou para mais de 17 mil milhões de dólares; o défice do Orçamento do Estado subiu a mais de 450 milhões de contos e acusa novos «buracos»; a fuga de capitais avalia-se já em cerca de 1000 milhões de contos. E assim por diante...

As «broas do Natal» tornaram-se mais amargas para o povo Português neste final de 1985.

**N**o plano político o sentido das alterações é outro. Exactamente há um ano escrevíamos no «Avante!»: «A esperança legítima de um novo ano mais feliz e de uma necessária mudança de rumo que está ao alcance do nosso povo tem de ser amassada numa luta tenaz e dura que exige o empenhamento a fundo do movimento operário, popular e democrático.»

A pouco mais de 15 dias da primeira grande crise interna da coligação PS/PSD, então detentora da governação do País, dizíamos: «A chamada renegociação do acordo PS/PSD, onde se “calendarizam” irrealizáveis atentados contra o regime democrático e o 25 de Abril, exprime, neste final de ano, a imagem verdadeiramente contra-revolucionária do soarismo e da clique governante, mostra que o “calendário” da demissão do Governo não pode ser indefinidamente protelado.» Os acontecimentos posteriores vieram dar, como se viu, inteira razão ao PCP.

Pode-se dizer que em termos políticos, graças à luta «tenaz e dura» do nosso povo em todas as frentes e numa medida notável a esperança se fez certeza em aspectos essenciais e que os portugueses têm este ano um Natal político radicalmente diferente.

O panorama político mudou de maneira substancial num sentido favorável à defesa e consolidação da democracia e do 25 de Abril. É uma constatação irrefutável.

A coligação de direita PS/PSD, dirigida por Mário Soares, abriu brecha e rebentou pelo cócs. O Governo foi demitido e a Assembleia da República dissolvida. Realizaram-se eleições legislativas antecipadas, um novo quadro político-parlamentar nasceu e o monopólio político tradicional da direita sofreu um profundo golpe de que dificilmente poderá reconstituir-se nos tempos mais próximos ao nível governativo.

Também o plano contra-revolucionário renegociado em 11 de Dezembro de 84 entre o PS e o PSD foi interrompido e tornou-se de momento impraticável.

A «maior maloria de sempre» deu em droga e Portugal tem agora à sua frente um Governo minoritário de direita, sem base segura, precário, instável — um Governo não para continuar mas para cair na primeira curva apertada da crise global em que se debate o País. E a vitória de 6 de Outubro não ficou por ali: o sentido favorável dos acontecimentos recebeu neste período natalício uma nova confirmação com o resultado das eleições autárquicas de 15 de Dezembro.

Como é assinalado no Documento saído da Reunião Plenária do CC do PCP de 20 de Dezembro — que neste número publicamos — «O ano de 1985 foi para o PCP, para as outras forças democráticas e para o movimento operário e popular um ano de grandes lutas, de intensa actividade e de importantes vitórias.»

O rescaldo das eleições de 15 de Dezembro, independentemente das contingências jurídicas do processo de apuramento final, com que ainda é preciso contar, termina de maneira positiva, com um acontecimento que constitui para as forças democráticas mais consequentes verdadeiras «broas do Natal» — o anúncio da vitória eleitoral de facto da APU em Vila Real de Santo António.

**A**s forças democráticas mais consequentes personificadas na APU travaram nas eleições autárquicas deste ano de 85 uma batalha singular contra toda a direita coligada (incluindo o PS) que pôs à prova a solidez da sua base popular e política de massas.

O Documento do Comité Central do PCP que acima referimos enumera as iniciativas de maior perigo da formidável operação de assalto da direita ao Poder Local democrático, em particular às autarquias de maioria APU, montada ao longo de muitos meses pelo PS, o PSD e o CDS.

Para o Documento remetemos a atenção do leitor.

A tentativa reaccionária foi derrotada e à medida que se torna conhecida em todos os seus meandros aparece em toda a sua dimensão e força a ligação às massas e à solução dos problemas mais aflitivos das populações locais da Aliança Povo Unido em toda a sua expressão popular, assim como a sua vitória real nas eleições de 15 de Dezembro.

É de todo o interesse salientar, além do que é dito no Documento do Comité Central, que a Aliança Povo Unido sobe (em números ainda provisórios) mais de 5000 votos que nas autárquicas de 1982 e que o PSD, o PS e o CDS em conjunto perderam mais de 20 800; que o PS sozinho perde mais de 132 000 e que o PSD comparativamente às eleições legislativas de 6 de Outubro perde mais de 67 200 votos, enquanto que neste capítulo a APU sobe mais de 47 300 votos.

O anúncio da vitória — de facto — da APU em Vila Real de Santo António, depois de uma verificação minuciosa dos votos injustamente considerados nulos pelos membros das assembleias de voto representantes do PS, do PSD e do CDS sob protesto dos representantes da APU, alarga agora para três o número de municípios presididos pelo Povo Unido no Algarve, a que a conquista da maioria absoluta no concelho de Silves empresta um significado particular.

**É**a partir de agora e no quadro das alterações favoráveis produzidas com o resultado das eleições de 6 de Outubro e de 15 de Dezembro — a que a compreensível e esperada queda do PRD não retira força nem reduz o significado da votação das eleições legislativas — que as forças democráticas vão agora travar a terceira batalha eleitoral de importância decisiva para a consolidação das vitórias até agora alcançadas — as eleições para a Presidência da República em 26 de Janeiro.

É uma rude batalha que não se ganha nos «écrans» da televisão independentemente da importância deste órgão de comunicação social de massas e da sua instrumentalização pelas forças de direita na campanha que em 11 de Janeiro entrará na sua fase oficial.

As eleições presidenciais ganham-se na activa mobilização e dinamização das forças democráticas e do movimento popular de massas; no activo esclarecimento político de todos os portugueses progressistas; na exigente consciencialização democrática quanto à necessidade de convergir esforços e da possibilidade real de derrotar os candidatos da direita Mário Soares e Freitas do Amaral e à imperiosidade de reunir os votos dos democratas a favor de uma única candidatura democrática.

Para os democratas portugueses a liminar questão que se coloca sem tibezas é: ou vencer sem margem





## Documento do Comité Central do PCP

# As eleições autárquicas a situação política e as perspectivas do seu desenvolvimento

Págs. 2/3



o livro  
a melhor oferta  
de natal

Editorial Caminho  
recomenda

ARMANDO CASTRO  
História Económica  
de Portugal — III vol.

MANUEL DA FONSECA  
Tempo de Solidão

MIGUEL OTERO SILVA  
Quando quero  
chorar não choro



## Natal

Nos «Contos de Natal» do escritor inglês do século passado, Charles Dickens, há a figura de um agiota, de seu nome Scrooge, a quem, por intervenção sobrenatural, é dado ver a situação em que se encontram as numerosas vítimas da sua crueldade e cupidez, culminando a amostragem com a visão do próprio túmulo, que o espera, algures, no tempo. Scrooge fica apavorado e transfigura-se: de indivíduo mesquinho e sem escrúpulos passa, instantaneamente, a pessoa de bem, que dedicará o resto dos seus dias e a fortuna, acumulada numa longa vida de agiotagem, ao exercício da solidariedade humana. Tudo isto acontece no Natal, é claro. No século passado e, sobretudo, na... literatura inglesa.

Ora já que estamos em mais uma quadra natalícia e numa prosa que, por não ser inglesa e, muito menos, literária, não deixa de abrir campo a uma ficçãozinha, imaginemos um Dickens lusitano aqui e agora... ainda interessado em produzir uma parábola natalícia.

Perante o actual panorama português, certamente que tal ficcionista não ia perder tempo à cata de Scrooges (embora também por aí os haja, em vários tamanhos individuais), e deitaria mão a algo mais significativo. A um governo, por exemplo. Ao de Cavaco Silva, já agora. Em busca do prodígio, pois claro.

Teríamos, então, o executivo chefiado pelo homem de Boliqueime (que, como se sabe, é fundamentalmente veterano nas questões de governança) a mergulhar numa **muito** outra visita ao distrito de Setúbal. Aí, sem Comunicação Social, personalidades locais e recintos escolhidos, entraria num primeiro lote de casas onde encontraria um conjunto de famílias num interior sem mobílias à volta da mesa que ainda não foi penhorada.

Como é um executivo intelectualmente apetrechado, não formularia perguntas de resposta óbvia, como «**por que não estão a fazer a ceia do Natal**», dado que a mesa nem está posta, ou «**por que há aqui um frio tão danado**» já que as velas em cima da mesa, além de terem perdido todo o romantismo, alumiam um evidente corte de energia eléctrica. Saberá, então, que não está em presença de extra-terrestres mas de concidadãos que trabalham há anos sem receber salários. Pelo-meio descobrirá algumas famílias enlutadas, a quem o desespero levou ao suicídio, mas ficará menos constrangido quando souber que estes últimos casos são em muito menor número que os primeiros, até ver. Daí será levado a instituições privadas de solidariedade social onde se acotovelam multidões que conhece dos filmes, com outros rostos mas à esmola da mesma sopa. Só que não são figurantes mas portugueses comuns, com uma fome que não é ficção mas excessivamente real e que nada têm de seu nem extra-terrestres, mas tudo de trabalhadores com salários em atraso. Dir-lhe-ão que todas as situações visitadas se multiplicam pelo território nacional, numa distribuição cada vez mais equitativa no que respeita à malha distrital do território. Como se recusa a ver mais casos (sob o argumento, aliás especioso, de que não vale a pena incomodar mais gente dada a semelhança das situações), o executivo de Cavaco Silva é então empurrado para uma sequência, algo frenética, de visitas a quartos onde se acotovelam várias famílias, a barracas com crianças mirradas e ratazanas do tamanho de coelhos, a edifícios que estão registados no património escolar e não existem no terreno, a salas de aula que agora, dadas as férias, não albergam nenhum dos 20 alunos teóricos mas que dentro de uma semana voltarão a ter os 60 efectivos do costume, a famílias que, não tendo os salários em atraso também não têm trabalho em dia, a outras que, usufruindo das duas vantagens, vão às compras e perdem-nas na volta, a hospitais apetrechados mas por estrear, a outros estreados mas por apetrechar, uns terceiros que nem os apetrechos nem o funcionamento dão vazão e eficácia ao serviço e aos serviços, a estradas que já o foram e outras que o querem ser, a planícies que já deram pão e trabalho nas mãos dos camponeses e agora produzem mato e desemprego nas mãos dos latifundiários, a velhos que morrem à míngua de pensões de reforma e jovens que se desesperam em busca do primeiro emprego, a empresas públicas que o Governo afunda com os seus trabalhadores e a economia nacional, para que o monopólio emerja com a sua exploração internacional.

Neste ponto o hipotético Dickens lusitano ver-se-ia a braços com um problema de tomo: se pusesse o executivo, qual Scrooge, a apavorar-se com o fim próximo e a substituir, instantaneamente, a política de miséria pelo regresso ao Portugal de Abril, estaria a abusar da literatura e não havia Natal que aguentasse tamanha ficção.

Salvá-lo-ia, aqui, a própria realidade: será, mais uma vez, o nosso povo a destituir tal executivo, não ficando à espera que arrependimentos impossíveis lhe estraguem, também, o próximo Natal.

■ HC

## Documento do Comité

### 1

#### 1985: Evolução positiva da situação política

O ano de 1985 foi para o PCP, para as outras forças democráticas e para o movimento operário e popular um ano de grandes lutas, de intensa actividade e de importantes vitórias.

O governo PS/PSD foi demitido, a Assembleia da República onde o PS/PSD tinham «a maior maioria de sempre» foi dissolvida, realizaram-se eleições antecipadas, abriu-se caminho a um desenvolvimento mais favorável da situação política, com uma nova arrumação de forças na Assembleia da República e no País.

Continuam a pesar graves ameaças sobre as liberdades, as condições de vida do povo, as conquistas económicas e sociais do 25 de Abril.

Mas o CC assinala o facto de, ao longo de 10 anos, apesar da ofensiva tenaz, persistente e sem escrúpulos de sucessivos governos de direita (com ou sem o PS), os trabalhadores e as massas populares terem conseguido com a sua determinação, confiança e combatividade manter de pé as grandes conquistas de Abril.

O CC assinala que o caminho da luta é o caminho da vitória final da democracia e do Portugal de Abril.

### 2

#### Eleições autárquicas: o assalto da direita ao Poder Local democrático foi derrotado

O PS, o PSD e o CDS prepararam cuidadosamente, ao longo de muitos meses, o assalto ao Poder Local democrático e em particular às autarquias de maioria APU. Para o efeito, organizaram:

— acordos para alianças, que vieram a ser encapotadas, entre o PS, o PSD e em geral o CDS em 41

municípios de maioria APU, em 5 outros em que tinham a vitória da APU e em largas dezenas de freguesias;

— a apresentação de uma proposta de lei eleitoral que visava impedir a APU de usar o seu símbolo;

— a impugnação no Tribunal Constitucional da existência da APU, visando pura e simplesmente impedi-la de concorrer às eleições;

— a organização de campanhas caluniosas na comunicação social contra autarquias de maioria APU, visando combater o reconhecimento generalizado da superioridade da gestão APU nas autarquias;

— a colocação da Administração Central ao serviço de tais campanhas de calúnias, designadamente através da realização de inquéritos e sindicâncias a municípios de maioria APU (Amadora, Loures, Mourão e outros) e da divulgação de falsas conclusões e calúnias como se fossem resultado de inquéritos sérios e isentos.

Dispondo de poderosos meios, utilizando abusivamente o aparelho de Estado e a comunicação social, estabelecendo uma vastíssima aliança destrutiva e sem princípios, procurando instrumentalizar os tribunais para impedir a APU de concorrer, o PS, o PSD e o CDS mostraram os seus propósitos antidemocráticos e ambições desmedidas, mostraram que pretendem liquidar o Poder Local democrático, tal como têm tentado liquidar ou limitar as outras conquistas de Abril.

Tendo em conta os objectivos do PS, PSD e CDS, tem que se concluir que, **no essencial, a tentativa de assalto reaccionário ao Poder Local democrático foi derrotada:**

— a APU registou uma grande votação global nacional (cerca de 1 milhão de votos) e percentagens de 19,4% nas Câmaras Municipais, 20% nas Assembleias Municipais e 20,6% nas Assembleias de Freguesia;

— a APU obteve a maioria em 48 Câmaras Municipais (em 46 das quais é maioria absoluta);

— a APU derrotou a aliança destrutiva e sem princípios do PS/PSD e quase sempre do CDS em 33 dos 41 municípios de maioria APU em que ela se verificou;

— a APU manteve e até reforçou as posições em municípios em que a direita (incluindo o PS), mais investiu para a derrotar, por serem aqueles em que se verificaram maiores pressões da especulação imobiliária: Loures, Amadora, Almada, Vila Franca de Xira e outros importantes centros com destaque para Évora, Marinha Grande e Vila Real de Santo António;

— a APU obteve pela primeira vez a maioria nos municípios de Silves e Constância;

## Novos livros de autores portugueses



editorial  
**CAMINHO**

o prazer de ter bons livros para ler

PCP

## Central do PCP

—a APU passou de 334 para 355 Presidências de Juntas de Freguesias;

—a APU afirmou-se como segunda força política e alternativa à actual gestão em municípios como Lisboa, Sintra (em que não venceu por 700 votos), Covilhã, Cascais, Oeiras, Peniche, Alter do Chão, Crato e outros;

—a APU obteve vereadores nas Câmaras Municipais de Castelo de Vide, Condeixa-a-Nova, Montemor-o-Velho, Tarouca e S. Pedro do Sul, nas quais não estava representada;

—a APU confirmou a maioria absoluta nos distritos de Setúbal (52%), Beja (53,1%) e Évora (54%), tornou-se a força mais votada no distrito de Lisboa (33%) — votação das Assembleias Municipais — e obteve outras expressivas votações noutros distritos do País.

A reacção e o PS alardeiam o facto de terem obtido agora a Presidência em municípios onde antes esta cabia à APU. Nos casos de Ourique, Estremoz, Mourão, Azambuja, Montijo e Setúbal, a perda da Presidência da Câmara deve-se ao facto de, nesses municípios, já em 1982, as forças que agora se coligaram contra a APU disporem, todos juntos, de mais votos do que dispunha a Aliança Povo Unido. Desses municípios, em Ourique e muito em especial em Mourão, a APU sobe em votos e em percentagem; em Estremoz, Azambuja e Montijo sobe em percentagem.

Lamentando embora a perda da Presidência de tais municípios, o CC assinala que o saldo global é desfavorável à aliança de direita do PS/PSD/CDS e ficou muito aquém dos seus planos e ambições.

Merecem entretanto um exame atento:

—as perdas de votação em algumas regiões, municípios e freguesias e fenómenos de abstenção do eleitorado democrático;

—as perdas de representação em alguns centros, em particular em algumas Câmaras Municipais;

—a perda da Presidência das Câmaras de Alvito, Borba e Elvas, em circunstâncias que as alianças anti-APU não justificam.

O CC assinala que constituiu um factor essencial para a derrota da ofensiva contra o Poder Local democrático a unidade do PCP, a contribuição do MDP/CDE e de milhares de independentes e o trabalho unitário com outros sectores democráticos (socialistas, partido «Os Verdes», etc.). Certos insucessos explicam-se, entre outros factores, por dificuldades em algumas destas áreas. Trata-se de um aspecto da maior importância para qualquer batalha eleitoral.

3

### O PS continua a afundar-se com a sua política de direita

O PS apressou-se a proclamár que os resultados eleitorais se traduziram numa recuperação relativamente à pesada derrota que sofreu em 6 de Outubro.

A verdade, porém, é que em relação à votação das Assembleias Municipais, o PS perdeu 456 mil votos em comparação com as eleições autárquicas de 1982 e teve uma nova baixa em comparação com as eleições legislativas de 6 de Outubro nas quais já tinha sofrido uma estrondosa derrota em comparação com as eleições legislativas de 1983; em relação à votação das Câmaras Municipais baixou 299 mil votos em comparação com 1982 e só aparenta ter subido em relação às eleições de 6 de Outubro porque não concorreu autonomamente em 56 Câmaras Municipais, recebendo assim os votos do PSD e do CDS ou de um destes partidos. Perdeu 16 Câmaras e foi proclamado ter ganho 10, passando de 84 para 78. Acresce que 5 das Câmaras ganhas não o foram pelo PS mas sim pela aliança

PS/PSD/CDS. Teve uma perda líquida de 26 Presidências de Junta, apesar de se ter verificado pela primeira vez a eleição de algumas dezenas de novas freguesias.

Registou baixas particularmente espectaculares nos distritos de Lisboa, Aveiro e Coimbra e nos municípios de Lisboa, Porto, Sintra, Gaia, Coimbra, Oeiras, Cascais, Covilhã, Maia e Feira.

O PS continua a pagar nas eleições de 15 de Dezembro a orientação direita da sua direcção e a sua subordinação às forças reaccionárias.

As alianças sem princípios do PS, PSD e CDS no Poder Local são um desenvolvimento e um factor de desagregação do PS.

Das eleições de 15 de Dezembro não resulta a recuperação do PS mas sim novos passos no caminho do seu afundamento. Não resulta um novo fôlego para a candidatura de Mário Soares mas uma nova e eloquente demonstração de que Mário Soares e o PS continuam a integrar-se e a ser instrumentos dos objectivos e orientações da reacção.

4

### O PSD e o CDS não têm razão para proclamar vitória

O PSD e o CDS têm proclamado que os resultados das eleições de 15 de Dezembro representam uma grande vitória, em particular do PSD e do Governo. A verdade é que não têm razão:

—na eleição das Câmaras Municipais o PSD e o CDS perdem 46 500 votos em comparação com as eleições autárquicas de 1982, ano em que registaram uma das suas mais baixas votações, que precipitou a desagregação da «AD» e a dissolução da Assembleia da República em 1983;

—baixaram a sua percentagem de votos em Beja, Évora, Guarda, Lisboa, Setúbal;

—o PSD baixa 280 mil votos (Assembleias Municipais) em comparação com a eleição de 6 de Outubro e não atinge os 30% na eleição das Assembleias Municipais, percentagem idêntica à das eleições de 6 de Outubro;

—o PSD afirma que ganhou muitas Câmaras, mas a verdade é que 37 foram «ganhas» à ex-«AD», sendo frequentemente o Presidente da Câmara já do PSD; 11 foram ganhas ao CDS (que em Proença-a-Nova e São João da Peixeira concorreu a estas eleições; 14 foram ganhas ao PS (em sete das quais devido a alianças encapotadas com o CDS); quatro foram ganhas à APU, em três casos em coligação encapotada com o PS e CDS e num caso com o CDS;

—o PSD e o CDS contabilizam como suas Presidências de Câmaras como a de Lisboa, em que o Presidente é dirigente do CDS apesar de ter concorrido com a sigla do PSD.

A direita não tem qualquer razão para proclamar uma grande vitória. A candidatura de Freitas do Amaral, do PSD e CDS, não tem qualquer razão para considerar que saiu reforçada das eleições para os órgãos das autarquias locais.

5

### Os inconvenientes da dispersão de votos

O PRD obteve um resultado bem menor do que certamente esperava. Se não há que tirar ilações de

política geral de tais resultados, também é verdade que é legítimo chamar a atenção para o facto de a dispersão de votos ter facilitado a vitória da aliança PS/PSD/CDS em Setúbal e ter inviabilizado a vitória da APU em Sintra.

Igualmente significativo é o facto de a APU não ter ganho a Presidência da Câmara de Sintra quando os votos perdidos na UDP, concentrados na APU bastavam para alcançar este importante objectivo. O CC assinala entretanto como positivo o facto de o PSR e a E. R. terem apelado ao voto na APU e da UDP ter feito idêntico apelo, lamentavelmente apenas em quatro municípios.

6

### Eleições presidenciais: Unir os democratas para a vitória da democracia

O CC confirma que o objectivo essencial nas próximas eleições para a Presidência da República é unir os democratas para a vitória da democracia. Com esse objectivo o PCP apresentou a candidatura de Ângelo Veloso.

O CC aprovou e decidiu publicar no imediato as «Teses» a apresentar à Conferência Nacional do PCP, que se realizará a 4 de Janeiro, a fim de serem debatidas nas reuniões preparatórias da Conferência.

7

### Com o povo com o reforço do PCP prosseguir a luta

A batalha em defesa da democracia e das conquistas de Abril será ganha com o reforço do PCP, do movimento operário e popular e das suas organizações unitárias, com a unidade dos democratas, com firmeza e persistência na luta e confiança na vitória.

A reacção mantém intactos os seus projectos de destruição das conquistas económicas e sociais, de limitação das liberdades e construção de um Estado totalitário. É forçada momentaneamente a concessões, pratica alguns actos demagógicos, abusando do Poder e dos recursos públicos, oculta as suas reais intenções. Esse facto testemunha a força do movimento popular. Simultaneamente, exige a intensificação da acção de esclarecimento.

O reforço do PCP, da sua unidade e coesão, a elevação do nível político e ideológico, da militância e da sua organização são factores essenciais para o desenvolvimento positivo da situação política portuguesa. Representam uma contribuição decisiva e indispensável para o reforço da organização e combatividade populares e da unidade democrática.

Sempre com os trabalhadores, sempre com o povo, em unidade com os outros democratas, o PCP estará à altura das suas responsabilidades. Com luta e confiança na vitória, o regime democrático será defendido e Portugal retomará o caminho de Abril.

20 de Dezembro de 1985

O Comité Central do Partido Comunista Português

# Teses

Sobre as eleições presidenciais de 26 de Janeiro, aprovadas pelo Comité Central do PCP, a apresentar à Conferência Nacional do PCP de 4 de Janeiro e destinadas a serem debatidas nas reuniões preparatórias da Conferência.

## Tese I

O objectivo das forças democráticas nas eleições presidenciais de 26 de Janeiro de 1986 é derrotar os candidatos da direita e assegurar a vitória de um candidato da democracia.

Este objectivo está inteiramente ao alcance do povo português.

## Tese II

Freitas do Amaral e Mário Soares são candidatos da direita. Ambos anunciam o propósito de levar por diante uma política de direita no plano interno e internacional e de subverter o regime democrático conquistado com o 25 de Abril e consagrado na Constituição.

Qualquer deles, a ser eleito, representaria, na Presidência da República, o agravamento dos problemas do povo e do país e grandes perigos para a democracia e a independência nacional.

## Tese III

A vitória de um candidato da democracia nas eleições presidenciais de 26 de Janeiro é de importância vital para a defesa e o prosseguimento do regime democrático português e a luta por este objectivo constitui consequentemente uma irrecusável tarefa de todos os democratas.

## Tese IV

A convergência dos votos democráticos num só candidato da democracia deve ser uma preocupação fundamental e indeclinável de todos os democratas.

A divisão dos votos democráticos à primeira volta poderia permitir que Freitas do Amaral e Mário Soares passassem para a segunda volta, ou

seja, poderia possibilitar a vitória de um dos candidatos da direita.

Para a derrota dos candidatos da direita e a vitória de um candidato da democracia impõe-se a convergência dos votos dos democratas e patriotas num só candidato logo à primeira volta.

## Tese V

Convergência do apoio e dos votos de democratas e patriotas nas eleições presidenciais de 26 de Janeiro significa essencialmente o apoio e os votos convergentes dos mais importantes sectores da opinião que se opõem aos candidatos da direita, designadamente o sector eanista, os sectores socialistas que se opõem à política de alianças de Mário Soares, sectores democráticos diversificados e o movimento operário, popular e democrático no qual o PCP representa um papel de primeiro plano.

A vitória de um candidato da democracia não poderia ser assegurada se estes sectores dividissem os seus apoios e os seus votos por candidatos diferentes.

A convergência do apoio e dos votos destes sectores constitui assim — para todos os que queiram contribuir para a derrota dos candidatos da direita e para a vitória de um candidato da democracia — um ponto de referência fundamental e prioritário para definir o candidato a apoiar.

## Tese VI

O melhor serviço que podem fazer à democracia candidatos democráticos que não disponham destes apoios é desistirem a favor do candidato que conte com eles.

## Tese VII

O gravíssimo perigo que representaria a vitória de qualquer dos candidatos da direita e o condicionalismo em que se realizam as eleições de 26

de Janeiro, colocam aos democratas, como motivo fundamental da sua opção, não a sua preferência ou simpatia pessoal por um candidato, mas sim a verificação de que um candidato conta com os apoios referidos para vencer.

## Tese VIII

A candidatura de Ângelo Veloso apresentada pelo PCP, cuja campanha se desenvolve no sentido da unidade do campo democrático, tem como objectivo contribuir, até ao extremo limite das possibilidades, para o consenso e convergência dos apoios e dos votos, logo à primeira volta, num só candidato da democracia.

## Tese IX

A Conferência Nacional do PCP indicará no concreto o candidato da democracia para o qual se orienta o consenso das forças democráticas.

## Tese X

No momento crucial que atravessam actualmente o regime democrático e a vida económica, social, cultural e moral do país, impõe-se um esforço de aproximação, compreensão, entendimento, convergência e cooperação entre todos os que desejam que Portugal continue o caminho de liberdade, democracia, progresso social, independência e paz, aberto com a gloriosa revolução de Abril.

Uma vez mais, na história da luta dos democratas portugueses, se coloca como imperativo sobrepor o que os une àquilo que os separa.

Sempre aberto ao diálogo, o PCP continuará a dar a sua contribuição para a unidade de todos os democratas e patriotas a fim de assegurar a vitória da democracia nas eleições presidenciais e abrir caminho a uma alternativa democrática na política nacional.

20 de Dezembro de 1985

O Comité Central  
do Partido Comunista Português

PCP

Presidenciais 86  
CANDIDATURA À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA  
ÂNGELO VELOSO

# Escandaloso o comportamento de certos órgãos de Comunicação Social

## ● Ângelo Veloso afastado dos debates na RTP

A discriminação da RTP contra a candidatura (devidamente legalizada!) apresentada pelo Partido Comunista Português; Mário Soares e a direita; os poderes do Presidente da República na sociedade portuguesa — foram alguns dos temas abordados pelo camarada Ângelo Veloso, candidato do Partido à eleição presidencial, em recentes iniciativas de esclarecimento e debate realizadas em Faro e na Baixa da Banheira. Desses temas seleccionámos para esta página do **Avante!** algumas passagens mais significativas.

(...) Temos protestado contra a actuação de certa Comunicação Social, designadamente a RTP. Fizemo-lo junto da própria Televisão e também da Comissão Nacional de Eleições e do Conselho de Comunicação Social.

Ninguém hoje consegue negar que a TV tem um enorme passivo de manipulação, de parcialidade e de subserviência política. A nova remexida no conselho de gerência da RTP não significa nenhuma correcção desta situação, mas tão somente indica que o novo governo de Cavaco Silva quer ser ele agora a controlar e a manipular.

(...) É escandaloso que no mo-

mento mesmo em que a minha candidatura é legalizada junto do Tribunal Constitucional, a TV e alguns órgãos de Comunicação Social inventem e decidam eles que desistirei... Um semanário chega ao ponto de pôr, como título de uma entrevista minha, uma declaração que não fiz, em clara contradição com as afirmações transcritas no corpo da entrevista.

O mesmo pretexto tem servido e serve para silenciar e apagar a realidade política que é a existência inofismável de uma candidatura às eleições presidenciais promovida pelo Partido Comunista Português.

A verdade é que existe um candidato à Presidência da República que declarou e declara que irá às urnas só em condições extremas, porque actuará até ao limite das suas possibilidades em favor da convergência das forças democráticas em torno de um candidato único.

O propósito bem nítido de distorcer e silenciar a minha candidatura insere-se na já corriqueira distorção e silenciamento das posições do movimento operário e popular e em particular do PCP. Mas quem se desqualifica, desacredita e afunda são a RTP e os órgãos de Comunicação Social que lhe seguem as pisadas (...).



A candidatura de Ângelo Veloso tem representado um significativo esforço de esclarecimento e de diálogo democrático, apontando o caminho da unidade e da convergência imperiosa dos democratas para a vitória em 26 de Janeiro de 1986.

## Mário Soares e o grande capital

### ● Mais «garantias» que Freitas?!

(...) É hoje importante sublinhar que as perspectivas e o futuro da candidatura de Mário Soares estão cada vez mais dependentes dos apoios e dos votos da direita. É visível que o discurso eleitoral de Mário Soares abandona o verniz e a demagogia de «esquerda moderna» ou «esquerda democrática» para apelar abertamente ao apoio e ao voto dos sectores sociais e políticos da direita. Talvez por isso se empenhe agora a redigir novo manifesto eleitoral — ao que dizem os comentadores — para corrigir meia dúzia de adjectivos que escaparam ao mani-

festado redigido pela sua comissão política.

M. Soares procura convencer o grande capital e a reacção que é ele quem pode não apenas assegurar-lhes a vitória nas eleições presidenciais, mas também é ele, Mário Soares, quem lhes oferece as maiores garantias de realizar como Presidente da República a política de recuperação capitalista e de revisão anticonstitucional do regime democrático. Mário Soares intenta agora convencer a reacção de que é mais seguro apoiá-lo do que apoiar Freitas do Amaral. Al-

meida Santos acena à direita com a revisão constitucional se Mário Soares for eleito, esclarecendo que «não se trata duma troca», mas de «aproveitar, no sentido da viabilização de uma revisão antecipada»... Talvez ele queira dizer que não é uma «troca» mas um **negócio**...

Um comentador dum semanário de direita chega a afirmar que «se a farsa for bem encenada, parte da direita poderá ser tentada a encerrar Mário Soares e não Freitas do Amaral como garante da sua tranquilidade» (...)

## O Presidente da República na sociedade portuguesa

### ● Seria lamentável estimular sebastianismos

(...) É certo que são muito grandes os poderes institucionais do Presidente da República. E também é certo que o Presidente da República deve contribuir de forma activa para a realização de uma política nacional que corresponda aos interesses do País e às aspirações populares mais prementes e sentidas.

Não é de agora esta nossa posição. Sempre a anunciámos claramente.

Mas não podemos estar de acordo com aqueles que desviam para o actual Presidente a

responsabilidade pela política realizada nos últimos anos pelos governos da AD e do PS/PSD. É necessário sublinhar fortemente que a política de desastre dos últimos nove anos é obra dos sucessivos governos de direita, com ou sem o PS, mas sempre com o apoio ou a mais alta responsabilidade pessoal de Mário Soares e de Freitas do Amaral.

A contribuição activa do Presidente da República situa-se necessariamente na sua esfera própria de acção no quadro do diálogo com as forças políticas e

sociais, e no âmbito das suas competências e poderes. Seria lamentável estimular sebastianismos de qualquer tipo, eivados de utopismo e voluntarismo, que, ao fim e ao cabo, seriam factores de expectativa paralisante, de menor participação democrática, de desmobilização dos trabalhadores e do povo e do País. A luta de massas é e será sempre um factor determinante na vida política nacional e na resolução dos gravíssimos problemas que atingem todas as classes e camadas intermédias não monopolistas. (...)

**edições Avante!**

**MARX ENGELS**

OBRAS ESCOLHIDAS EM TRÊS TOMOS

TOMO I

edições Avante!

EN

**MARX ENGELS**

OBRAS ESCOLHIDAS EM TRÊS TOMOS

TOMO II

edições Avante!

EN

**MARX ENGELS**

OBRAS ESCOLHIDAS

OBRAS ESCOLHIDAS

à venda o III tomo

**Desconhecer Marx-Engels é ignorar o presente e o futuro**

Cerca de 2000 páginas  
Formato: 14,6 x 22,0  
3 volumes encadernados  
Cada volume 800\$00

**Uma tradução rigorosa dos principais textos de Marx e Engels**

Obras escolhidas Marx-Engels indispensáveis na sua biblioteca

EN

Trabalhadores

SALÁRIOS MÍNIMOS

# A CGTP insiste nas propostas apresentadas ao Primeiro-Ministro

• **Imediata revogação da Lei das Rendas, reclama o movimento sindical**

Os novos valores dos salários mínimos nacionais, a partir de 1 de Janeiro, devem ser de 17 000 escudos para o serviço doméstico, 21 500 escudos para os assalariados rurais e 24 500 escudos para os restantes trabalhadores. Esta proposta moderada e realista foi apresentada pela CGTP-IN, num conjunto de reivindicações sociais entregues ao Primeiro-Ministro em 6 de Novembro findo. Estes valores e a «imediata revogação da lei das rendas de casa» foram novamente reclamados pela Central, na passada quarta-feira, dia em que se reuniu o Conselho Permanente da Concertação Social. Este órgão consultivo, onde dominam as posições do Governo e do qual, como se sabe, a CGTP não faz parte, reuniu-se com a presença do Primeiro-Ministro, mais sete ministros e um secretário de Estado. Junto com as associações do grande patronato (CIP, CAP e CCP) a UGT participou também na reunião, depois da qual o ministro das Finanças deixou entender que a suposta taxa de inflação (14 por cento), anunciada pelo Governo para o próximo ano, determinará os níveis de aumento dos salários mínimos e servirá como coeficiente para os aumentos das rendas de casa. A insistência governamental naquela percentagem, que «escolheu» para a inflação, revela também a tentativa de impor, explícito ou não, um tecto salarial. Por estes dias, antes e depois do Natal, decorreram e estão previstas acções de luta coordenadas pelo movimento sindical.

Os salários em atraso, o desemprego e a melhoria das condições de vida são determinantes na condução dessas acções que se desenvolverão também depois do Natal. Para o último sábado, preparava-se, a meio da semana passada, uma «marcha da fome» dos reformados de Lisboa e Setúbal, na baixa lisboeta. Os trabalhadores da **Torrata** reclamaram salários em atra-

so na Inspeção do Trabalho. A **Função Pública**, depois de um plenário, deslocou-se ao Ministério das Finanças. No **Porto**, estavam marcadas várias acções de solidariedade e luta até dia 21. Para ontem, 22, continuava anunciada uma concentração dos reformados da CP. Para o Rossio, em Lisboa, anunciava-se, quinta-feira, a afluência de uma «fila humana» de trabalha-

dores do distrito de Setúbal. Terminava entretanto a «semana de luta» dos **gráficos** (contratação colectiva: ver **Lutas e tarefas**) e deslocava-se a Lisboa uma delegação dos **trabalhadores agrícolas do Sul**.

**Função Pública não voltará às «ocorrências imprevistas»?**

Os sindicatos da Função Pública conseguiram entretanto uma audiência com o secretário de Estado do Orçamento. Rui Carp prometeu aos representantes da **Frente Comum** que, ainda no decorrer da semana passada, «ficaria acertado o calendário de negociações» da PRC/86 (Proposta Reivindicativa Comum). Segundo a Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública, o secretário de Estado, no que respeita às **rubricas orçamentais**, «garantiu que ia ser criada uma rubrica própria para as remunerações dos trabalhadores da Função Pública, deixando estas de ser incluídas nas «ocorrências imprevistas» — o que já não é sem tempo, acrescenta-se, em abono da verdade.

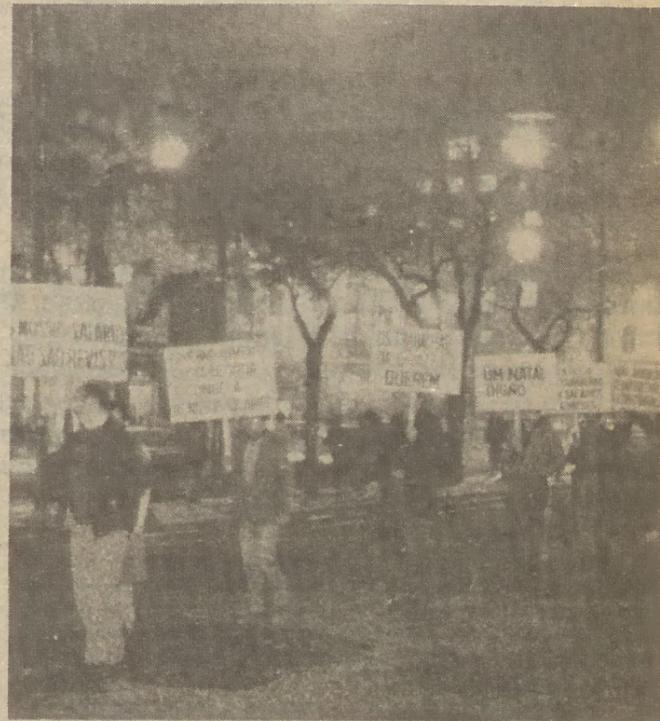
No plenário da **Frente** sindical, reunido antes da audiência com o secretário de Estado do Orçamento, participaram, na tar-

de da passada quarta-feira em Lisboa, «cerca de 300 dirigentes, delegados e activistas sindicais». Na audiência com Rui Carp, diz a Federação, este membro do Governo «assumiu o compromisso de encetar um processo negociado transparente com os sindicatos sobre as questões de natureza salarial, o qual deverá decorrer antes de a proposta do Orçamento de Estado entrar na Assembleia da República».

A reunião com o secretário de Estado do Orçamento «realizou-se por indicação do ministro das Finanças», destaca a Federação, acrescentando que, «além das questões salariais, o processo negociado incidirá sobre outras matérias de que se destacam as carreiras e a estabilidade de emprego».

**«Mais de 650 processos parados nos tribunais»**

Dirigentes sindicais dos trabalhadores agrícolas do Sul, que requerem audiências ao Governo e aos grupos parlamentares, dizem aos órgãos de comunicação social em Lisboa que, devido ao desprezo a que é votado o contrato colectivo de trabalho, há (só no sector) «mais de 650 pro-



Centenas de trabalhadores desceram na última quinta-feira à baixa lisboeta como forma de protesto contra o desemprego e os salários em atraso, pela melhoria das condições de vida

cessos em tribunal desde 1978, cujo valor ultrapassa os 60 mil contos e em relação aos quais o patronato, devido à inércia dos tribunais, está a embolsar anualmente mais de 3200 contos só em juros».

Os assuntos da conferência de Imprensa, que os dirigentes sindicais agrícolas do Sul anunciaram para a passada quinta-

feira e aos quais voltaremos na primeira oportunidade, incidiram na «inércia, ou actuação incorrecta da Inspeção-Geral do Trabalho e dos tribunais» e na falta de cumprimento do contrato colectivo de trabalho.

Sabia-se, entretanto, que a delegação sindical seria recebida pelo ministro do Trabalho e por vários grupos parlamentares.

**a Melhor Oferta**

edições **Avante!**

Obras escolhidas de Marx / Engels  
Obras escolhidas de Lenine  
Biografia de Marx  
60 anos de luta  
Barranco de Cegos

## LUTAS E TAREFAS

• «A pretexto de atrasos no descongelamento de verbas, o Ministério da Educação mantém um número significativo de trabalhadores, que por ora não é possível quantificar, prestando serviço sem receber, desde o princípio do ano lectivo». A Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública, que revela esta anomalia, salienta que os «salários em atraso chegam também às escolas». Embora ainda indeterminado, o total de trabalhadores nessas condições deve ser de «várias centenas». Com **contratos a prazo** em estabelecimentos de ensino básico e secundário de todo o País, parte considerável dos **dois mil admitidos** no início do ano lectivo ainda não tinha recebido, no dia 17 do corrente, os meses de Outubro e Novembro. Protestando e exigindo o pagamento dos meses em atraso, a Federação recorda que, «apesar de irem ocupar lugares que correspondem à satisfação de necessidades certas e permanentes das escolas», esses trabalhadores (não docentes) foram admitidos a prazo, na base do decreto-lei 280/85 de 22 de Julho. Ora, esse decreto, «aprovado pelo anterior Governo à revelia dos sindicatos», é «uma **versão agravada do regime de contratos a prazo vigente no sector privado**». Depois de lembrar que a declaração de inconstitucionalidade desse diploma já foi pedida ao Tribunal competente, ao mesmo tempo que era solicitada a intervenção da Assembleia da República, a Federação sindical da Função Pública «exige o imediato pagamento dos salários de todos os trabalhadores naquela situação, estando a diligenciar junto dos Ministérios da Educação e das Finanças no sentido de o problema ser rapidamente resolvido». Oxalá isso aconteça antes de este número do «Avante!» chegar à mão dos seus

leitores. Mas não se pode, no entanto, deixar de salientar o facto de este Governo, na altura em que promete acabar com os salários em atraso, começar ele próprio por não os pagar.

• O ministro do Trabalho deve intervir para pôr termo ao «escandaloso bloqueio da contratação colectiva» na indústria gráfica e na transformadora de papel. No sentido dessa intervenção, a Federação sindical anunciou «um conjunto de acções diversificadas em várias localidades», entre 17 e 21 do corrente. «A cristalização dos salários contractuais da esmagadora maioria dos trabalhadores» verifica-se desde 1981. A Federação aponta como responsável o patronato (a Associação Portuguesa das Indústrias Gráfica e Transformadora do Papel) e um denominado «Sindegref» que «cozinham», em 1982, um «contrato colectivo de trabalho (CCT), cujo clausulado reduz as regalias e direitos anteriormente conquistados pelos trabalhadores». Desde essa altura, há três anos, que «o patronato tem condicionado a negociação com as organizações sindicais representativas à aceitação daquele clausulado». A «generalidade dos trabalhadores» repudia essa posição. Repudia também o facto de o Governo dar cobertura política ao patronato, neste caso, «não o punindo com a lei». A Federação esclarece que, em Junho de 1983, o Ministério do Trabalho lhe deu razão e «se comprometeu com a solução legalmente correcta — uma PRT (Portaria de Regulamentação de Trabalho) —». Mas acabou o Ministério por «desonrar o seu compromisso», tendo até agora adoptado «uma inqualificável atitude de inércia, reveladora de intolerável convívência com a recusa negociada do patronato». Infelizmente, o caso não é único. O Ministério deve intervir.

Internacional

Argentina

# A ditadura continua no banco dos réus

Culminando um longo processo iniciado em Dezembro de 1983, os tribunais argentinos terminaram na primeira quinzena deste mês o julgamento dos generais responsáveis por uma das mais tenebrosas guerras sujas da história da América Latina.

Mas se as sentenças proferidas contra os réus — condenação a prisão perpétua dos ex-comandantes do exército e da marinha, penas de quatro a 17 anos de prisão para três oficiais superiores e quatro absolvições — constituem na verdade um facto inédito no continente latino-americano, não é menos verdade que não satisfizeram ninguém. As forças de direita consideraram-nas excessivas, os sectores democráticos insuficientes. O governo de Raul Alfonsín, por seu lado, parece não desejar mais do que colocar uma pedra sobre a questão.

É provável que quando Alfonsín assumiu como ponto de honra levar até às últimas consequências o julgamento dos militares que durante a ditadura mergulharam a Argentina na mais feroz repressão, permitindo os crimes mais abjectos, não tivesse plena noção da amplitude do vespeiro em que pretendia mexer.

Começou por pretender que fossem os juízes dos tribunais militares a proceder ao julgamento, quando era por demais evidente a disposição do Conselho Superior das Forças Armadas em sabotar (como de facto sucedeu) o andamento dos processos. E se Raul Alfonsín previu a eventualidade, fazendo aprovar no parlamento uma pro-

posta de reforma do código de justiça militar, que incluía o tribunal civil de apelações como instância de recurso obrigatório para as sentenças proferidas a nível militar ou a demora injustificada nos processos, o certo é que não ganhou nada ao provocar o confronto com as hierarquias militares que se lhe não submeteram.

Por outro lado, parece hoje possível concluir que o governo argentino se deixou influenciar pelas pressões dos sectores mais reaccionários, que foram desde as ameaças aos atentados, impedindo a plena divulgação pública dos julgamentos (como a sua transmissão pela televisão), que constituíram uma autêntica câmara dos horrores

reconstituída com as revelações de mais de um milhar de testemunhas.

Os mais diversos boatos que foram postos a circular durante o decorrer do processo tinham como objectivo criar a convicção de que os julgamentos seriam um fracasso para a democracia. E não é de excluir que os seus efeitos se tenham feito sentir nos juízes, que ao contrário do que pretendia o acusador público, se recusaram a julgar os chefes militares como membros das Juntas (o que os tornava co-responsáveis dos crimes cometidos), optando antes por atribuir esses crimes às diversas armas.

## Um processo em aberto

Como afirmou a propósito o Prémio Nobel da Paz, Perez Esquivel, para o tribunal não existiu a ditadura, mas apenas actos isolados; o mesmo tribunal não se sente afectado por um terrorismo de Estado que subverteu não só toda a vida nacional e as instituições, mas também o próprio poder judicial.

O que levou, como sublinhava o jornal comunista «Que Pasa», a afirmar que o resultado dos julgamentos não reflec-

te a imensa tragédia que se viveu na Argentina.

As manifestações de protesto levadas a cabo pelas organizações de direitos humanos deixaram bem claro que o povo argentino não está disposto a perdoar aos seus carrascos, e que o assunto pode estar longe de poder ser encerrado.

O facto do tribunal ter ordenado que, independentemente das sentenças agora proferidas, o Conselho Supremo das Forças Armadas instaure processos contra os comandantes de zonas e subzonas de segurança e contra os que tiveram responsabilidades operativas nos crimes constatados durante o julgamento dos oficiais, aponta em certa medida para a consciência da necessidade de levar mais fundo a punição das atrocidades cometidas durante a ditadura.

A questão que fica de novo em aberto é a da isenção do próprio Conselho, que até agora, já lá vão dois anos, não ditou uma única sentença, apoiou publicamente a ditadura e elogiou alguns dos acusados de sequestros graves. Que garantia de justiça pode então dar, quando nem sequer tentou depurar e hierarquizar as Forças Armadas?

O povo argentino pretende que os responsáveis pelos excessos da ditadura sejam exemplarmente condenados. Uma solução de meio termo não beneficiará a democracia.

## Marcha pela paz na América Central

Um grupo de 320 pacifistas da Europa, da Ásia e dos Estados Unidos está a realizar, desde o passado dia 10, uma marcha pela paz na América Central. A iniciativa, que deve terminar a 22 de Janeiro no México, tem como principal objectivo denunciar a política intervencionista dos Estados Unidos naquela região.

Os pacifistas, cujo itinerário passa pela Costa Rica, Honduras, Nicarágua, Salvador e Guatemala, foram já impedidos de se manifestar junto da base aérea norte-americana de Howard, no Panamá, pela polícia local e pelos «marines».

## A UNICEF critica o FMI

A Organização das Nações Unidas para a infância (UNICEF), afirma no seu relatório anual que a política económica «recomendada» pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) e pelo Banco Mundial para África contribuiu em geral para agravar a crise com que se debate aquele continente. Ao colocarem a tónica no reembolso das dívidas dos países africanos e no equilíbrio das balanças de pagamento, as directivas do FMI provocaram um aumento do desemprego, a quebra dos rendimentos da população, uma baixa da produção industrial e a redução dos serviços públicos, faz notar a UNICEF.

## Israel apela aos EUA

O governo israelita liderado por Shimon Peres continua a manifestar-se incapaz de fazer face à gravíssima crise económica que afecta o país, optando por acentuar ainda mais a sua dependência de Washington.

De acordo com dados recentemente divulgados, para o ano financeiro de 1987 Israel pediu aos EUA uma ajuda económica superior a 3,5 mil milhões de dólares, dos quais 2,3 mil milhões para fins militares.

## Somália compra armas à África do Sul

Segundo o boletim da Organização de Negros Americanos «Transafrica», a Somália está a comprar secretamente armas à África do Sul, no âmbito de um acordo estabelecido entre o presidente somali Siad Barre e o ministro dos Negócios Estrangeiros racista, Roelof Botha.

Nos termos do acordo, Pretória teria obtido, em troca de armas, equipamento militar e assessores militares e dos serviços secretos sul-africanos, concessões para a «South African Airways» e alargado as suas capacidades estratégicas na Somália.

## Recessão nos EUA

Uma sondagem da Associação Nacional de Economistas norte-americanos revelou que a maior parte dos seus membros considera que em 1987 a economia dos EUA pode registar uma nova recessão.

Bastante cépticos face ao projecto-lei que prevê o equilíbrio do orçamento federal até 1991, os membros daquela associação são de opinião de que no presente ano financeiro o défice federal será de 20 mil milhões de dólares e de que atingirá em 1987 o montante de cerca de 190 mil milhões de dólares.

## Desarmamento em foco na ONU

A atenção central que as questões da paz e do desarmamento ocuparam nos debates da 40.ª sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas está bem patente no número de deliberações aprovadas sobre desarmamento e segurança: setenta. Culminando a actual etapa dos trabalhos, a Assembleia confirmou o significativo papel da Declaração sobre o fortalecimento da segurança internacional aprovada por iniciativa da URSS há 15 anos, tendo em conta particularmente a escalada da corrida aos armamentos, sobretudo nucleares e da ameaça do seu alastramento ao espaço.

De salientar que, no total, os EUA votaram contra 33 resoluções relacionadas com o desarmamento e a segurança internacional, seis das quais sozinhas.

## Médicos portugueses na URSS

Uma delegação da Associação Portuguesa «Médicos pela prevenção de uma guerra nuclear» visitou recentemente a URSS, tendo estabelecido um acordo para ampliar o intercâmbio entre médicos portugueses e soviéticos.

Segundo Moradas Ferreira, vice-presidente da Associação Nacional, os aspectos formais do acordo serão tratados em Lisboa, de modo a que o intercâmbio, que inclui a cooperação de especialistas dos dois países, visitas e troca de edições e periódicos médicos, entre em vigor, já no próximo ano.

## África do Sul

# Natal negro vitorioso

A operação «Natal negro» desencadeada pelos comités anti-apartheid da África do Sul no início do mês, tendo como objectivo o boicote dos estabelecimentos comerciais propriedade de cidadãos bancos, está a saldar-se em mais uma importante vitória popular contra o regime de minoria branca.

Segundo as câmaras de comércio sul-africanas a operação, que se prolongará até 2 de Janeiro, provocou já uma quebra de vendas de 90 por cento.

A esta forma de luta poderá juntar-se em breve uma outra, ainda de maior impacto, como anunciou recentemente o presidente da nova federação sindical multiracial sul-africana, COSATU. Segundo Elijah Barayi, a fe-

deração está disposta a organizar uma greve ao pagamento das rendas de casa e dos impostos se a ordem política não mudar rapidamente.

Trata-se, no final de um ano em que a luta anti-apartheid se

caracterizou pela generalização da palavra de ordem do Congresso Nacional Africano (ANC) de tornar o país ingovernável pela minoria branca, de um verdadeiro assalto à debilitada economia sul-africana. De salientar que a África do Sul está a viver a sua maior crise dos últimos dez anos. Segundo os dados oficiais, a taxa de inflação alcançou o seu nível record — 16,81 por cento — e a cotação do rand baixou 20 por cento em relação a 1983, enquanto diminuiu a taxa de crescimento do produto nacional e aumentavam os preços.

Os reflexos desta situação fazem-se sentir em primeiro lugar

na população negra; de acordo com um estudo da OIT, um em cada quatro sul-africanos aptos para o trabalho encontra-se actualmente desempregado.

As despesas militares continuam entretanto a aumentar, tendo em 1984 atingido o seu valor máximo, situando-se nos 3,75 biliões de rands!

Esta situação, aliada com a feroz repressão desencadeada pelo regime de Pretória, que segundo o relatório do Instituto sul-africano de Relações Raciais provocou nos últimos 16 meses cerca de um milhar de mortos, metade dos quais depois de ter sido decretado o estado de emergência em 21 de Julho, não só não conseguiu desmobilizar como antes galvanizou a luta pela liberdade e a democracia na África do Sul!

No ano em que se assinala o 24.º aniversário do começo da luta armada contra o apartheid, são mais actuais do que nunca as declarações então divulgadas pelo ANC: Na vida de cada povo existe um momento em que este deve decidir — resignar-se ou lutar. Esse momento chegou para África do Sul. O ANC não tem outra hipótese senão lutar, com todos os meios de que dispõe, pela liberdade do povo, contra a qual a camarilha dos racistas desencadeou a violência armada.

A luta tornou-se irreversível.



A repressão tornou-se uma cena de todos os dias na África do Sul

## Internacional

# O aviso de Bhopal

## • A tragédia foi há um ano

A grande tragédia da Bhopal — semelhante, pelos seus efeitos, a uma acção de guerra química — foi há um ano. As suas consequências permanecem e permanecerão vivas, talvez por várias gerações. E porque se tratou, não de uma catástrofe natural, mas de uma tragédia, fruto da própria lógica de lucro da sociedade capitalista, surge como um aviso a ter em conta, um factor mais de mobilização e luta. No fim deste ano de 85, em que, numa situação muito perigosa e complexa, se abrem algumas perspectivas melhores na batalha pelo saneamento da situação política internacional, é importante relembrar Bhopal. Uma razão mais para lutar por uma alteração positiva nas relações internacionais, que poderá também levar a uma restrição dos «direitos» das multinacionais.

Por isso reproduzimos nas nossas páginas extractos de um trabalho de Egorov, doutorado em química, e Khozine, doutorado em história, divulgado pelo periódico, «Notícias de Moscovo».

### Nunca mais

Aconteceu numa calma e fresca noite de 2 para 3 de Dezembro de 1984. Os habitantes da cidade indiana de Bhopal, a 750 quilómetros a Sul de Deli, dormiam placidamente, em vésperas de uma nova semana de trabalho.

Entretanto, tinha-se criado uma situação crítica na fábrica de pesticidas, nos arredores da cidade, propriedade da multinacional «União Carbide». Um enorme reservatório de 40 toneladas deixara de ser estanque. O reservatório continha uma combinação química extremamente perigosa para o homem, o MIC, utilizado na produção de pesticidas. O conteúdo do reservatório

passa ao estado gasoso e espalha-se na atmosfera. Foram vãs as tentativas para evitar o acidente e às 0 horas e 56 minutos, uma espessa névum tóxica dirige-se para a cidade penetrando silenciosamente nas casas e deixando atrás de si os mortos e os asfixiados. Acordados em plena noite, os habitantes da cidade, não compreendendo o que acontecia, abriam portas e janelas sem poder sequer pensar que assim a morte se aproximava mais ainda. Atacados por uma tosse violenta e espasmos que provocavam o aparecimento de uma espuma sanguinolenta nos lábios, queimaduras nos olhos, perturbações na actividade interna do organismo, corriam pela cidade em busca de auxílio.



Bhopal, uma tragédia em que não se deve esquecer quem foram os responsáveis — as multinacionais norte-americanas

Numa entrevista à revista «Notícias de química e de engenharia», o presidente do município de Bhopal, R. K. Bisarya, relembra: «Posso dizer que vi a guerra química, tanto os acontecimentos se lhe assemelhavam. As cabras, os gatos, famílias inteiras estendidas, silenciosas e imóveis. Os edifícios, intactos. Espero não voltar a ver nada de semelhante».

O balanço da tragédia de Bhopal foi monstruoso: mais de 2500 mortos, 85 000 pessoas seriamente atingidas e quase 250 000 que de alguma forma sofreram efeitos da acção da substância tóxica.

Quem sabe a que sofrimentos estão votados os sobreviventes, que consequências terá para eles a catástrofe? Um ano depois, muitos dos atingidos regressam aos hospitais com diversas lesões nos olhos, nos pulmões, sofrem de vertigens, perderam a capacidade de coordenação dos movimentos, faltam-lhes o apetite, são incapazes de cumprir o seu trabalho habitual. Alguns produtos, provavelmente resultado da decomposição do MIC, foram descobertos no sangue de muitos. A acção do MIC sobre as futuras crianças é particularmente inquietante. De acordo com os resultados de um estudo efectuado pela Escola Médica Gandhi, em Bhopal, 137 das 618 crianças que nasceram entre Dezembro de 1984 e Julho de 1985, ou já nasceram mortas ou morreram poucos dias depois. Anomalias congénitas foram detectadas em muitas delas. A toxicidade do MIC é bem co-

nhecida entre os especialistas. Algumas companhias de produtos químicos esforçam-se no sentido de não acumular tal produto durante a produção, tratando-o imediatamente. Numa das fábricas da companhia americana «Du Pont» a quantidade desta substância no ciclo de produção não ultrapassa os 9 quilos e na fábrica «Union Carbide» em Bhopal havia três depósitos. Um deles, só por si, continha 40 toneladas de MIC.

Os voluntários indianos que, desprezando o perigo, penetraram no terreno da fábrica para acelerar a transformação do MIC num produto menos perigoso levaram a cabo verdadeiros actos de coragem.

### A vida lado a lado com a morte

Os nomes de alguns trabalhadores da fábrica de Bhopal e de funcionários da «União Carbide» — parcialmente responsáveis destes acontecimentos, já foram apontados. Mas naturalmente não se trata apenas da sua responsabilidade individual. A «exportação das poluições», o «neocolonialismo tecnológico», o desprezo pelos direitos humanos nos países em vias de desenvolvimento, são apenas algumas das acusações mais sérias que se podem fazer contra as grandes multinacionais do mundo capitalista que produzem substâncias tóxicas. As multinacionais procuram instalar as empresas mais perigosas, não no seu próprio país, mas em países em vias de desenvolvimento. Utili-

zando em seu porveito o agudo problema do desemprego nesses países, o insuficiente desenvolvimento do sistema de legislação relativo à segurança profissional, exigências pouco rígidas no que respeita à protecção do meio-ambiente, abrem nos países em vias de desenvolvimento fábricas que funcionam permanentemente no limite de um acidente perigoso. Os operários das empresas das multinacionais nestes países são cinicamente privados de informação sobre a toxicidade das matérias primas que utilizam e da ameaça que deriva do processo de produção. Não são munidos de meios de protecção em caso de catástrofe. Não sabem o que devem fazer nesse caso. As companhias não destinam capital para a elevação do nível profissional dos operários e dos empregados e apostam numa mão-de-obra barata.

A situação ainda é mais grave quando uma cidade cresce nas proximidades de uma tal fábrica. É uma «espada de Dâmo-cles» suspensa sobre os seus habitantes que não suspeitam que estão a viver junto de uma ameaça de morte. Mas isso não preocupa em nada as multinacionais.

Essa a razão principal da tragédia de Bhopal de que são responsáveis, não apenas os funcionários menores da fábrica, mas os altos funcionários da «União Carbide» nos EUA, os verdadeiros patrões de todo o sistema de multinacionais que se apressam a instalar-se nos países em vias de desenvolvimento.

### De Bhopal a...

Bhopal faz doravante parte dos acontecimentos mais negros da humanidade. O facto de esta catástrofe ter ocorrido em tempos de paz só agrava a responsabilidade dos que votaram à morte e ao sofrimento milhares de indianos.

Mas há ainda uma outra lição a tirar de Bhopal. O que se passou obriga-nos a reflectir quanto à amplitude e às consequências das catástrofes com que a acumulação da arma química — o seu armazenamento em regiões como a Europa, pequeno continente densamente povoado — ameaça o mundo. A Europa é já o maior arsenal de armas químicas americanas. E no futuro, a Europa ocidental está ameaçada pela instalação da arma binária americana no seu território. O deflagrar de uma tragédia é possível em tempos de paz. Qual seria a amplitude da catástrofe no continente e para toda a humanidade, em caso de guerra química!

Tudo isto nos deve levar todos, mesmo os que vivem longe de Bhopal, a reflectir, um ano depois da tragédia, sobre a segurança na Europa e no mundo.

**Direitos humanos.** Em 10 de Dezembro de 1948 a Assembleia Geral da ONU aprovou a Declaração Universal dos Direitos do Homem, proclamando: «Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos».

Uma declaração que não tem força de lei. É um apelo. Mas não só. É sobretudo um conjunto de princípios fundamentais que em termos comparativos nos dão a medida da importância que cada sistema socioeconómico confere ao ser humano.

A Declaração Universal dos direitos Humanos consagra, por exemplo: o direito à vida; o direito à segurança social; o direito ao trabalho e à protecção contra o desemprego. E é oportuno relembrá-lo no fim deste ano, num momento em que os dados estatísticos divulgados confirmam o que todos sabemos, também por experiência própria, do que é a realidade no mundo capitalista: o aumento da taxa de desemprego, os cortes sistemáticos nas despesas sociais, para citarmos apenas alguns factos que mais afectam a vida quotidiana da grande massa dos trabalhadores.

Alguns exemplos concretos:

A Comissão para as ciências sociais e o ensino do conselho nacional de investigação dos Estados Unidos, divulgou que a taxa de desemprego entre os jovens negros foi de 42,7% em 1984; «o número de pobres, gente com fome e sem abrigo, longe de diminuir, aumenta constantemente em certas regiões dos EUA», segundo testemunho do dirigente Nacional da organização social «Exército da Saúde». Exemplos significativos que ilustram — pela negativa — o que são de facto os direitos humanos, quem os viola, o valor de uma declaração aprovada há 7 anos e que para a maioria da humanidade constitui ainda meta longínqua.

### Ciência ou espionagem?

Não é novidade dizer que a ciência não é neutra. Muito menos quando assume a importância impar dos dias de hoje. Isso é verdade quando se fala da participação (nos Estados Unidos, maioritária) da investigação científica em projectos militares. É verdade quando nos referimos às técnicas de guerra psicológica. É-o também no domínio da espionagem, ou seja, como instrumento político específico. Factos que não podem deixar — nem deixam — indiferentes os trabalhadores científicos.

Assim, no passado mês de Novembro, as associações de cientistas norte-americanos especializados em problemas do Médio Oriente e da África, protestaram contra a utilização de estabelecimentos científicos do país pelos departamentos de espionagem dos EUA. Representantes de círculos académicos, em reunião conjunta das associações científicas referidas, realizada em Nova Orleães, estado de Louisiana, aprovaram uma resolução de condenação dos vínculos existentes entre a CIA e o centro de estudos dos problemas do Médio Oriente anexo à Universidade de Harvard. Naquele centro realizou-se, em meados de Outubro, uma conferência subordinada ao tema «O Islão e a política do mundo contemporâneo», em que a CIA figurava entre os seus principais promotores, sabendo-se igualmente que o director do Centro mantém estreitas ligações (e dependências) em relação a essa organização de espionagem.

Não se trata, naturalmente, de nada de novo. Mas nem por isso é menos significativo que associações científicas tomem uma posição que objectivamente se vira contra a participação de instituições de investigação na prática política do imperialismo.

«É bem de ver que se a PVT estivesse simplesmente interessada em procurar carros roubados, não teria mais que vigiar as matrículas, ou os carros das marcas dos desaparecidos. Para procurar indocumentados ou pessoas em falta tem inúmeros postos e brigadas volantes que seria mais que suficientes. É por isso que se é levado a concluir que a actividade em que a PVT tem estado empenhada vai muito para além das suas atribuições. Só isto pode explicar que se organizem stops como aquele a que chamaram «Operação Portugal», que abrangeu a totalidade do País, demorou 27 horas e no qual foram controlados mais de 125 500 carros e perto de 24 300 ciclistas! Já antes, Lisboa e Porto tinham estado submetidas, durante toda uma noite cada, a stops do mesmo género, onde foram abordados mais de 5500 e 3000 carros, respectivamente, sendo portanto incomodados e prejudicados num só mês centenas de milhares de pessoas!» (...)

(«Os Stops da PVT Causam Prejuízos à População» — «Avante!», VI Série, n.º 336, Dezembro de 1963)

**Avante!**  
Revista de Política Cultural, Social, Económica e Literária

«Sempre na vanguarda na conquista do espaço, desde que em 1957 lançou o primeiro Sputnik artificial da Terra, a União Soviética acaba de cometer mais uma importantíssima proeza enviando para o espaço numa só nave cósmica o Voskid (Aurora), 3 cosmonautas.» (...)

«Os progressos técnicos e científicos aplicados nesta nave cósmica permitiram não apenas a viagem de 3 pessoas, mas também que elas pudessem trabalhar com mais eficiência e em melhores condições. Pela primeira vez na história da cosmonáutica, o voo pôde fazer-se sem os tradicionais escafandros espaciais, o que marca um avanço importante.» (...)

«Ainda que, como foi assinado "o programa do voo não incluiu um só aspecto susceptível de ser utilizado para fins bélicos" é justo salientar que o foguetão que pôs a nave em órbita é o mais potente até agora construído! Isto indica também como a União Soviética está em condições de assegurar a defesa da paz em todo o mundo.» (...)

(«A Conquista do Espaço!» — «Avante!», VI Série, n.º 348, Dezembro de 1964)

**AVANTE!**  
Revista de Política Cultural, Social, Económica e Literária

«As inundações que na noite de 25 de Novembro assolaram a região de Lisboa, provocando a morte e a destruição numa vasta área, não teriam originado semelhante tragédia se o Governo se tivesse preocupado em resolver o problema da habitação para os trabalhadores, se tivesse cuidado da regulamentação dos rios e da defesa das populações ribeirinhas, se tivesse tomado as medidas de emergência que as circunstâncias impunham.» (...)

«Porque não foram destruídos pelas chuvas diluvianas os bairros residenciais de Lisboa, mas sim os bairros da Urmeira, Olival Basto, Pombais da Pontinha, Quinta do Silvado, Odivelas e outros?»

«Porque nestes bairros se acumulavam milhares de trabalhadores sem possibilidades económicas para pagar elevadas rendas e que se viram forçados a construir as suas pobres barracas de lata ou a viver nas miseráveis habitações que a Câmara Municipal de Lisboa lhes oferecia a troco de alugueiros de 150\$00, 200\$00 e 300\$00. (...)

(«A Catástrofe de 25 de Novembro» — «Avante!», VI Série, n.º 386, Dezembro de 1967)

# Em Foco

Avante!

Ano 53 - Série VII  
N.º 626

23 de Dezembro de 1985

3.º Caderno

Não pode ser vendido  
separadamente



■ Henrique Custódio

# Adeus até ao meu regresso

**P**arem lá um bocadinho. Calem-se. Esqueçam o que está à vossa frente e recuem dentro de vós. **Dentro de vós**, é isso, é isso, mas mais para trás ainda, antes do 25 de Abril, há 12 anos, por exemplo... Pode ser em Dezembro, sim senhor, ou noutra mês qualquer, tanto faz, a escolha é vossa desde que já tenham chegado a 1973, ou 72, ou 71... Estão a lembrar-se?!...

... Fui mobilizado, mãe, vou para a Guiné num batalhão porreiro, conheço-os todos, não há-de ser nada. Mas, filho, dizem que a Guiné é onde há mais guerra, foi lá que morreu o filho da Gracinda. Deixei-se disso! Não ficam lá todos, também se morre aqui debaixo dum automóvel e eu até vou para uma zona ao pé duma cidade. Ai minha nossa senhora que desgraça a minha! Qual desgraça qual carapuça, assim ainda atrapalhas mais o rapaz, vai mas é ter com a rapariga, anda! Não quero aqui lamúrias, aproveita o tempo que ainda não vais hoje! Pois não, pai, pois não, já fui quando? Que frio que está, caraças, o gajo tinha razão, mandam-nos sempre de madrugada, isto não é um comboio, é uma carroça de gado, dou-te um cigarro mas é o tanas, Alto Aí Esse Saco é Meu! Estás a ver isto, uma carrada de bestas para o matadouro e ainda se riem, olha-me só o tenente-coronel, pingalim alçado luva de cabedal nunca pôs os pés no mato. Mas vai pôr, já lá está na Bambandinca com

quatro quartéis à volta, desenha setas no mapa a semear emboscadas e vem hoje de helicóptero cumprimentar os nossos mortos, sete duma vez, o resto eram milícias, dizem que vai haver um inquérito por causa desta argolada e afinal foi promovido, é coronel de sete estrelas, uma de alferes, uma de furriel, as outras de soldados com um cabo pelo meio, que os milícias não contam. E eu dou cabo deles se o rapaz não volta! Tive carta ontem, há um mês estava bem e manda cumprimentos, já sabe como eles são, nunca contam nada mas a gente percebe. Se calhar abrem-lhes as cartas. Lá isso não sei, o meu rapaz nunca foi de política. Ora, ora, fie-se nessa! Quem não se fia são eles, têm pides em toda a parte e não são só gajos do quadro, não há Companhia que escape, até nós, aqui no mato, parece que os recrutam em informações e transmissões. Essa agora! Era o que faltava haver aí um filho da mãe desses, eh pá, será que és bufo? Vê lá bem o que é que arranjas! Há-de arranjar-se, deixe lá,

convinha é que ele se queixasse de qualquer coisa, já era mais fácil pô-lo nos auxiliares que isto, livre, sabe como é, não se consegue sem grandes empenhos. Empunha a arma, sua besta não tenhas medo que ela não morde e vira para lá a gaita do cano! O soldado português é tão bom como os melhores. Já só faltam cinco meses, já só faltam cinco meses! Os «piras» tão a chegar! Só que não chegam para ti, que já foste substituído em rendição individual, apanhámos-te aos bocados e agora o que é que eu digo à tua família, que

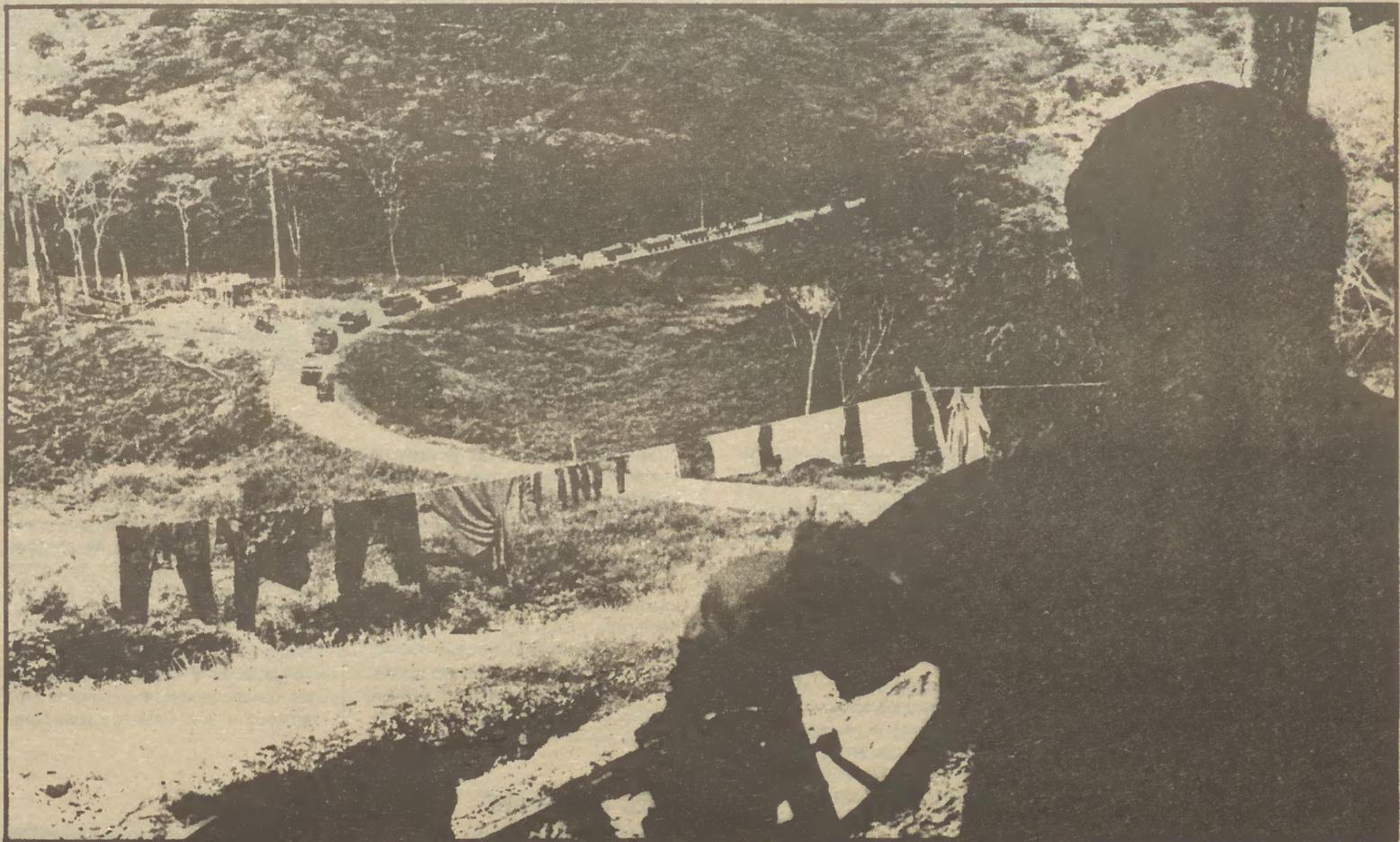
eras um gajo porreiro e que eu fui destacado para lhe dizer que eras um gajo porreiro? Que fui destacado para lhe escrever uns aerogramas de azul transparente a garantir-lhe que continuamos a lembrar-te, morto, quando o que desesperadamente procuramos é esquecer-te, vivo? Quem não se esquece é a mãe que sabe ler e a mãe que nunca o soube, a primeira redigindo e a segunda pedindo que lhe redijam as laboriosas mentiras de uma tranquilidade que mata aos poucos mas que elas julgam tão necessária lá do outro lado do

mar para onde lhes levaram o menino, «Este sou eu ao pé do dez-sete, com a minha secção». Coitada da senhora que agora até tem de adivinhar que os canhões têm números, coitada da rapariga que tem de mostrar ao filho um pai feito de papel, coitado do filho que fica convencido que é filho de um cano enorme com umas caras ao lado, coitado do imbecil que não se lembrou que se, para ele, a secção é que era importante, lá em casa querem vê-lo de corpo inteiro, o que nunca acontecerá porque um pé ficou



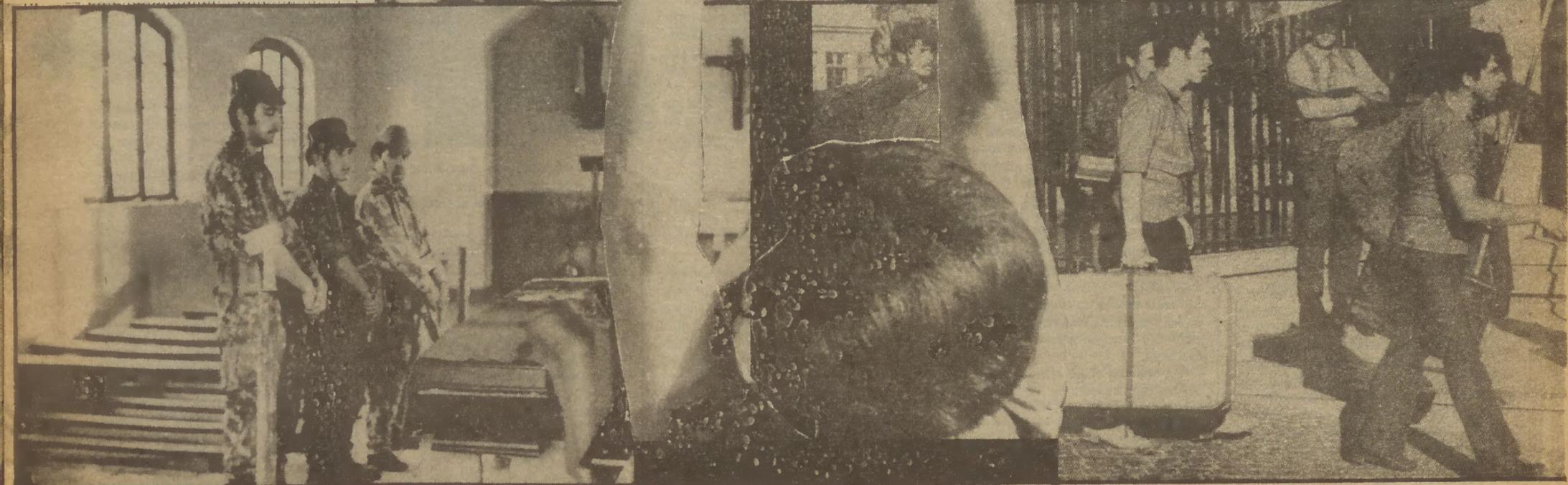


na picada. Que sorte do camandro, como é que o gajo não ficou desfeito? Que nunca acontecerá porque nem os despojos que se mandaram para a terra se sabia serem os dele, que nunca acontecerá porque voltou com recordações que não se afogam numa vida inteira, «Quem se afogou foi o Alcides, sabes, estás a ver como são as coisas, voltou de Angola a vender saúde e veio morrer à porta de casa, é como eu digo, os azares são pra quem são, recebe um grande abraço deste teu pai amigo e que voltes bem depressa», devagar! Tão devagar que passa o tempo! Afinal já não somos rendidos na data prevista, os gajos dizem que é dos atrasos nos barcos mas parece que as coisas lá pelo continente estão cada vez mais a aquecer, a malta dá o salto às dezenas, quando julga que têm uma Companhia pronta falta metade ao embarque. Ah se nos deixassem desembarcar em Lisboa com o equipamento normal, catano! Qual Pide, qual GNR, qual pata que os pôs que os fazíamos em picado, àqueles bandulhos, àqueles bandalhos que só têm coragem com gente indefesa, mas coragem para quê? Metam a medalha por ele acima, o que eu quis foi salvar a pele, ando aqui para salvar a pele, Mamadu, pelo menos isso sei e tu sabes isso ainda melhor do que eu, só temos em comum a «G-3» e a «Kalash», o resto é tudo teu, a começar por esta terra onde nasceste tão longe de mim, «E agora aqui tão perto, furrié». E agora aqui tão perto, Mamadu, Longe estás tu, meu amor, que nunca hás-de perceber que o que mete medo não é morrer, o que arrepia é morrer para nada. Os ataques ao arame são uma brincadeira ao pé deste horror de não ter razão, «Tens razão, mano, é melhor não dizer nada à mãe, o Jorge também acha que sim, mas não me estás a enganar, pois não? Só estás ferido numa perna?». Só estou ferido no meu orgulho, que obscenidade é esta de enfrentar a morte só para salvar a vida? É no mato que eu te quero apanhar, meu grande filho da mãe, para ver se és assim um papa-



-turras! Para Timor, mas ca granda cunha, foi o que ela disse, Olha quem fala, como se o filho não fosse para Luanda a passar férias de amanuense, ao menos o meu tem de estar a comissão toda sem sair de lá! «Aqui soldado Albino dos Santos Raposo da C. Caç. sete-nove - -quarenta, para a minha mulher em Paus, Braga, muitos beijos e também para o meu filho, pai, mãe, tios, primos e irmãos um bom Natal que eu fico bem com desejos de grandes propriedades, adeus e até ao meu regresso». Adeus até ao regresso dele, há outros que já lá vão, não há nenhum que cá fique, anda o país em viagem e nós, por cá, todos bem.

Isto foi a guerra colonial — que se não foi isto é porque foi muito mais que isto. Muito mais no que toca ao drama de uma geração, à angústia quotidiana de um povo, aos anos e anos de sofrimento dos vários países e povos envolvidos neste conflito miserável. Falar em gesta libertadora do 25 de Abril é dizer paz na primeira pessoa. Prosseguir Abril é consolidar a paz em português. ■



## Nos bastidores da cimeira de Genebra

# Como se passaram as coisas?

**D**e manhã, do Lago Genebra, vêm gritos agudos das gaiotas. O cavalo de bronze, solitário, ergue-se sobre o relvado do cais. Nem viva! Em meados de Novembro, a cidade de Genebra estava coberta de neve. Esta, ora se derretia, ora voltava a cair, entremeada com chuva.

De resto, ninguém em Genebra dava pelo tempo. A única coisa que interessava saber era qual seria o resultado das conversações e o seu reflexo na atmosfera política no mundo.

Os jornalistas instalaram-se no centro internacional de imprensa, na Rue de Varembe. No seu terceiro andar, os homens do «Pravda» eram obrigados a fechar-se à chave para poderem trabalhar. A inscrição «Pravda» na porta atraía como um imã os colegas ocidentais, ansiosos por saber se o «leader» soviético trazia algo de novo a Genebra, se não mudara a atitude soviética em relação à «Iniciativa de Defesa Estratégica», a obra predilecta do sr. Reagan.

Em baixo, no grande salão com um palco e um enorme «écran» de TV, nos vastos vestíbulos com cafetarias e «snack-bars», nas salas da cave com filas de mesas e centenas de máquinas de escrever de diversos teclados, os repórteres trabalharam intensamente.

No total, o centro de imprensa acreditou cerca de quatro mil jornalistas, na sua maioria representantes da «imprensa electrónica» — enviados das companhias de radiodifusão e TV de todo o mundo. Os norte-americanos arrebataram quase um terço das credenciações. As suas cadeias de TV enviaram a Genebra 128 grupos de filmagem, testemunhando o enorme interesse da opinião pública mundial pelo encontro.

O edifício da Rue de Varembe foi o verdadeiro centro de imprensa, não o hotel «Intercontinental» reservado inteiramente pelos americanos para parte da delegação oficial e a «imprensa da Casa Branca».

Enquanto os americanos instalavam na sala de baile do «Intercontinental» o seu próprio centro de imprensa e os adidos de imprensa se aborreciam nas mesas cheias de literatura publicitária da «USIA», o centro de imprensa internacional estava em ebulição. Jornalistas, ávidos de informações, assediavam a delegação de peritos soviéticos — cientistas, militares, figuras públicas, publicistas — que chegara com antecedência a Genebra. As suas conferências tinham salas cheias.

Ao contrário do que pretendiam certos meios de informação ocidentais, não foi uma «guerra propagandística». Os peritos, entre os quais alguns académicos, conhecem a fundo, melhor do que os outros, todos os meandros do problema. Notou-se, aliás, a força singular dos argumentos científicos nas discussões políticas.

Os acontecimentos significativos não ocorrem apenas no centro de imprensa. No hotel «Ramada», por exemplo, reuniram-se representantes dos movimentos pacifistas dos Estados Unidos, nomeadamente Jesse Jackson, candidato às últimas eleições presidenciais, Jane Alexander, actriz conhecida pelo filme «Kramer contra Kramer» e mesmo representantes da organização pacifista «Avós pela Paz».

Jesse Jackson afirmou: «Dois terços dos americanos apoiam a proposta soviética sobre a cessação de todos os ensaios nucleares. Manifestamo-nos aqui para que os Estados Unidos respondam à proposta soviética com uma suspensão adequada. E para que a «guerra das estrelas» nunca chegue a rebentar.» Mais tarde, Gorbachov, apesar de extremamente ocupado, encontraria um «furo» para se encontrar com os pacifistas norte-americanos.

Os «peregrinos pela paz» percorreram 12 mil quilómetros pelos Estados Unidos, Europa Ocidental e Oriental para trazer a Genebra a sua «Petição da Paz». Em Genebra estiveram delegações de veteranos da guerra americanos que participaram no encontro no Elba e vítimas dos bombardeamentos atómicos do Japão, pacifistas da Grã-Bretanha, França, Alemanha Federal, Itália, Bélgica, etc.

Mas vimos em Genebra também outros «peregrinos». Com o dinheiro da CIA e dos outros serviços bem conhecidos estiveram ali emissários de Pol Pot, da contra-revolução afgã, e de Telavive, disfarçados de «defensores da liberdade». Ocuparam o hotel «Warwick» que lhes tinha sido reservado com antecedência e alguns penetraram mesmo no centro de imprensa.

Esses «jornalistas» tinham por tarefa sabotar as conferências de imprensa de representantes soviéticos, chamar a atenção para «a violação dos direitos humanos da URSS» e desviar as atenções das questões essenciais de guerra e de paz.

A esmagadora maioria de jornalistas ocidentais compreendeu a importância dos problemas que foram discutidos em Genebra. Foi por isso que desapareceram como neve ao Sol os representantes de certas organizações, tais como a «As Americanas pela IDE» ou a europeio-ocidental, «Mulheres pela Paz Através da Defesa Real».

As «Mulheres das Estrelas», como foram baptizadas essas damas, cuja ida a Genebra custou três milhões de dólares, deviam, segundo tinham declarado, apoiar o presidente. O primeiro papel pertencia a uma certa sra. Shlafly, dama enérgica e «oradora dinâmica», eleita este ano pela revista conservadora «Good Housekeeping» como «a terceira mulher mais adorada da América». Mas a «oradora dinâmica» não suscitou a simpatia dos jornalistas, sobretudo quando lamentou em público o facto do presidente ter ido a Genebra.

As crianças revelaram ter mais juízo do que os adultos. Os jovens da organização «Pássaros da Paz» entregaram à delegação soviética cartas infantis sobre a paz, provenientes de todos os pontos do planeta.

Muitos milhares de cartas-apeles

chegaram de todos os pontos do mundo a Genebra. A Lambroulis, presidente da Câmara Municipal da cidade grega Larissa, expressou a aspiração de todos os seus compatriotas à proibição de todos os ensaios nucleares, à não-militarização do espaço e informou que a sua cidade tinha sido declarada «livre das armas nucleares». O movimento francês «Apelo dos Cem» mandou um abaixo-assinado com centenas de milhares de assinaturas apelando à cessação da corrida aos armamentos...

### Os «falcões» movimentam-se

O clima de expectativa foi-se adensando em Genebra à medida que se aproximava a data marcada. Nada se sabia ainda da «bagagem» que a delegação americana trazia a Genebra. O presidente Reagan chegou a 16 de Novembro para se adaptar ao clima e à diferença horária e, na «Villa de Saussur» — residência do presidente com um parque na margem do lago — analisar, com os conselheiros, calmamente, ponto por ponto, os elementos da posição americana.

Mas uma «fuga», que levou à divulgação da «Carta de Weinberger» em que o chefe do Pentágono pretendia convencer o presidente a «não ceder em qualquer dos pontos das conversações», provocou uma verdadeira confusão.

Mal chegada a Genebra, a delegação americana mandou McFarlane para o centro de imprensa. O então conselheiro presidencial para a segurança nacional tentou fugir às insistentes perguntas dos jornalistas sobre se «a administração dos EUA era unânime» e tinha «uma posição inequívoca». Tais respostas provocaram em muitos repórteres americanos sorrisos irónicos.

Chegou, finalmente, o dia 18 de Novembro, quando Genebra acolheu o secretário-geral do CC do PCUS. No centro de imprensa, o pessoal distribuiu a declaração de Gorbachov feita no aeroporto. No dia seguinte, o jornal «Neue Zürcher Zeitung» escreveria que o objectivo da URSS consistia em melhorar relações com os EUA, pôr fim à corrida armamentista na Terra e preveni-la no Espaço. «A liderança soviética voltou a indicar as questões que considera prioritárias no encontro de Genebra», salientaria o jornal.

### Finalmente sós...

A imprensa registou as conversações de Genebra não só em dias ou horas, como também em minutos e até segundos. «Os primeiros apertos de mão duraram 39 segundos», um jornalista norte-americano no parque da mansão «Fleur d'Eau», enviou imediatamente essa informação «sensacional» para o seu país.

... Manhã de 19 de Novembro. A entrevista no salão azul da «Fleur d'Eau» começa a contagem das horas das conversas a sós de Gorbachov

com Reagan. Houve quem dissesse (não se sabe porquê) que a primeira entrevista não seria longa. Todavia, através das portas de vidro, que separavam o terraço da sala de reuniões plenárias, via-se bem que as comitivas dos dirigentes soviético e norte-americano não se sentavam à mesa. Representantes do Departamento de Estado e da Casa Branca aproximavam-se da porta e mostravam os dedos que os chefes ainda continuavam conversando a sós. Passa-se uma hora.



Depois, os jornalistas calculariam que das cerca de 15 horas de conversações, as conversas a sós ocuparam cerca de 6 horas.

Essas conversas foram a principal forma de trabalho em Genebra. Uma delas decorreu no primeiro dia junto à lareira numa casinha situada no parque, à beira do lago. Pela janela, via-se o espelho do lago. Falou-se de preferência dos problemas da guerra e da paz, o principal tema do encontro de Genebra. No centro das atenções do encontro esteve o problema de segurança, cujo núcleo é o problema de não-militarização do espaço e a redução dos armamentos nucleares.

Foi assim que ruíram os planos dos que pretendiam privar a cimeira de

sentido, focando-a em problemas secundários e até inventados. Mencione-mos sobretudo que o encontro teve êxito precisamente graças a essas horas de diálogo político a sós que Gorbachov qualificaria de diálogo corajoso, construtivo, argumentado e sincero.

### «Black-out» noticioso

Terminado o primeiro «round» das conversações, no centro-de-imprensa norte-americano apareceu Larry Speakes, porta-voz oficial da Casa Branca. Acenderam-se os holofotes, ligaram-se às câmaras de TV para transmitir imagens directas para os EUA, centenas de jornalistas estabeleceram ligação telefónica com as suas redacções. De repente, Larry Speakes anuncia calmamente, como se não acontecesse nada de especial, terem as partes decidido que as conversações seriam confidenciais. «Black out!» berrou a multidão.

«Diga, pelo menos, alguma coisa» — implorou um correspondente. «Tudo o que não diga respeito ao conteúdo das negociações. Posso dizer, por exemplo, como estava vestido o Presidente» — reage Speakes. Em resposta, ouve-se um barulho que costuma surgir nos estádios quando o público está descontente com o árbitro...

Resta observar. De acordo, por exemplo, com a opinião dos jornalistas norte-americanos, que conhecem bem o inquilino da Casa Branca, as conversações transformaram-se para o presidente dos EUA numa revelação e numa experiência nova. Quando Reagan voltou aos EUA, interrogaram-no sobre como trabalharam os seus conselheiros. O presidente respondeu com uma brincadeira: «Quase não os vi, pois passei quase o tempo todo com o sr. Gorbachov»...

O acordo do «black out» foi observado rigorosamente, não havendo sequer as habituais «fugas» norte-americanas. No centro-de-imprensa circulou o boato de que o encontro teria mais um dia. O boato desfêz-se, porém, quando começou a distribuição de passes com os números 555 que davam o direito a assistir no aeroporto à cerimónia de despedida.

Mas, em primeiro lugar, os jornalistas correram para reservar lugares na representação soviética, ao tomar conhecimento de que o dirigente soviético iria conceder uma entrevista colectiva antes de partir.

### Ponto culminante

... Aproxima-se a meia-noite de 20 de Novembro. Será que os dirigentes se irão embora sem qualquer acordo? Nem o «black out» impedia compreender a «diversidade» de posições das partes em relação aos problemas-chave. Todo o mundo estava à espera, nas salas e nos vestíbulos do centro de imprensa. A tensão e a impaciência iam aumentando. Finalmente, às 23 h e 25 m foi anunciado: «Ama-

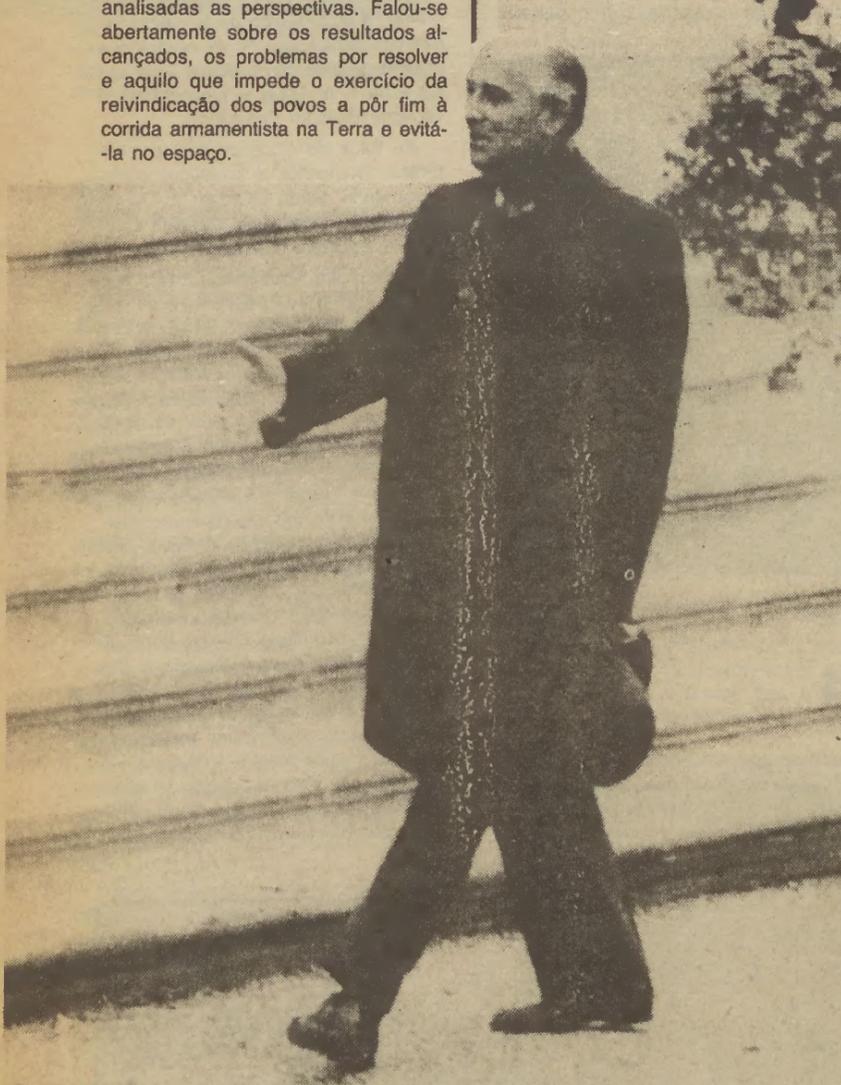
## Mikhail Gorbachov

# Não se pode negligenciar a mínima hipótese...

nhã, ambos os dirigentes assistirão, no centro de imprensa, a uma cerimónia.» Sem mais comentários. O regime de «black out» continuava em vigor. Mas a disposição melhorou. Todos compreenderam que o tempo em Genebra não fora gasto em vão.

Hoje, todos sabem como decorreu essa última parte da cimeira e conhecem a declaração conjunta, assim como as declarações feitas por Mikhail Gorbachov na entrevista colectiva.

Gostaríamos somente de destacar a enorme impressão que a conferência de imprensa causou aos presentes. Foi, sem dúvida, o ponto culminante da cimeira. De uma maneira exacta e nítida foram focados os problemas e analisadas as perspectivas. Falou-se abertamente sobre os resultados alcançados, os problemas por resolver e aquilo que impede o exercício da reivindicação dos povos a pôr fim à corrida armamentista na Terra e evitá-la no espaço.



A recente cimeira soviético-americana de Genebra constituiu um grande acontecimento da vida internacional. Embora o encontro não aclarasse as perspectivas de resolução do problema essencial — a cessação da corrida aos armamentos — o balanço geral de Genebra é positivo, reforçando as esperanças no melhoramento da situação mundial. A política construtiva e consequente da URSS contribuiu decisivamente para que isso se tornasse possível. Mas o resultado animador de Genebra não foi alcançado facilmente. Pelo seu significado, e para melhor e necessário esclarecimento de todos nós, reproduzimos aqui alguns extractos da declaração do camarada Gorbachov no fim dos trabalhos da Cimeira, e ainda em Genebra.

### Abriu caminho

No que respeita à parte soviética, a União Soviética, estamos perfeitamente conscientes da situação real e não alimentamos qualquer ilusão quanto à política americana. Bem vemos como a militarização da economia e mesmo da mentalidade política foi longe neste país.

Mas compreendemos bem que a conjuntura no mundo é demasiado perigosa para que se possa negligenciar a mínima hipótese de alterar a situação e avançar para uma paz mais estável e mais sólida.

Já anteriormente, a alguns meses do encontro, começámos a abrir o caminho para a cimeira, a criar um clima favorável à sua realização. Este Verão suspendemos unilateralmente todas as explosões nucleares e exprimimos a nossa vontade de retomar de imediato as negociações para a suspensão total dos ensaios nucleares. Confirmámos também a nossa moratória unilateral relativa aos ensaios da arma anti-satélite e, como sabeis, fizemos propostas radicais para a redução dos arsenais nucleares. As nossas propostas no sentido de não admitir a expansão da corrida dos armamentos ao Espaço foram acompanhadas de outras tendentes ao desenvolvimento da mais vasta cooperação internacional na exploração e utilização pacífica do espaço para o bem de todos os povos.

### Em consonância com os povos

A nossa conclusão é a seguinte: este é o momento, face ao perigo nuclear universal, em que é preciso aprender a grande arte de saber viver juntos. O povo soviético e — estou profundamente convencido — o povo americano, estão nisso igualmente interessados. Todos os povos do mundo estão interessados.

Sentimos a determinação dos povos de todos os países a favor da paz, o seu desejo não só de salvaguardar, mas também de sanear a situação, de obter alterações reais na luta pelo fim da corrida aos armamentos. Este desejo cresce e tem uma importância enorme. Podemos tirar duas conclusões importantes.

Por um lado — e isso alegra-nos — o que fazemos corresponde às esperanças e aspirações das mais amplas massas do mundo, independentemente de onde vivem e das suas

opiniões políticas, convicções religiosas, tradições. Mas por outro lado, isso não nos deu só alegria, também nos levou a diversos compromissos, e antes do mais conferiu-nos uma grande responsabilidade.

### A actual etapa

O que é que caracteriza a etapa actual de desenvolvimento da situação internacional? Em síntese é a responsabilidade crescente para com os destinos da paz. Os povos também compreenderam esta responsabilidade imensa, e agem através das formas possíveis (...)

No contexto actual, já não se trata só da confrontação entre dois sistemas sociais, mas também da escolha entre a sobrevivência e o extermínio mútuo.

### A paridade

É preciso que as duas partes se habituem à paridade estratégica como estado natural das relações soviético-americanas. E se há matéria para debate é sem dúvida a questão de saber como baixar o nível da paridade, através de esforços mútuos (...)

Mas daqui decorre logicamente uma outra questão de importância fundamental. Devemos abster-nos — tanto os Estados Unidos da América como a União Soviética — de fazer seja o que for que abra a porta à corrida aos armamentos em novas esferas, nomeadamente no Espaço.

### Competição pacífica

Que cada sistema social prove as suas vantagens na prática.

Conhecemos bem não só os pontos fracos, mas também os pontos fortes da sociedade americana e de outros países desenvolvidos. Naturalmente conhecemos melhor as nossas próprias possibilidades, incluindo as possibilidades ainda não utilizadas. Em resumo, somos pela competição com os Estados Unidos, pela mais activa competição. A própria História, e não simplesmente as hipóteses e raciocínios teóricos, confirmou a vitalidade da política de coexistência pacífica.

### Um ponto de partida

Vimos que temos em comum, suponho, algo que pode constituir o ponto de partida para a melhoria das relações soviético-americanas: é a compreensão do facto de que a guerra nuclear é inadmissível, que não deve ter lugar e que nela não poderia haver um vencedor (...) Daqui resulta a conclusão de que o problema da segurança é o problema central nas relações entre os nossos dois países na etapa actual. Pronunciamo-nos resolutamente por que os acordos que ga-

rantem igual segurança para os dois países se concretizem.

Pensamos que é precisamente nesta base que será possível consolidar com perseverança a confiança mútua, proceder a um saneamento geral da atmosfera política em que se possa esperar um desenvolvimento do diálogo político, uma apreciação frutuosa dos problemas económicos, humanitários, dos problemas relativos aos contactos, à informação recíproca. Esta a chave do problema da preservação da vida na Terra.

### O mundo não é coutada

Rejeitamos a opinião daqueles que pensam que o mundo inteiro é sua coutada (...) A tensão, os conflitos regionais, e mesmo as guerras que opõem diferentes Estados nesta ou naquela parte do mundo, têm as suas raízes tanto no passado como no contexto socioeconómico actual dos países e regiões em causa. Pretender que todos estes nós de contradições são engendrados pela rivalidade entre o Este e o Oeste não só não é exacto, mas mais ainda, é muito perigoso.

### Resultados gerais

Quando falamos de resultados gerais do encontro, seria errado avançar a este respeito com uma apreciação unívoca. Claro, se em Genebra tivéssemos conseguido um entendimento sobre o problema crucial — o fim da corrida aos armamentos — seria muito melhor.

Verificou-se que, de momento, a parte americana não está pronta a tomar decisões importantes (...) Entretanto, o encontro que tivemos é um acontecimento demasiado importante para poder ser apreciado através de categorias um pouco simplistas.

(...) É um processo que não caminha por si. E foi com uma particular atenção que ouvimos o presidente declarar que os Estados Unidos não procuram a supremacia e não desejam a guerra nuclear. Desejamos sinceramente ver estas declarações confirmadas pelos actos. ■

O biógrafo oficial de Ronald Reagan, que está a compor a sua biografia por 2 milhões de dólares, prometeu ser «200 por cento objectivo». Vamos ver! Em todo o caso, o «momento da verdade» só precisa da verdade. Deixemos as generalizações para os historiadores. Mencionemos apenas que é possível que a cimeira de Genebra faça pela primeira vez a parte americana compreender que o mundo mudou. É preciso, finalmente, aceitar as realidades da nossa vida e aprender a encontrar soluções sensatas de problemas, enfim aprender a conviver. ■

(Especial Novosti -Avante!)



# O encontro do Elba 1945-1985



Em cima, a 25 de Abril de 1945, soldados soviéticos e americanos encontram-se em Torgau, nas margens do Elba. À direita, 25 de Abril de 1985: quarenta anos depois, os veteranos soviéticos e americanos reencontram-se junto ao monumento que assinala a reunião dos dois exércitos

**E**m 25 de Abril de 1945, nas margens do rio Elba, na vila alemã de Torgau, a alguns quilómetros de Leipzig, fizeram a sua junção as forças do Exército Vermelho e do exército americano. Berlim já caíra, o nazismo e a II Guerra haviam chegado ao fim.

Na manhã daquele dia 25 de Abril, os soldados soviéticos sob o comando do tenente G.S. Goloborodko chegaram às margens do rio: às 13 e 30, os soldados de uma unidade de reconhecimento americana sob o comando do tenente A. Kotsteb abraçavam os combatentes do Exército Vermelho.

A companhia comandada por Goloborodko participara na batalha de Berlim: fazia parte do 2.º batalhão do 173.º Regimento de Atiradores da Guarda da 5.ª Divisão de Atiradores da Guarda comandada pelo general

V. Russakov. Integrada no 5.º Exército da 1.ª Frente da Ucrânia, deixava para trás milhares de quilómetros de combate contra o desespero nazi.

Comandada pelo general E. Reinhardt, a 69.ª divisão de Infantaria do exército americano havia recebido a missão de avançar a toda a força até ao Elba e aí fazer a junção com o vitorioso Exército Vermelho.

As fotos do encontro dos combatentes americanos e soviéticos correram mundo. Saída à Ordem do Dia do Exército Vermelho a 27 de Abril, a notícia do encontro do Elba foi nesse dia assinalada em Moscovo com uma salva de artilharia. A 28, os dirigentes soviéticos, americanos e ingleses saudavam os combatentes reunidos em Torgau. Ali, soldados e oficiais de ambos os exércitos selavam espontaneamente um comum juramento de, após a comum luta vitoriosa contra o fascismo alemão, tudo fazerem para preservar no futuro a amizade entre a URSS e os Estados Unidos.

Em 1983, um dos soldados americanos presentes em Torgau escrevia, pouco antes da sua morte, ao governo da RDA manifestando o seu desejo de ser sepultado nas margens do Elba. Em Novembro desse ano, o corpo foi trasladado dos EUA para a RDA e, com honras militares prestadas pelo Exército Popular da República Democrática Alemã, acolhido à terra onde, em 1945, o cidadão americano Joseph Polowsky, abraçara os seus companheiros de armas soviéticos.



## Declaração dos veteranos de guerra soviéticos e americanos no 40.º aniversário do encontro do Elba

Nós, veteranos de guerra soviéticos e americanos, que hoje, 40 anos depois do histórico encontro das tropas aliadas soviéticas e americanas no Elba, voltamos a reunir-nos aqui, reafirmamos a lealdade ao juramento contido no nosso abraço de irmãos de armas de 25 de Abril de 1945 — dedicar a nossa vida à exigência de amizade entre os povos da URSS e dos EUA, para que nunca mais se chegue a uma guerra.

A tentativa do fascismo de assegurar o domínio do mundo custou à Humanidade na II Guerra Mundial 50 milhões de mortos. Hoje, quando as tensões no mundo atingiram uma perigosa extensão, queremos fazer recordar ao mundo essa amarga lição da história e de novo firmemente afirmar o primeiro direito dos seres humanos de todas as nações — existência em paz, fim dos armamentos, impedir uma guerra que pode destruir toda a nossa civilização.

Leais ao espírito do Encontro do Elba estamos firmemente decididos a:

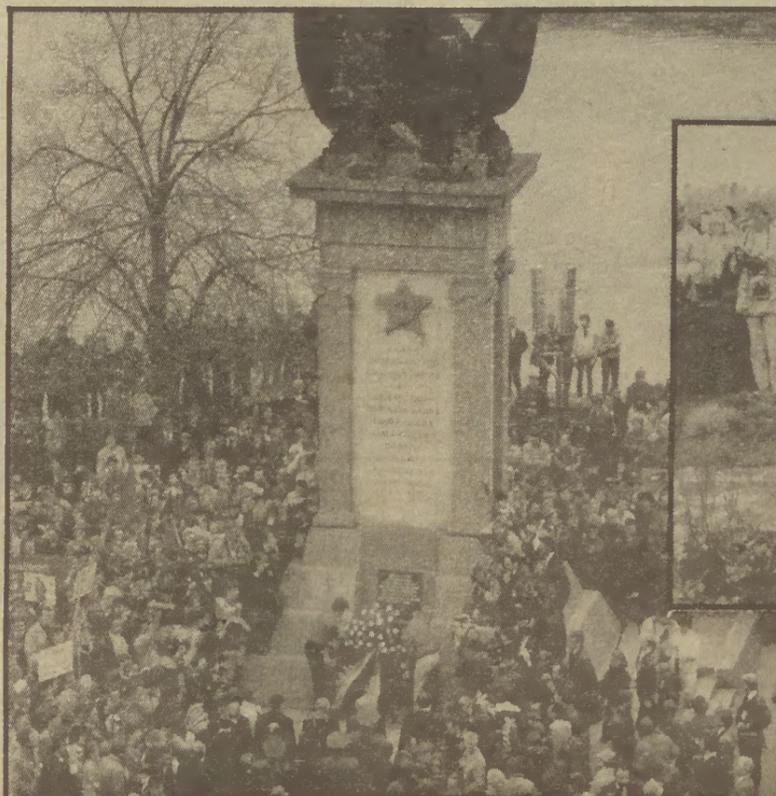
- Honrar os nossos mortos.
- Renovar e reforçar a nossa amizade.
- Tornar duradoura a amizade alcançada no Elba.
- Actuar para um melhor entendimento e para o desmantelamento das tensões entre os nossos dois países.
- Esforçarmo-nos pela redução tanto das armas convencionais como nucleares.

— Trabalhar para conseguir um respeito mútuo entre os nossos dois países.

— Esforçarmo-nos com energia pela manutenção da paz entre os nossos dois países e entre todos os países do mundo.

Hoje não há qualquer alternativa a um viver em paz. Nós, veteranos de guerra americanos e soviéticos, apelamos por isso e em memória dos caídos nos campos de batalha e de todos os mortos, em nome dos seus descendentes e a todos os homens de boa-vontade de hoje, que não poupem nenhum esforço para evitar uma guerra.

Sim a encontros e negociações amigáveis para a solução das questões de confrontação. Não à guerra. ■



O general Yuri Naumenko, representante dos veteranos soviéticos ao encontro de Abril de 85, deposita um ramo de flores junto à campa do soldado americano Joseph Polowsky, um dos participantes do encontro de 1945 e que, por sua expressa vontade, foi sepultado em 1983 junto às margens do Elba



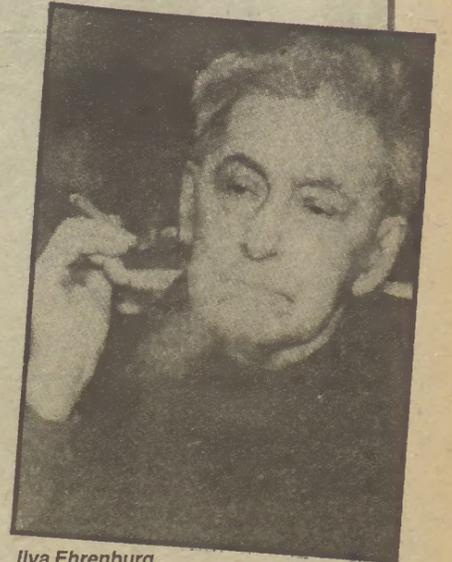
## 1942 LUTAR PELA PAZ, LUTAR CONTRA O FASCISMO

# Carta de Ilya Ehrenburg a Pablo Neruda

A segunda metade do ano de 1942 foi um dos períodos críticos da Segunda Guerra Mundial. O potencial bélico da Alemanha fascista e dos seus satélites tinha-se apoderado de quase toda a Europa. Desde 1941, as suas forças tinham-se voltado contra a União Soviética. A liquidação da URSS — incluindo uma parte importante da sua população — era, na verdade, o principal objectivo pelo qual os nazis tinham desencadeado a guerra. A vitória do exército soviético diante de Moscovo, no Inverno de 1941-42, demonstrou que a agressão contra a URSS não seria a «guerra relâmpago» tal como fora planeada. No ano de 1942, os nazis tentaram, no entanto, decidir o resultado da guerra com o ataque para sueste — desde a devastada e massacrada

Ucrânia até ao Volga e ao Cáucaso com abundante petróleo. Em 13 de Setembro começou a luta directa por Estalinegrado...

Foi nesta situação que se ouviu a voz de Ilya Ehrenburg, destacado escritor e jornalista soviético, grande conhecedor e amigo da cultura europeia, sobretudo francesa. A sua carta a Neruda é um grito de mágoa e horror perante as monstruosidades que os fascistas hitlerianos cometiam no seu país. É também um apelo à luta, dirigido à opinião pública e principalmente aos trabalhadores da cultura de toda a Europa. Nela ressoa a vontade inquebrantável de vencer, ainda que por um elevado preço em sacrifícios. Com esta carta, Ehrenburg expressava os sentimentos do seu povo e dos soldados soviéticos, que quatro meses depois imporiam uma mudança decisiva na Guerra de 1939-45.



Ilya Ehrenburg



Kem Gjemre, representante do movimento de veteranos norte-americano falando no reencontro de Abril de 85

## De novo o encontro

Por iniciativa comum das organizações de veteranos da URSS e dos EUA, em 25 de Abril de 1985 de novo se reuniram, junto ao monumento que assinala o encontro de 40 anos antes, representantes dos combatentes de então.

O general Yuri Naumenko, herói na União Soviética, em nome dos veteranos soviéticos afirmou então:

«Há quarenta anos os soldados de dois exércitos aliados estreitaram aqui, neste lugar, as suas mãos amigas.

«Agora, quando o mundo se encontra seriamente ameaçado por uma guerra nuclear, todos os homens, os seus filhos e netos também aqui presentes, devemos dizer um redondo Não à guerra. As mãos que hoje de novo se estreitam em Torgau, fazem recordar a amizade e a cooperação dos anos de guerra e simbolizam a possibilidade de uma luta comum pela paz».

Pelos veteranos de guerra americanos falou o representante do movimento de veteranos dos EUA «40.º Aniversário — viagem pela paz», Kem Gjemre, que disse:

«O nosso movimento representa muita gente, na sua maior parte gente simples dos EUA. É no seu interesse que propomos que se caminhe para um futuro melhor. O mundo de hoje vive em plena tensão, enquanto milhões e milhões são derretidos em armamento. Exigimos que se ponha em prática a alternativa à guerra atómica, ou seja, que em vez disso se resolvam os globais problemas da Humanidade. Precisamos de encontrar em conjunto soluções para a manutenção da paz, para a prosperidade geral, contra a fome, o desemprego e o analfabetismo.

«Muitos gostam de dizer que isto é um sonho. Não se trata de sonho. Queremos conhecer um século XXI pleno de paz. E agora, sem perder um minuto, devemos tomar essa tarefa em braços e, realizado esse sonho, dizer que não é um sonho — para nós, para os nossos filhos e para os filhos dos nossos filhos.» ■

Meu caro Pablo Neruda, Encontrámo-nos numa Espanha com a sentença ditada. Despedimo-nos num Paris condenado. Foi muito o que perdemos. Enquanto nos despedíamos, falámos sobre a fé: tínhamos fé e mantivemos a fé. Agora, quero dizer-te que na terra russa se trava uma encarniçada batalha: por nós, por vós, por Paris, pela América, pela nossa querida Espanha, pelo Humanismo, pelas Artes, pela Vida. Quero dizer-te que estamos a lutar sozinhos contra uma força tão espantosa, que seguramente todas as nações, toda a humanidade, escutam a tempestade que se abate sobre o Volga, e terão que entrar no combate.

Escreveste sobre uma Almería ensanguentada e pavorosa. Recordas aí o dia fatal em que um navio alemão arrasou por completo uma pequena e pacífica cidade espanhola, assassinou os pescadores, as suas mulheres, os seus filhos. Ficámos indignados. Hoje em dia, já não podemos ficar pela indignação. A única coisa que temos que fazer agora é lutar. Almería foi para nós

uma tragédia. Para os fascistas, Almería foi uma experiência, um ensaio, umas manobras.

Dirijo-me a ti, Pablo Neruda, dirijo-me a um destacado poeta da América longínqua. É a ti que me dirijo e aos teus amigos, aos escritores do México e do Chile, da Argentina e do Brasil, de Cuba e do Uruguai, da Venezuela e do Equador. Dirijo-me aos intelectuais da América Latina. Quero dizer a todos vós que no Cáucaso lutamos pelos Andes, que na Rússia batemo-nos não só pela nossa liberdade, como também pela liberdade do mundo, e que do resultado desta batalha depende a nossa vida.

São ricas as vossas tradições. A vossa cultura não é uma amálgama, é uma síntese. Para os racistas alemães, sois filhos bastardos. Para nós, sois portadores de uma civilização nova, grande, original. Em toda a Alemanha não encontras tanta riqueza, uma arte tão consumada como num dos bosques americanos onde resplandecem os monumentos dos Incas e dos Aztecas. Da Espanha imortal souberam vocês to-

mar o mais valioso: o culto do homem, com a sua áspera ternura, com o seu orgulho recatado, a sua universalidade.

Desta Europa que se esvai ensanguentada separa-vos um oceano. As suas ondas podem ameaçar-vos, mas também vos podem embalar. Sois batidos pelas ondas desse oceano, mas as ondas da rádio adormecem-vos. Podereis despertar demasiado tarde. Demasiado tarde descerrou as pálpebras Espanha em Julho de 1936. Demasiado tarde abriu os olhos Paris em 14 de Setembro de 1940. As canções de embalar são às vezes mais atrozes que o ulvar das sirenes, que saturam agora as noites da Europa.

Uns contam-vos que estamos lutando pelo direito da Rússia ao sistema soviético; outros afirmam que o combate é pela terra russa, pelo petróleo russo. Possivelmente alguns de vós passam a vista indiferentes pelos boletins de informação, com nomes estranhos para o vosso gosto. Vocês não têm o sistema soviético. Têm a vossa terra e o vosso petróleo. Que vos pode importar esta guerra? Mas o facto é que se luta não apenas pelo nosso direito ao sistema soviético. Como sabes, Pablo Neruda, na chefia da França estavam os radicais. Bem sabeis que Azaña não era comunista. Bem sabeis que à frente da Holanda estava uma rainha e da Bélgica um rei. Não estamos a lutar apenas pelo nosso petróleo e pela nossa terra. Combate-se por algo mais: pelo homem.

A civilização alemã é um maquinismo. Os alemães querem «recortar» toda a gente segundo o seu gosto. Esses bárbaros, que têm nas mãos uma técnica excelente, auto-proclamaram-se a raça eleita. Querem dominar o mundo inteiro. Nações com culturas diferentes — latina, eslava, anglo-saxónica — devem converter-se em escravos dos alemães. Os povos terão de transformar-se em escravos das máquinas. Os alemães abominam o Renascimento, o Humanismo, o Enciclopédismo Francês, o Século XIX.

Para que podia servir-lhes Leonardo da Vinci, com toda a sua complexidade? Têm o seu fabricante Messerschmidt. Para que lhes serve Cervantes, Machado, Darío, Lorca? Têm a filosofia de Rosenberg, as canções dos seus pilotos de caça; e têm muitos tanques.

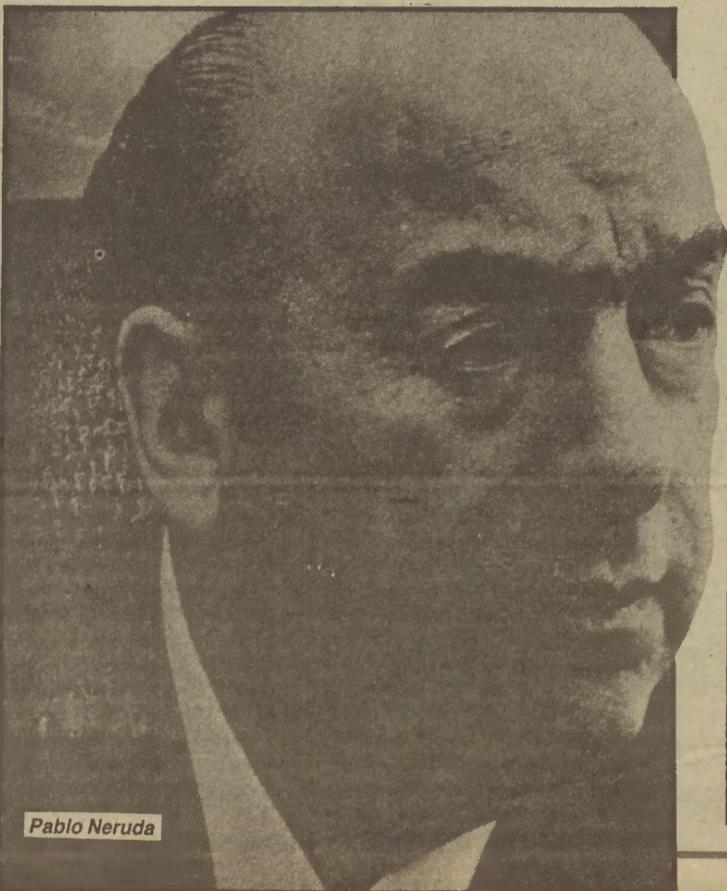
Ainda há pouco nas aldeias próximas de Rshév, já livres dos alemães, vimos camponeses que traziam pendurados rótulos de madeira, como aqueles que dantes se punham no gado. Nesses letreiros via-se o nome da aldeia e o número do homem. Nas regiões ocupadas pelos alemães, todos os russos têm que usar tabuletas como essas penduradas ao pescoço. Até do seu nome os fascistas querem privar o homem. Querem convertê-lo num simples algarismo. Entretanto, têm preparados letreiros para todos. Até para os americanos. O oceano não os manterá a salvo. Só se podem salvar pelo heroísmo. Desperta antes que soe o alarme! Depois, nunca acordareis!

Hoje em dia, travam-se batalhas inflamadas nos campos russos. Mas há, nestes tempos, muitos que dormitam. Lembra-te, Pablo Neruda, como era Paris, uns meses antes de morrer? Então os franceses zombavam: «Mas que piada tem esta guerra?» Hoje os franceses não têm vontade de rir. A vós dá-vos razão um oceano inteiro. No entanto, os fascistas podem atravessá-lo. Se não forem vencidos agora, lançam-se sobre o Ocidente. A Grã-Bretanha converter-se-á noutra ensaio e, depois dela, é a vez da América.

Querido amigo Pablo Neruda, tu já sentiste o fedor da morte parada. Diz aos teus amigos, diz ao teu povo, diz a todos as hações da América que chegou a hora. Se a América não se lança ao ataque contra a Alemanha, a Alemanha tomará de assalto a América.

Escrevo estas linhas numa Rússia dilacerada e ansiosa. O tormento visita a nossa terra. As mães que perderam os filhos emudecem. As mulheres que perderam os maridos emudecem. As ruínas das antigas cidades de Kiev, Novgorod, Pskov emudecem. Calam-se os prados espezinhados, calam-se as musas e as crianças. Ouves esse silêncio? Agora falam as armas. Se não lutais na Europa, a guerra enfiará pela América, vai espalhar-se pelas vossas cidades e alcançará os vossos filhos. Dou ânimo aos soldados heróicos. Afasto-me com pesar dos despreocupados. Hoje, podemos vencer e viver. Amanhã, talvez não nos restem mais alternativas que a de vencer ou morrer.

15 de Setembro de 1942. ■



Pablo Neruda

# LUTA PELA PAZ DESCEU À RUA



A crítica à administração Reagan foi uma das tónicas da manifestação pela paz realizada em Genebra, a 16 de Novembro



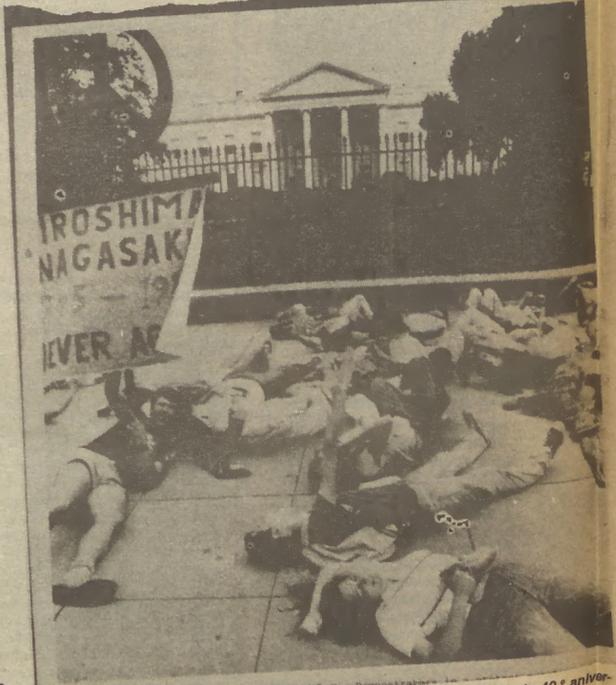
Milhares de pessoas protestam contra a instalação de mísseis nucleares na RFA



Cerimónia evocativa do 40.º aniversário da destruição de Hiroshima, em que segundo as autoridades participaram cerca de 30 000 japoneses



Importantes Individualidades políticas italianas, como o presidente do Partido Democrata Cristiano, o secretário do Partido Radical e um deputado do Partido Socialista participam em Roma numa manifestação a favor da paz



Manifestação de protesto em Washington por ocasião do 40.º aniversário do bombardeamento de Hiroshima



Pacifistas espanhóis protestam contra a entrada da Espanha na NATO



Altas Individualidades políticas holandesas ajudam a carregar para o Parlamento as caixas com 3,75 milhões de assinaturas protestando contra o estacionamento de mísseis nucleares na Holanda



Membros da «Youth for a United World Organization» entregam na missão soviética em Genebra uma mensagem pela paz assinada por mais de 250 000 pessoas



Manifestantes pintam nas ruas de Nová Iorque desenhos alusivos à tragédia do povo japonês após a destruição de Hiroshima



Apesar da chuva, cerca de vinte mil pessoas protestam contra a instalação de mísseis nucleares na Grã-Bretanha



Respondendo ao apelo dos movimentos pacifistas, cerca de 150 000 manifestantes protestam em Bruxelas contra a instalação de mísseis nucleares na Europa

# CPPPC

## - um intenso trabalho a favor da Paz e do Desarmamento

**E**m Portugal, quando se fala de luta pela Paz, a sigla obrigatória é o CPPPC. Conselho Português para a Paz e Cooperação, onde se juntam muitas personalidades democráticas, vindas de todos os quadrantes ideológicos e políticos, e cujas actividades têm grande alcance nacional e cujo prestígio internacional é crescente. Surgido logo após o 25 de Abril, o CPPPC tem as suas raízes nas actividades a favor da paz que os democratas e antifascistas esforçadamente já desenvolviam em pleno fascismo. Associação legal, com estatutos próprios a partir do derrubamento do regime opressor, o CPPPC promove um vasto conjunto de acções, dinamiza e apoia outras tantas, participa internacionalmente em iniciativas a favor da paz e da cooperação entre os povos.

Uma das características mais marcantes da existência e da actividade do CPPPC é o facto de ter sido capaz de dirigir o movimento da paz em Portugal, sendo uma estrutura aberta e inserida nesse movimento; ao mesmo tempo que tem sido capaz de manter uma larga unidade e de impedir eventuais iniciativas tendentes a dividi-lo. Na Europa, é caso praticamente único, apesar da diversidade de correntes que convergem no seu seio.

### Actuação diversificada

Momento alto do trabalho do CPPPC no domínio das actividades em favor da paz foi a criação do Movimento Não às Armas Nucleares em Portugal que, em 1982, recolheu em todo o País 180 mil assinaturas. A constituição do MNANP decorreu da atitude do então ministro da Defesa, o falecido Amaro da Costa, que chegou a admitir publicamente o estacionamento de armas nucleares no nosso país.

Constituído com o objectivo de lutar contra o estacionamento, trânsito ou armazenamento de armas nucleares em Portugal, o MNANP organizou ainda em 1982 as marchas da Paz em Lisboa. No ano seguinte, estas marchas verificaram-se em 7 cidades do continente — Porto, Figueira da Foz, Lisboa, Setúbal, Évora, Beja e Vila Real de Santo António, contando com uma participação de cerca de 200 mil pessoas que se manifestaram contra a instalação de novos mísseis na Europa.

Mas as actividades a favor da paz, dinamizadas pelo CPPPC, são diversificadas, já o dissemos. E nestas temos de contar, por exemplo, as festas da Paz e da Cultura, realizadas em cidades algarvias, durante os anos de 1979, 80, 81 e 82, respectivamente em Lagos, Silves e Vila Real de Santo António.

Entretanto, de 1982 até hoje, muitas comissões de paz se criaram por todo o País. São estruturas autónomas, que se enquadram no trabalho do Conselho, e realizam actividades do Minho ao Algarve, promovendo as suas próprias iniciativas. Para se ter uma ideia, no período de 1983/84, realizaram-se em todo o território cerca de 200 sessões sobre a paz e o desarmamento. Desde 1983 que estas comissões têm vindo a ser muito solicitadas para a realização de sessões nas escolas.

As actividades culturais são de resto uma das formas que o CPPPC acarina, ligando-as aos problemas da

paz. Lembremo-nos que, em Lisboa, os ciclos de cinema foram durante muito tempo actividade regular e projecta-se continuar esse tipo de iniciativas. Por outro lado, a Comissão de Desarmamento junto do Conselho promove também com regularidade exposições-venda de obras de arte, realizadas na Sociedade Nacional de Belas-Artes, com a colaboração de artistas plásticos, e cujo produto constitui uma forma de angariação de fundos.

### Informar

O CPPPC procura sempre manter a opinião pública informada sobre os problemas mais prementes relativos às questões da Paz. Para isso servem as edições variadas de materiais sobre temas específicos ou de apoio a iniciativas. Na marcha da paz de 83 foram editados muitos materiais de apoio a esta acção em todo o País. Com regularidade se realizam seminários — foram levados a cabo dois nos últimos meses, um dos quais no Hotel Diplomático sobre a «guerra das estrelas». Um Centro de Documentação, em organização, encontra-se à disposição de quem queira consultá-lo sobre os problemas da paz e do desarmamento. Só o facto de, neste momento, o CPPPC ter sido despojado da sua sede, na Rua Artilharia Um, em Lisboa, impede que tal centro de documentação possa ser hoje consultado. Mas, como explicamos noutro lugar, será problema a resolver em breve...



### Sede precisa-se!

A actividade do Conselho Português para a Paz e Cooperação está hoje a ser dificultada, senão mesmo impedida em larga medida, por um despacho ministerial que acabou por lhe retirar as instalações onde tem funcionado desde 1974, na Rua Artilharia Um, em Lisboa.

Sem essas instalações, a batalha por uma sede transformou-se quase na tarefa central do CPPPC. Para que as tarefas próprias do Conselho possam continuar.

Hoje, praticamente todas as acções de angariação de fundos estão viradas para a questão da resolução do problema da sede. A responsabilidade da angariação de fundos, distribuída por todos os membros do CPPPC, conta também com a solidariedade de organizações congéneres de várias partes do mundo. Em Portugal sucedem-se e preparam-se variadas iniciativas — espectáculos, excursões, jantares-convívios, etc. Para que uma nova sede se abra brevemente ao trabalho.



A acção do Conselho não se limita à luta pela paz. Iniciativas de solidariedade, colaboração em realizações internacionais — como a que se verificou em Lisboa, a Conferência Luso-Espanhola por uma Península Ibérica Livre de Armas Nucleares — ocupam muito do trabalho do CPPPC.

No campo da solidariedade há a registar a contribuição para a fundação do Movimento Português Contra o Apartheid, o MPCA, hoje a funcionar com grande dinamismo; a realização de conferências — contra o apartheid; de solidariedade com o povo árabe; de solidariedade com os países da Linha da Frente; de solidariedade com o Chile; de solidariedade com a Nicarágua. Não esquecendo as campanhas de solidariedade, nomeadamente com a Nicarágua e com as vítimas do apartheid.

É muito rica, intensa e diversificada a actuação do CPPPC em numerosas reuniões e acções a nível internacional. Tem participado nos Congressos Mundiais da Paz — o último dos quais em Praga, em 1983, onde Portugal esteve representado por cerca de 40 personalidades. O marechal Costa Gomes é um dos vice-presidentes do Conselho Mundial da Paz, sendo membros da sua presidência uma vintena de personalidades da nossa vida política, cultural e religiosa.

Prepara-se, entretanto, a participação no próximo Congresso, a realizar em Outubro do ano que vem, em Copenhaga.

### Um ano em cheio

O ano de 1986 vai ser um ano em cheio. Para as tarefas que o CPPPC se propõe levar a efeito, torna-se indispensável ganhar os democratas, as organizações políticas, sindicais, cívicas e religiosas para o desenvolvimento de actividades em torno do apelo das Nações Unidas e da proclamação do próximo ano como Ano Internacional da Paz. Assim, uma das principais tarefas em que o CPPPC se tem empenhado é a sua contribuição para o apoio e alargamento da Comissão Portuguesa para o AIP.

Esta Comissão propôs-se realizar uma Assembleia do AIP para definir linhas de acção e um programa para 1986, encontrando-se em discussão uma proposta para realizar na próxima Primavera (Abril), grandes manifestações nacionais de carácter popular. Vai ser, entretanto, lançado um concurso para um cartaz nacional evocativo do Ano Internacional da Paz. Neste momento muitas organizações populares já programam as suas acções para o AIP — entre as quais a Intersindical, o MDM, o Conselho de Pais de Lisboa e o MNANP.

A Paz impõe um sem-número de esforços, a convergência de muitas vontades, a adesão do maior número. O Conselho Português para a Paz e Cooperação dá, em Portugal, o exemplo de um empenhamento profundo e de um trabalho em que todos podem participar. E participam. ■



# Amar a paz lutar pelo progresso

**P**or definição, a juventude é amante da paz, uma vez que é o futuro e que este só se pode construir — já hoje — se todos os esforços forem desenvolvidos no sentido da resolução dos mais candentes problemas sociais, económicos e culturais do planeta.

Os jovens de todo o mundo são, pois, parte integrante e indispensável do movimento pela paz que este ano adquiriu uma particular importância e força, não só por se comemorar o 40.º aniversário da vitória sobre o nazi-fascismo, mas também porque, nunca como agora, foi tão real o efectivo perigo de um novo confronto à escala mundial.

Um novo confronto que urge evitar, que urge combater, mesmo antes de ter eclodido. Porque depois será tarde demais. Porque depois não haverá depois.

É a juventude de todo o mundo está bem ciente desta verdade: se não lutar agora, se não unir agora os seus esforços, depois será tarde demais.

Mas lutar pela paz nestes tempos que correm, não é unicamente lutar pela não proliferação do armamento nuclear e convencional, não é simplesmente lutar contra a corrida aos

armamentos e por um mundo sem guerra.

Lutar pela paz, hoje em dia, é também lutar pela autodeterminação dos povos, pelo bem-estar dos povos e por uma Nova Ordem Económica Mundial. É também lutar pela democracia e pela liberdade, contra a exploração e pelo direito fundamental de todo o ser humano: o direito a uma vida digna.

Foram todos estes objectivos que uniram milhões de jovens em todo o mundo. Foram estes objectivos que levaram dezenas de milhares de jovens a participar em Moscovo no XII

Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes.

Foi com estes objectivos que duzentos jovens portugueses se juntaram a todos os outros vindos de mais 156 países de todos os continentes.

Para dizer que a luta pela paz passa também pela luta pela democracia e pela liberdade, passa também pela luta em prol das aspirações dos jovens de todo o mundo. Pelo progresso.

O apelo final do XII Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes é disso exemplo. Jovens de diversos credos políticos, ideológicos e religiosos estão unidos em torno das suas aspirações comuns.

Estão unidos porque pretendem para si um futuro digno, uma sociedade mais justa.

Estão unidos, finalmente, porque sabem que as suas aspirações só serão possíveis se houver paz no mundo.

E para isso lutam hoje. Porque o futuro constrói-se no presente. Com a sua participação. ■



## XII Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes

# APELO



«Queridos amigos!

Os delegados ao XII Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, que se realizou em Moscovo, capital da URSS, de 27 de Julho a 3 de Agosto sob o lema «pela solidariedade anti-imperialista, a paz e a amizade», saúdam-vos.

O desejo de nos conhecermos e compreendermos melhor, de reflectir juntos sobre o papel que pode caber aos jovens de diferentes povos na solução dos problemas mais candentes do nosso tempo, foi a ideia central que atraiu ao Festival mais de 20 mil jovens das mais diversas convicções políticas, filosóficas e religiosas, provenientes de 157 países e de Berlim Oeste.

O pluralismo de opiniões e critérios sobre algumas questões — compreensível num encontro desta envergadura — não impediu que durante o Festival superássemos as dificuldades com o intuito de realizarmos a principal tarefa que é hoje a de fomentar a cooperação e a acção unida de amplos sectores de jovens democratas, progressistas e amantes da paz e de lutar para assegurar o direito inalienável e universal que é podermos viver em paz e liberdade.

Ao unir os seus esforços, os povos amantes da liberdade triunfaram há quarenta anos sobre o fascismo hitleriano. Foi monstruoso o preço pago por essa grande vitória da liberdade sobre a escravidão, da democracia sobre a tirania e do humanismo sobre a barbárie. No Festival rendemos tributo à memória ilustre e à proeza imortal daquelas forças que libertaram os povos do avassalamento.

Foram elas: o povo soviético com o seu extraordinário papel na derrota do nazifascismo; os povos dos outros países da coligação anti-hitleriana; os guerrilheiros, os combatentes da resistência; os antifascistas e os democratas; milhões e milhões de lutadores pela liberdade, os que caíram nos campos de batalha, os mártires que pereceram nas masmorras, nos campos de concentração, nas ruínas das cidades e das aldeias.

Os trágicos ensinamentos da Segunda Guerra Mundial comprometem a jovem geração, em grande parte responsável pelos destinos do presente e do amanhã, a lutar decididamente contra a guerra, antes que esta comece.

Por isso, exortamos os jovens de todos os países, sem

distinção do seu credo político, filosófico ou religioso, a que não regatem esforços para travar o avanço do militarismo e da agressão. Unir os seus esforços para prevenir a conflagração nuclear, deter a corrida aos armamentos nucleares e convencionais na terra e impedir que se estenda ao espaço; conseguir a proscrição e a liquidação total das armas nucleares e de todas as outras de extermínio maciço.

Não deve repetir-se a tragédia de Hiroxima e Nagasaki, cujo 40.º aniversário se comemora este ano!

No décimo aniversário do feliz desfecho da Conferência para a Segurança e Cooperação Europeia, reiteramos, da tribuna do Festival, o nosso enfático apoio à letra e ao espírito interestatais por ela fixados, assim como reiteramos o nosso interesse em contribuir para que todos os seus postulados se tornem realidade, para que se retome a política de distensão e se fortaleça a cooperação mutuamente vantajosa entre os Estados com diferentes regimes sociais.

Pronunciamo-nos pela solução pacífica de todos os conflitos através da negociação, por um sistema mais justo e huma-

no nas relações internacionais, livre da arbitrariedade e da violência, que só conduzem a uma maior tensão e a novos conflitos. Os países não alinhados desempenham um papel positivo neste processo.

O XII Festival Mundial foi uma brilhante manifestação da crescente solidariedade anti-imperialista entre os povos, a juventude e os estudantes da América Latina, América Central e Caraíbas, Ásia, África — particularmente da África Austral —, do Mediterrâneo e do Médio Oriente; com todos os lutadores pela liberdade, a independência e a soberania dos seus povos, pelo seu legítimo direito à autodeterminação e a definir o seu próprio destino, contra os vestígios do colonialismo, do expansionismo, contra o *apartheid* e todas as formas de racismo e de discriminação racial, contra os regimes fascistas e ditatoriais.

Pronunciamo-nos pela liquidação do atraso económico, pela verdadeira independência económica, pela eliminação da exploração, da dominação e da opressão neo-colonialista, por uma solução para a impagável dívida externa que os países subdesenvolvidos contraíram e pelo estabelecimento de uma

Nova Ordem Económica Internacional.

Consideramos que os países altamente desenvolvidos e os que estão em vias de desenvolvimento devem melhorar substancialmente as suas relações, em pé de igualdade, o que ajudaria a atenuar os conflitos existentes, apressaria a solução dos mais candentes problemas sociais, económicos, ecológicos e outros problemas globais do mundo contemporâneo, tais como a protecção do meio-ambiente, a supressão da fome, a erradicação das doenças e do analfabetismo.

No ano do 40.º aniversário da ONU aderimos aos seus objectivos e princípios.

O Ano Internacional da Juventude, declarado pela ONU sob o tema «participação, desenvolvimento e paz», permitiu atrair a atenção da opinião pública mundial para os problemas, inquietações e aspirações dos jovens.

Confiamos em como a juventude pode e deve ter um futuro melhor. Para o tornar realidade é preciso que juntos lo-gremos, para cada um, um sentimento de segurança no dia de amanhã, o direito ao trabalho e a uma vida digna, à

educação básica e profissional, a participar na gestão estatal e social, a disfrutar dos direitos sociais, económicos, políticos, civis e humanos.

Durante oito dias fomos hóspedes da juventude e do povo soviéticos. Expressamos-lhes o nosso sincero agradecimento pelas magníficas atenções que nos dispensaram. Ao deixar a sede do XII Festival Mundial, levamos as mais gratas recordações da cordialidade, boa vontade, solidariedade e amizade dos soviéticos.

O XII Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, sem precedentes pela sua envergadura, demonstrou a aspiração comum dos jovens de todo o mundo que representam diversas convicções políticas, em fomentar contactos e intercâmbios e em pronunciar-se a favor das acções conjuntas pela paz, o desarmamento, a liberdade e a justiça em benefício das novas relações de amizade e cooperação entre os povos.

Viva a solidariedade anti-imperialista, a paz e a amizade! Até novos encontros nos festivais!

Moscovo, 3 de Agosto de 1985» ■

■ **Dr. Wolfram Adolphi**

# «Pikadon» o crime

**S**obre a minha secretária encontra-se uma pedra com a aparência de lava fria em estado sólido, tendo a sua superfície adquirido uma rigidez porosa em consequência da fusão. É negra e parece ter sido submetida a fogo intenso. No entanto não se trata de lava mas de uma telha trazida de Nagasaki.

A fusão resultou da obra instantânea do «pika», o aerólito produzido pela bomba atómica. Quando o «don» ou estrondo da poderosa explosão chegou aos ouvidos dos que não haviam sido completamente queimados, a onda de calor de 700 graus Célsius tinha fundido, no epicentro, milhares de telhados, os seres humanos haviam sido convertidos em sombras sobre as paredes dos poucos edifícios de construção maciça, e nenhum aço ou, por maioria de razão, qualquer pedaço de madeira, puderam oferecer resistência ao violento relâmpago.

## A luta contra o esquecimento

«Pikadon» — globo de fogo e estampido. «Pikadon» soa como um diminutivo que reduz o significado dos terrores inconcebíveis do 6 de Agosto de 1945 em Nagasaki.

Como haveria de subsistir entre o povo outro conceito? Não se intuía o que chegou a ser realidade, o homicídio em massa tinha caído do firmamento. Nunca até esse momento se havia visto algo semelhante — nem mesmo os devastadores ataques aéreos «convencionais» como aqueles com que os EUA tinham levado a guerra ao território do agressor japonês, nem mesmo os terríveis incêndios com que as populações de Tóquio e de outras grandes cidades tiveram de pagar a política expansionista do regime militar japonês.

Mas falemos da bomba atómica. Não se tratou de mais um entre os muitos meios de combate. Mais do que isso, foi um instrumento submetido a um rígido e arrepiante plano de aplicação, correspondente a uma estratégia concebida para decénios e baseada no poderio, na pressão e na chantagem. Era dirigida ainda contra o Japão já inteiramente debilitado do ponto de vista militar, e mostrava os anseios estadunidenses de domínio mundial baseado na superioridade militar e no «roll back» do socialismo.

É o confrontar-se com o horror sistemático que assombra quem quer que seja, sobretudo ao passear pelos parques da paz e pelos museus de ambas as cidades.

Existem testemunhos de que as forças aéreas dos EUA «excluíram» deliberadamente o bombardeamento «normal» de Hiroshima e Nagasaki, assim como outras cidades, desde o 1.º de Junho de 1945, dia em que o Presidente Truman recebeu da parte do seu conselheiro-chefe propostas concretas sobre a utilização de bombas atómicas contra o Japão, com o objectivo de poder estudar mais tarde o «verdadeiro» efeito da explosão nuclear. Há provas de que tinham sido levados a efeito estudos sobre a «aptidão» geográfica do lugar de destino previsto: Nagasaki, um lugar pitoresco que se encontra numa baía rodeada de montanhas, prometia um especial «efeito de caldeira» com a explosão. Sabe-se, por exemplo, da designação de um único avião para a operação, com o objectivo de entorpecer a defesa antiaérea e de confundir a equipa de radar. E efectivamente, centenas de milhares de seres humanos encontravam-se completamente despreocupados ao ar livre.

Dispõem-se de informações, de testemunhas oculares, que não cessam de horrorizar os visitantes. O vice-director do hospital, professor Kuramoto, que atende as vítimas da bomba atómica em Hiroshima, é um homem prático e sensato. Não o vergaram os 40 anos de serviço ininterrupto a pacientes que sofriam das enfermidades causadas pelas radiações, e são esses quarenta anos que conferem uma

importância indubitável ao seu critério. E como ele é significativo numa época em que os criadores das «guerra das estrelas» procuram apagar da consciência da humanidade os terrores de Hiroshima e Nagasaki e não hesitam em acusar os inimigos japoneses da bomba atómica acusando-os de padecer de «alergia nuclear»! Mas o Prof. Kuramoto sabe exactamente o que diz. E toda a impressão pessoal que me deixou pode ser comprovada por milhares de documentos médicos, por estatísticas e investigações que nunca haveriam sido realizadas se se tivessem em conta os desejos do Estado Maior da planificação estadunidense.

O Prof. Kuramoto chegou a Nagasaki em 10 de Agosto de 1945, um dia depois do «Pikadon». Nada sabia então dos efeitos que poderia produzir uma bomba atómica. Em 7 de Agosto, soube mais tarde, o físico Nashina declarou oficialmente que tinha sido uma bomba atómica a que caíra sobre Hiroshima. No entanto, baseando-se em todos esses conhecimentos

não se lograva tirar conclusões positivas para iniciar a luta contra o tipo de queimaduras completamente desconhecidas até então, contra as doenças causadas pelas radiações e para a urgente protecção que os sobreviventes necessitavam. Só uma semana depois do lançamento das bombas, os japoneses obtinham fotografias sobre as quais pretendiam fazer um balanço da envergadura dos estragos.

Homens e mulheres, tais como o jovem médico Kuramoto e o seu pequeno grupo de enfermeiras, viram-se centenas de vezes em face da morte sem conhecimentos sobre a sua origem, sem medicamentos, sem água, sem material de curativo e sem o que quer que fosse necessário. No entanto, o extraordinário da situação era percebida por todos como que num estado hipnótico em que se originava um aumento de energias que dava lugar a uma apurada realização de observações exactas de pormenores que hoje possuem grande valor.

«Demo-nos conta logo nos primei-

ros dias», afirmou o Prof. Kuramoto, «que tinham desaparecido as moscas. A onda de calor tinha exterminado inclusivamente esses insectos sempre presentes em toda a parte. Depois encontrámos no sótão destruído do nosso hospital, películas de raios X novas mas já expostas às radiações. Fomos lentamente tomando consciência da nossa situação que até àquele momento era desconhecida por todos.» Os conhecimentos dos que lançaram as bombas e que enviaram fotógrafos e operadores de câmara para fazerem a documentação dos seus feitos, arquivaram-se por anos e decénios nas caixas fortes do outro lado do Pacífico. Claro. Eram conhecimentos que, depois da rápida capitulação, poderiam ter salvo a vida de milhares de japoneses.

## As próprias vítimas tiveram de fazer colectas para pagar a documentação

Milhares de metros de película, uma das muitas coisas incríveis que tiveram a ver com o destino de Hiroshima, só mediante compra podiam ser obtidos e com elas as informações filmadas retidas pelos EUA. As vítimas da bomba atómica, os «Hibakusha», uniram-se com os milhões de inimigos das armas nucleares com o objectivo de reunir o dinheiro para a compra da documentação original do seu próprio e mil vezes experimentado sofrimento.

E mencionam-se insistentemente as estatísticas concretas: fala-se hoje de um diâmetro de 500 metros que determinava a zona de destruição total de Hiroshima e Nagasaki, onde nada, absolutamente nada, logrou sobreviver. O Prof. Kuramoto cravara, em 1945, tal como anos mais tarde, alfinetes sobre um mapa da cidade que simbolizava os seus pacientes, indicando aqueles o lugar e a hora do «Pikadon», com o objectivo de retirar conclusões sobre a força e a duração dos estragos em função da distância relativa ao epicentro. No entanto, dentro do círculo de 500 metros de diâmetro, não se encontrava nem um só alfinete. O Prof. Kuramoto extrai, por operação cirúrgica, semanalmente desde há 40 anos, estilhaços de vidro cravados nos corpos de seres humanos, faz o tratamento de queimaduras, luta contra a leucemia produzida pelas radiações nucleares e emprega toda a sua força espiritual para anunciar com voz calma que ninguém saberia dizer de ciência certa que defeitos genéticos virão a produzir-se na terceira geração. Hiroshima e Nagasaki foram as vítimas dos que hoje planeiam as «guerras das galáxias» e acreditam na possibilidade do triunfo de uma guerra nuclear. Fazer perdurar, hoje mais do que nunca, estes factos na consciência, 40 anos depois do crime do «Pikadon», constitui um elemento inseparável da luta pela paz. No parque da paz de Nagasaki encontra-se a «Estrelada Amizade entre os Povos», que foi oferecida pelo Conselho da Paz da RDA e inaugurada por Erich Honecker durante a sua visita ao Japão em Maio de 1981. ■



Médicos para a Paz galardoados com o Prémio Nobel

# «É preciso que as pessoas continuem a olhar o céu com esperança, não com medo»

**A** Organização Médicos Internacionais para a Prevenção da Guerra Nuclear, galardoada este ano com o Prémio Nobel da Paz, transformou-se ao longo dos anos da sua existência num exemplo do que poderá ser a cooperação e a coexistência pacífica entre os povos de todo o mundo.

Presidida pelos médicos co-fundadores da organização, Bernard Lown, dos Estados Unidos, e Yevgeny Chazov, da União Soviética, os Médicos Internacionais para a Prevenção da Guerra Nuclear têm como principal tarefa sensibilizar o mundo para a defesa da paz.

Nesse âmbito, a organização dirigiu o seguinte apelo ao secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética, Mikhail Gorbatchev, e ao presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, que se transcreve.

Em 1981, os médicos de doze países reuniram-se nos Estados Unidos no primeiro Congresso internacional da nossa federação. Nesse ano e em todos os anos que se lhe seguiram, os delegados ao nosso Congresso enviaram um apelo aos chefes de Estado dos dois países mais poderosos do mundo. Cada ano que passa, o movimento que representamos tem vindo a sensibilizar um número crescente de médicos. Hoje, em Budapeste, a nossa organização inclui 135 000 membros de grupos filiados em 40 países.

Desde 1981, a população dos Estados Unidos, da União Soviética, dos países alinhados e não-alinhados tem tomado crescente consciência das consequências terríveis, no plano médico, de uma guerra nuclear. Com efeito — e a opinião internacional é unânime neste ponto — a única resposta razoável à ameaça de uma guerra nuclear é trabalhar pela sua prevenção. Esta unanimidade traduz-se nas declarações dos vossos dois governos que anunciaram que era seu objectivo a redução, e mesmo a eliminação, de todas as armas nucleares.

No entanto, estes objectivos declarados estão ainda longe de serem postos em prática. De facto, novas gerações de armas nucleares — mais precisas, mais fáceis de dissimular, e ainda mais desestabilizadoras — são concluídas e instaladas. Ao mesmo tempo, novos dados científicos dão-nos a conhecer as consequências ecológicas globais que poriam em perigo a sobrevivência do próprio planeta.

## A corrida aos armamentos no Espaço

Uma nova ameaça advém da corrida aos armamentos tendente a ampliar-se ao Espaço. Se o Espaço se torna numa arena para a corrida às armas, o risco de deflagração de um conflito nuclear global crescerá bruscamente. Muito do que até agora foi obtido para sustentar a corrida aos armamentos será destruído, e as conversações em curso serão minadas.

As nossas análises convenceram-nos da absoluta impossibilidade de qualquer resposta médica à guerra nuclear. Estamos convencidos de que devem ser desenvolvidas imediatamente acções para fazer recuar a corrida aos armamentos. Estamos convencidos de que o programa que propusemos para eliminar a ameaça nuclear vai no sentido dos desejos da

população de todo o mundo. Este programa apela a um congelamento suficientemente controlável da produção, dos ensaios e do desenvolvimento de armas nucleares e dos seus sistemas de lançamento, seguido de uma redução equilibrada e da eventual eliminação das armas nucleares. É igualmente um apelo a uma política de defesa que exclua a utilização da arma nuclear em qualquer conflito armado. Saudando a abertura de novas conversações sobre a limitação de armas, entre os vossos dois governos, consideramos urgente encontrar uma nova orientação. É tempo de apoiar as palavras com actos seguidos sempre de novos actos.

## Uma moratória sobre explosões nucleares

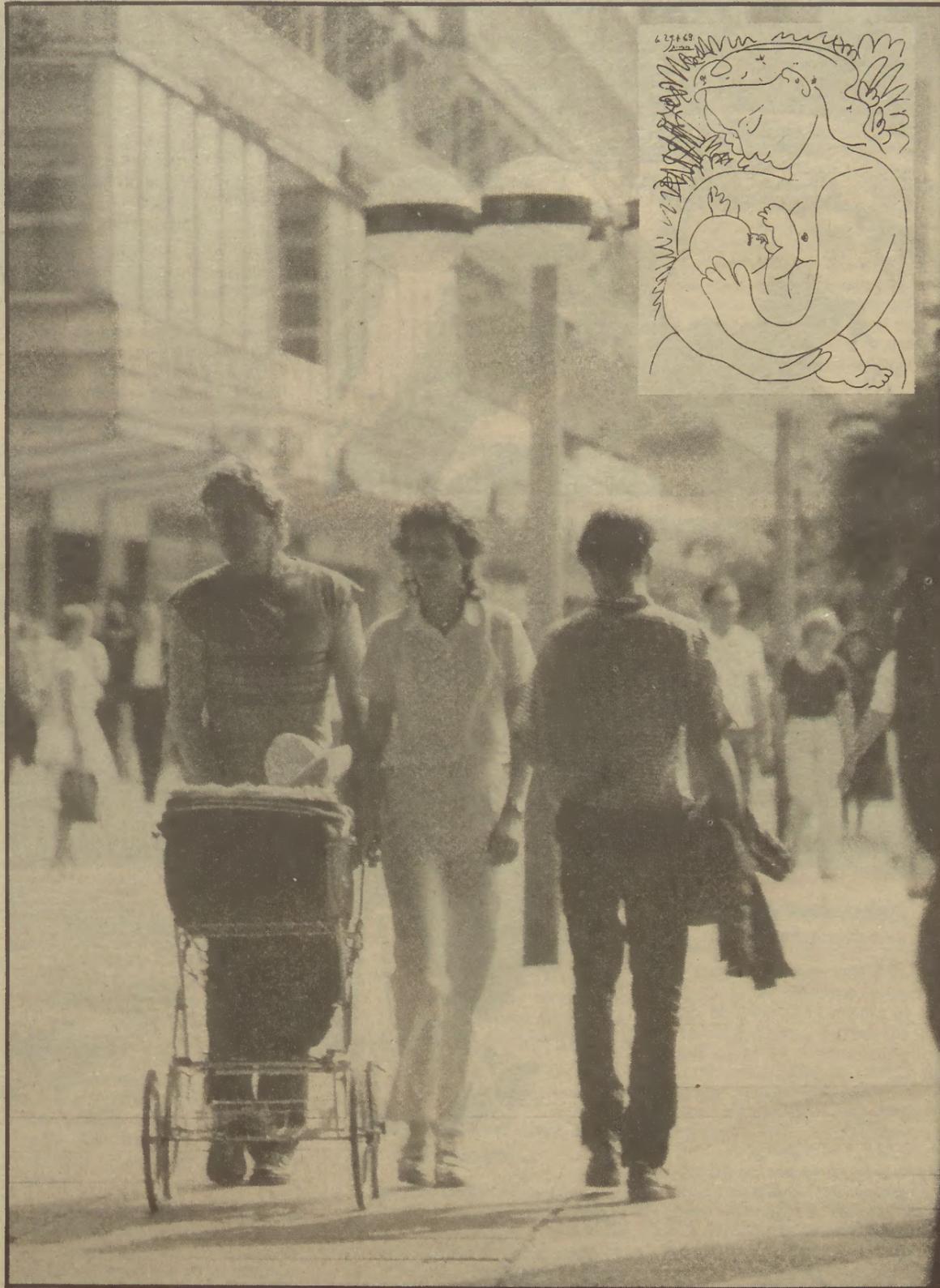
Como primeira medida recomendamos uma moratória sobre todas as explosões nucleares. A moratória deverá estar em vigor até à conclusão de um tratado proibindo todos os ensaios.

Uma moratória sobre os ensaios constituirá aos olhos de todo o mundo um sinal do carácter sério do vosso empenho em fazer recuar a corrida aos armamentos. Será uma mensagem de esperança e simultaneamente um sinal oportuno. Apelamos à consolidação dos acordos existentes tendo como objectivo a contenção da corrida aos armamentos nucleares, incluindo a não-proliferação das armas nucleares.

Reunimo-nos em Budapeste sob o lema «A cooperação, e não a confrontação, é um imperativo na era nuclear». O nosso Movimento de Médicos constitui um exemplo de diálogo e cooperação entre o Leste e o Oeste. As medidas de confiança são vitais para afastar o espectro da ameaça nuclear. O melhoramento da saúde da população é um desafio, no sentido próprio da palavra, e uma oportunidade para dissipar confrontos.

Insistimos no crescimento de todas as formas de cooperação no plano médico entre os vossos dois países e no mundo inteiro e na utilização nesse sentido das possibilidades oferecidas pelas organizações internacionais existentes.

Apelamos a esforços comuns, em que se empenharão os talentos e os recursos dos médicos e dos sábios de Leste e de Oeste, para combater a doença e a pobreza no mundo, incluindo uma aplicação mais ampla



das comunicações por satélite. As técnicas que evoluíram a partir da exploração do Espaço deveriam ser utilizadas para melhorar a qualidade de vida e a saúde de todos, e não servir de base a uma nova corrida aos armamentos. É preciso que as pessoas continuem a olhar o céu com esperança, não com medo.

Insistimos junto dos dirigentes soviéticos e americanos que adoptem programas a longo prazo para a saúde das crianças do mundo. Uma das grandes realizações dos vossos dois sistemas sociais foi a virtual eliminação das doenças infantis que são ain-

da flagelo para demasiadas pessoas no mundo. Os benefícios imensos da vossa cooperação já foram postos em evidência com a erradicação da varíola. Em cada ano, quatro milhões de crianças morrem de seis doenças que podem facilmente ser evitadas pela vacinação, e quatro outros milhões ficam doentes. Apelamos a um aumento dos grandes esforços desenvolvidos a nível internacional para que as vacinas essenciais sejam postas à disposição de todas as crianças da Terra. Este elevado objectivo só necessita de uma pequena parte dos fundos canalizados todos os anos

para a crescente ameaça nuclear.

No nosso apelo lançado no último ano, os delegados ao quarto Congresso escreveram: «A saúde dos americanos depende da União Soviética; a saúde dos soviéticos depende dos Estados Unidos; a saúde do mundo depende dos dois países...».

Que estas palavras vibrantes, vindas do fundo do coração dos médicos, encorajem a cooperação entre os vossos dois grandes povos, para que definitivamente seja posto termo ao que constitui uma ameaça sem precedentes para a saúde da Humanidade. ■

# Guerra das estrelas

## Para que serve?



Os planos seguidos pelos EUA para a militarização do espaço integram a sua estratégia de guerra nuclear «ganhável». Segundo as directivas do Pentágono para o período de 1984 a 1988 — parcialmente publicadas no «New York Times» em 30 de Maio de 1982 — esta estratégia «deve basear-se na chamada decapitação, o que significa que se leva a cabo golpes contra a direcção política e militar e contra a rede de telecomunicações da União Soviética».

Neste documento exige-se «que os EUA desenvolvam armas para as quais a União Soviética não tenha resposta, as quais originam avultadas despesas, descobrem novas zonas duma concorrência militar reforçada e transformam os investimentos soviéticos até agora realizados em investimentos vãos». As forças armadas são

chamadas a descobrir «novos domínios de armamentos, sobretudo no espaço».

Isto fica por detrás dos planos de Washington sobre a «guerra das estrelas». Foi apenas o risco de desaparecer literalmente em consequência duma guerra nuclear que fez com que os círculos mais militantes dos EUA renunciassem até agora ao emprego de armas nucleares. Também lá, durante um determinado período, não se podia negar totalmente que numa guerra atómica não haverá vencedores nem vencidos, mas sim exclusivamente derrotados. Isto deve modificar-se no futuro. Os progressos alcançados na ciência e na técnica originaram o surgimento em Washington da ilusão da possibilidade de reduzir o risco de suicídio a uma dimensão «suportável». A estratégia elaborada por Washington sobre a guerra atómica «ganhável» baseia-se sobretudo em dois programas de armamento.

### Armas de primeiro golpe

São sistemas munidos duma pontaria de elevada precisão (entre outros, o Pershing II, os mísseis cruzeiro de longo alcance com os seus diferentes tipos de bases de lançamento, o MX, o Trident 1 e 2, os bombardeiros estratégicos B1B e o «Stealth») com os quais se prevê destruir através dum primeiro golpe surpresa os mísseis nucleares soviéticos situados em terra, armazenados em bunkers, antes que estes possam ser empregues num contragolpe.

Ao mesmo tempo, pretende-se com estas armas liquidar a direcção política e militar da URSS («decapitação») para impedir que seja dada uma ordem que desencadeasse o golpe de resposta.

Os EUA aumentam cada vez mais o seu stock do potencial estratégico ofensivo. Todos os dias é concluído o fabrico de mais 5 ou 6 novas armas nucleares. O número das ogivas nucleares estratégicas deve aumentar nos próximos sete anos de 12 000 para 20 000. No final do ano de 1986 devem estar prontos para ser empregues os primeiros mísseis MX, e no final de 1989 os mísseis Trident 2 que serão instalados nos submarinos atómicos do tipo «Ohio». Os bombardeiros B1B são constantemente fabricados. Os preparativos para o novo bombardeiro estratégico «Stealth» e o

novo míssil intercontinental «Midgetman» são reforçados.

As armas espaciais foram, e são, projectadas como armas de primeiro golpe. O seu «escudo» — e é essa a sua função principal — deve servir para que este poderoso «escudo» atómico possa ser utilizado no devido momento sem receber resposta.

### Armas ofensivas estratégicas no espaço

As armas ofensivas estratégicas no espaço, projectadas pelos EUA, têm como objectivo a liquidação de alvos situados na terra, no mar, na atmosfera e no espaço. Para que o primeiro golpe dos EUA seja verdadeiramente um golpe surpresa prevê-se a neutralização com armas anti-satélite do sistema inimigo de pré-aviso o qual regista imediatamente o lançamento de qualquer míssil. Ao mesmo tempo trata-se de destruir o sistema de telecomunicações do inimigo na medida em que este se baseia em satélites.

A circunstância de um primeiro golpe surpresa não poder garantir a destruição de todos os mísseis soviéticos estacionados em terra e da União Soviética dispor, além disso, de mísseis instalados em submarinos e prontos para um golpe de resposta faz com que as armas anti-míssil sejam para os estrategas do Pentágono um outro elemento imprescindível para tornar a guerra atómica «viável» e «ganhável».

Além do desenvolvimento destas armas destinadas à destruição por diferentes meios de mísseis estratégicos soviéticos na fase de arranque, durante o voo balístico e na fase de entrada na atmosfera, os EUA preparam-se já hoje para realizar acções de combate no espaço na proximidade da terra e desenvolvem sistemas para atacar desde o espaço alvos situados em terra.

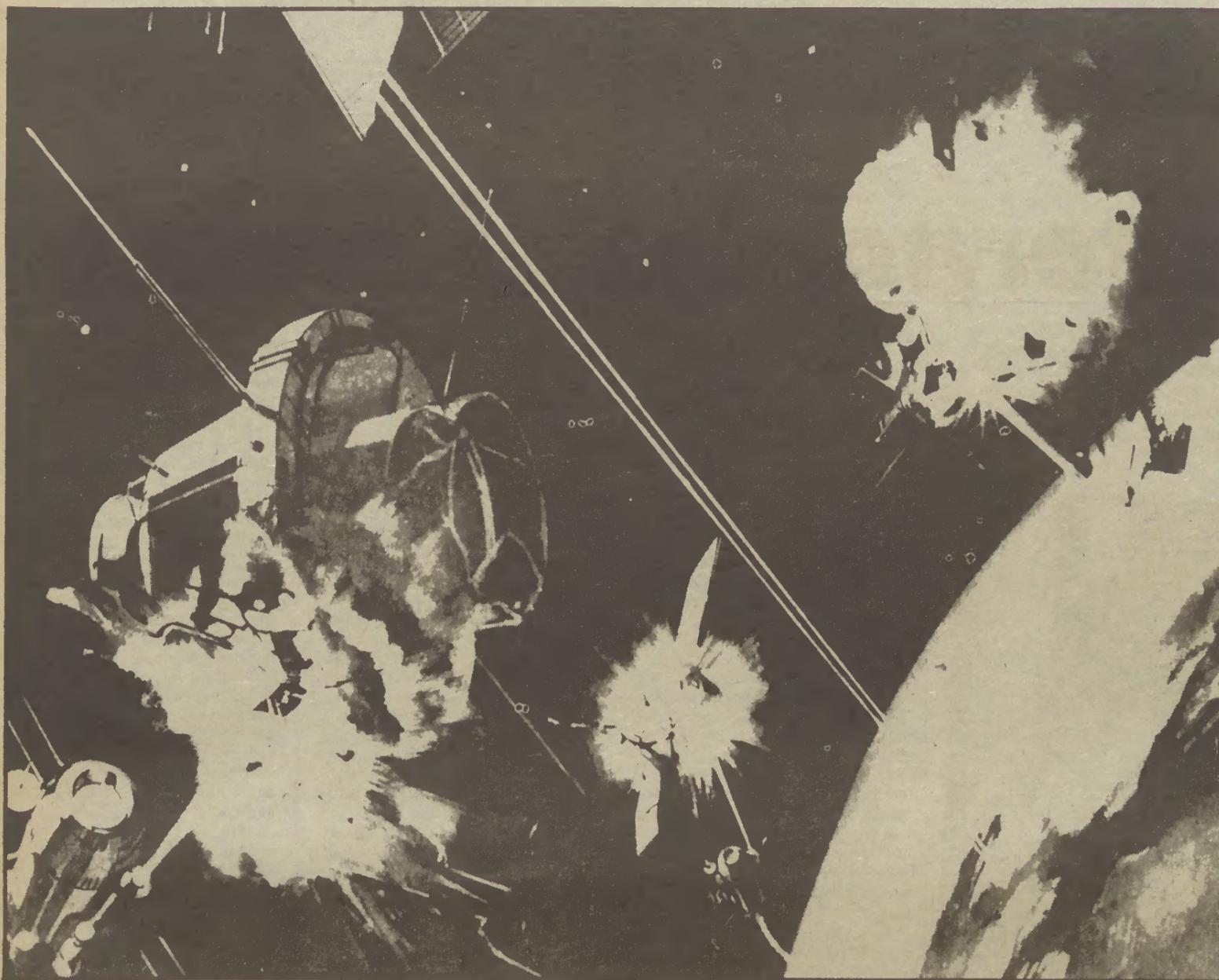
### «escudo defensivo»

O «International Herald Tribune» noticiou neste âmbito, em 12 de Março de 1985, pormenores expressos na terminologia «defensiva» e já correntemente utilizada no Pentágono:

«O escudo defensivo planeado pelo presidente Reagan contra um ataque de mísseis poderia ser utilizado sem obstáculos para uma guerra ofensiva devastadora. Esta opinião é defendida tanto pelos partidários como pelos críticos do programa visionário de Reagan.

Se for realmente construído e desenvolvido até ao último pormenor o pretensão sistema defensivo poderá





cumprir, segundo os peritos, várias funções ofensivas essenciais.

- Numa ofensiva nuclear poderia servir como ajuda de defesa, o que permitiria realizar com mísseis nucleares o golpe ofensivo, enquanto o sistema defensivo teria que interceptar todo e qualquer golpe de desforra.

- Poderia atacar e destruir satélites inimigos, que em geral são alvos mais facilmente destruíveis do que os mísseis — que o sistema deve interceptar — e que se tornaram parte integrante e cada vez mais importante das forças armadas nos EUA e na União Soviética.

- Poderia levar o cabo a partir do espaço golpes ofensivos e fulminantes contra alvos relativamente «brandos» na terra, como aviões, petroleiros, centrais eléctricas e campos cultivados com cereais provocando de um momento para o outro incêndios e prejuízos que segundo afirmações de um partidário deste sistema defensivo poderiam em apenas 30 minutos fazer recuar ao séc. XVIII um país industrializado.»

John D.G. Rather, vice-presidente da Kaman Aerospace Corp. e especialista em armas laser instaladas no espaço, frisou sobre a utilização potencial dum pretensio sistema defensivo com fins ofensivos:

«Grandes energias podem ser utilizadas com intenções boas ou más. Um sistema de estações de combate no espaço poderia oferecer também a possibilidade de atacar alvos escolhidos no espaço, na atmosfera e na terra.»

Por outras palavras: o «escudo espacial» de Reagan não serve de nenhuma forma a defesa, mas é sim parte integrante e directa da preparação dos EUA para o primeiro golpe atómico contra a União Soviética e seus aliados. ■

## Quem lucra?

«Apesar de temores (!) ocasionais sobre a paz nenhum negócio floresce tão bem como o negócio do armamento», escreveu o «International Herald Tribune» em 2 de Junho de 1983. «A chamada guerra das estrelas oferece perspectivas de negócio de 500 biliões de dólares.» Estas foram as primeiras estimativas dos custos, nove semanas após o discurso da «star wars» do presidente Reagan. Entretanto, cálculos mais aprofundados apontam para um montante duas a três vezes superior.

Já para os trabalhos preliminares e para o desenvolvimento dos diferentes sistemas de armas espaciais e segundo dados oficiais serão dispendidos, nos próximos cinco anos, cerca de 25 a 30 mil milhões de dólares. Para o exercício orçamental de 1985/86 foram pedidos 3,7 mil milhões de dólares. Os cientistas calculam que só para os custos de investigação e desenvolvimento do «escudo espacial» serão absorvidos, nos próximos oito anos, 60 a 70 mil milhões de dólares.

### Armas espaciais: negócio para dez monopólios

São sobretudo os dez maiores monopólios de armamento dos EUA que assumem um terço de todas as encomendas de produção de armas do Pentágono, que irão auferir grossos lucros. O valor das acções dos produ-

tores de armas espaciais subiu já, em comparação com o valor mais baixo dos anos setenta, a um montante seis a 38 vezes superior.

A revista americana de economia «Fortune» citou já no Outono de 1981 um artigo do ministro da Defesa dos EUA, Caspar Weinberger, em que ele sublinhou as suas exigências relativas às armas cósmicas ofensivas. Este futuro programa do governo gera uma «chuva» de «centenas de milhões de dólares sobre as empresas de armamento McDonnell Douglas, Martin Marietta, Boeing, Hughes Aircraft e outras que já realizaram consideráveis trabalhos de desenvolvimento neste campo».

Estes consórcios de armamentos espaciais estão hoje em primeiro lugar na recepção dos pedidos do Pentágono para o fabrico de armas espaciais lado a lado com empresas tais como a Rockwell International, Lockheed, Thompson Ramo Woodridge Inc., Eaton e Helionetics à frente. Corresponde ao papel político do «California Clan», o núcleo duro do complexo militar-industrial dos EUA, que a maioria dos canhões laser tenha a sua origem nos laboratórios existentes entre San Francisco e San Diego. E também não é por acaso que o primeiro satélite anti-satélite estacionado no ar vem de Ling-Temco-Vaught de Dallas, porque a oligarquia armamentista e financeira do Texas ocupa hoje o segundo lugar depois da Califórnia.

Típico para o «efeito da porta giratória» do intercâmbio de pessoal entre

os escritórios de ministros, postos de comando e salas de chefia da indústria armamentista é — para só indicar um exemplo — a carreira profissional do actual director de investigação do Pentágono, Richard DeLauer. Antes da sua nomeação para o Ministério da Defesa dos EUA em Washington foi um dos «top manager» do consórcio armamentista Thompson Ramo Woodridge Inc. (TRW) em Redondo Beach na Califórnia.

### Mil dólares por dia de ordenado...

Uma das firmas armamentistas da Califórnia, menos conhecida na Europa, é a Helionetics Inc., que antes produzia módulos para bombas atómicas e se especializou oportunamente em armas laser. Alguns dos seus colaboradores e accionistas são o «spiritus rector» do conceito da «guerra das estrelas»: o «pai da bomba de hidrogénio» Edward Teller; Robert Grey, amigo pessoal de Reagan; e o almirante da reserva Thomas B. Hayward, um dos defensores mais zelosos do armamento espacial.

«A firma de produção de armas laser Helionetics», informou a «International Herald Tribune», de 29 de Abril de 1983, «entregou um capital em acções no valor de vários milhões de dólares a cientistas e peritos militares dirigentes e a outros que têm relações com a Administração Reagan. Entre os receptores das acções figura Ed-

ward Teller.» Desta firma, em que Teller exerce o cargo de director para além da sua actividade profissional, recebe, já desde há certo tempo, um «honorário de assessor» de 1000 dólares por dia e possui já acções no valor de 800 000 dólares. Agora diz-se que recebeu mais 40 000 acções adicionais. Uma acção da Helionetics comprava-se, em 1981, por três dólares na bolsa. Agora o seu valor é seis vezes superior.

O desenvolvimento dos trabalhos de investigação progrediu muito mais do que o Pentágono quer confessar. Estes trabalhos realizam-se já há muitos anos tanto em laboratórios estatais como nos dos monopólios armamentistas. A Rockwell International e a TRW, por exemplo, já há mais de dez anos que trabalham no desenvolvimento de armas laser tendo já experimentado algumas.

Na Litton Industries nove de quatorze departamentos de investigação ocupam-se com armas da «SDI». A Lockheed Missiles Space Co., formou um novo departamento «Astronautics» e a Aerojet-General coordenou os melhores engenheiros num «grupo especial pluri-disciplinar» para armas espaciais.

Na Martin Marietta, a produtora do míssil Pershing II, trabalha-se actualmente num foguete de interceptação. O consórcio utiliza as suas experiências obtidas com a produção dos chamados «projecteis inteligentes», como a munição de artilharia «Copperhead», dirigida na fase final do voo. A empresa Rocketdyne em Los Angeles quer utilizar as suas experiências na construção de fortes propulsores de mísseis e para o desenvolvimento de rampas de lançamento electromagnéticas e de laser químico.

### As universidades e o laser

Na Primavera de 1985 o Pentágono firmou um programa de investigação, no valor de 19 milhões de dólares, com cinco universidades e no qual estas se devem ocupar com «problemas decisivos relacionados com a produção de energia não nuclear no espaço». Nas empresas Rockwell e TRW para além dos lasers químicos e dos raios X, trabalha-se também em «feixes de raios de partículas carregadas» (combinação de laser e acelerador). A IBM, a Honeywell e a TRW fazem também grandes esforços para o desenvolvimento de novos computadores supermodernos para a «guerra das estrelas».

Tudo isto demonstra que as «investigações» empreendidas nos EUA para a criação de um sistema anti-míssil com elementos estacionados no espaço ultrapassam em muito o quadro das investigações científicas. Agora já se trabalha em experiências com determinados modelos de algumas componentes das futuras armas cósmicas ofensivas.

Não foi sem razão que o chefe do novo Comando Espacial Unido dos EUA, tenente-general Abrahamson, anunciou que os primeiros testes com armas laser estacionados no espaço serão realizados em 1987 — dois anos antes do prazo previsto. ■



Por decisão da Assembleia Geral da ONU

1986

# Ano Internacional da Paz

**N**as vésperas do quadragésimo aniversário da fundação da Organização, os povos das Nações Unidas são forçados a constatar que o principal objectivo enunciado na Carta das Nações Unidas, que é o de «preservar as gerações futuras do flagelo da guerra que, por duas vezes no espaço de uma vida humana, inflingiu à Humanidade sofrimentos indescritíveis», não foi ainda realizado.

Como tem sido muitas vezes repetido, a paz deverá significar bem mais do que a ausência de guerra ou de violência. É necessário servir a causa da paz trabalhando em prol das relações harmoniosas entre os Estados e os povos, baseadas na cooperação, na confiança mútua, na compreensão e na justiça.

Os fundamentos da paz e da segurança podem ser reforçados no quadro da Organização das Nações Unidas. As possibilidades oferecidas pela Organização devem ser completamente aproveitadas para resolver os problemas que acentuam a desconfiança entre as nações e impedem a acção e a cooperação colectiva exigidas pelo melhoramento da condição humana. Mas a realização deste objectivo exige tanto um firme empenhamento dos Estados Membros face aos princípios enunciados na Carta como uma larga participação da opinião pública, indispensável para uma compreensão mútua e uma cooperação melhores entre as nações e os povos do mundo. Neste espírito, a Assembleia Geral declarou 1986 o Ano Internacional da paz.

Se é verdade que 1986 se arrisca a não ser ainda um ano em que prevaleça a paz internacional, é entretanto do máximo interesse que ele seja transformado num ano de acção em prol da paz e num ano de séria reflexão sobre a natureza e as condições

da paz. Os objectivos e o programa do Ano Internacional da Paz pertencem a todos e a cada um. Esperam-se de todas as regiões do mundo iniciativas e apoio que serão acolhidos com satisfação.

## Objectivos

São os seguintes os principais objectivos do Ano Internacional da Paz:

— Estimular uma acção concertada e eficaz por parte da ONU, dos seus Estados Membros, das organizações intergovernamentais, das organizações não governamentais, dos estabelecimentos escolares, culturais e universitários e dos meios de comunicação, de forma a encorajar a paz na base da Carta das Nações Unidas;

— Reforçar a ONU enquanto principal sistema internacional consagrado à promoção e à manutenção da paz. Pressionar os Estados Membros para que renovem o seu empenhamento face aos princípios enunciados na Carta e pela sua efectiva aplicação. Reforçar a eficácia do Conselho de Segurança no exercício da sua responsabilidade principal em matéria de manutenção da paz e da segurança internacionais. Fazer compreender melhor as actividades da ONU à opinião pública e conseguir um maior apoio da sua parte;

— Chamar a atenção e encorajar a reflexão sobre as condições fundamentais para a paz no mundo actual, nomeadamente nos seguintes aspectos:

- A paz enquanto condição prévia do desenvolvimento e do progresso social, da segurança, da independência nacional e da justiça.

- O desarmamento e a prevenção de uma catástrofe nuclear enquanto elementos essenciais da paz.

- O papel desempenhado pela cooperação, o diálogo, a compreensão mútua e a confiança a nível internacional na manutenção da paz, graças à participação dos governos, dos parlamentos e das organizações governamentais.

- A preparação para viver em paz, processo em que a educação, a ciência, a cultura, a religião e os meios de comunicação desempenham um papel importante e que necessita de uma participação concreta de diversos grupos sociais, nomeadamente das mulheres, dos jovens, dos idosos, dos antigos combatentes e de especialistas.

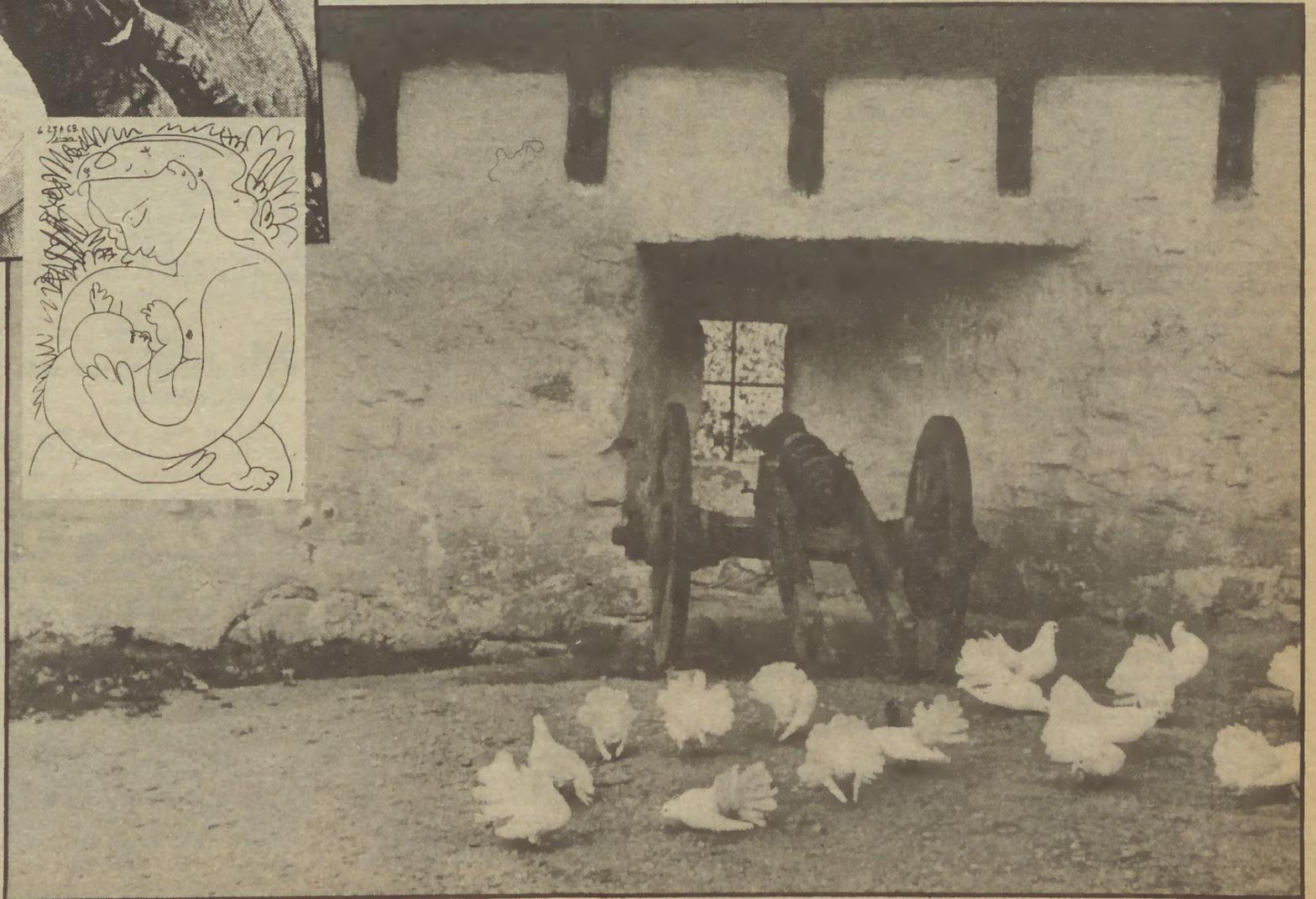
- A paz enquanto condição prévia à realização dos direitos do homem e à satisfação das suas necessidades em matéria de alimentação, alojamento, saúde, educação, emprego e desenvolvimento. ■

(Excertos do Projecto de programa do Ano Internacional da Paz elaborado pela ONU)



Se é verdade que um novo conflito mundial foi evitado até ao presente, é infelizmente impossível dizer que a paz reina em todas as regiões do mundo. Bem pelo contrário, o medo traumatizante da guerra não poupa actualmente nenhum país, porque nenhum país pode escapar completamente às potenciais consequências de tensões e conflitos internacionais não resolvidos nem à pressão exercida sobre os rendimentos, provocada pela amplitude desmedida das despesas com o armamento. Em particular, nenhum poderá escapar às consequências mundiais da utilização de armas nucleares no caso dessa catástrofe vir a produzir-se.

A nossa época exige não apenas que nos preocupemos com o risco de uma guerra mas também que nos apliquemos com inteligência, tenacidade e intensos esforços — mais necessários do que nunca — a fim de evitar esse risco. Perante esta situação, a aspiração à paz manifestada por tantos seres humanos deve incitar-nos a tomar medidas globais e concretas.



# Agenda



## FIM de ANO

Avante!

Ano 53 — Série VII  
N.º 627

24 de Dezembro de 1985

4.º Caderno

Não pode ser vendido  
separadamente

Sábado 28

### BRAGA

Plenário concelhio de militantes comunistas de Braga, também aberto a simpatizantes e amigos do Partido. Para debate das Teses e eleição de delegados à Conferência Nacional do Partido sobre as Presidenciais (4 de Janeiro). O plenário decorrerá nas instala-

ções da Escola Preparatória André Soares, a partir das 15 horas.

### OEIRAS

Plenário da Aliança Povo Unido, no Centro de Trabalho do PCP de Oeiras. Em foco: as Presidenciais. Participação de Alexandre Teixeira, do Comité Central. O plenário está marcado para as 15 e 30 horas. Ainda no CT

de Oeiras haverá festa de Natal com cinema.

Sexta 31

### LISBOA

Plenário da organização da Construção Civil. Em análise, a situação política e social e a organização do Partido no sector. No Centro Vitória, às 19 e 30.

## Um fim de ano espectacular no Encontro Alvalade

Espectáculos musicais, cinema, baile — organização cuidada, preocupações de primeiro plano com a qualidade, uma proposta diferente para a passagem de ano. É o Encontro Alvalade, em Lisboa, que, como não podia deixar de ser, não ficou indiferente a esta quadra do ano. É «a grande surpresa da meia-noite» — esteja atento! É um convívio que promete...

Fernando Tordo, Mário Viegas e Carlos Alberto Moniz são presenças garantidas na noite de 31 de Dezembro no Encontro Alvalade. Mas também o baile e o cinema de qualidade prometem bons momentos para esta noite, num espaço de convívio e de amizade, onde a festa se mistura com a confiança na capacidade dos democratas face às tarefas que o novo ano lhes vai exigir.

Os bilhetes de ingresso (à disposição no Alvalade) custam 1000\$00 para a tribuna e plateia e 800\$00 para o 2.º balcão.

## Marinha Grande

Vila operária, concelho de enraizadas tradições antifascistas, onde a APU se reforçou nas eleições autárquicas de 15 de Dezembro, a Marinha Grande (distrito de Leiria) marcou a sua festa de passagem de ano no Centro de Trabalho do PCP.

O jantar começa às 20 horas e inclui sopa de feijão verde, bifes de peru panados com batata salteada, pão e vinho, doce, café e bagaço. Depois um animado bailarico popular até de madrugada. Preço: 500 escudos.

Promove esta passagem de ano a Comissão Concelhia do PCP. Atenção às surpresas...

## Lisboa (Voz do Operário)

FESTA de ANO na VOZ DO OPERÁRIO

Em Lisboa, o fim de ano em fraternidade, convívio e alegria tem três espaços na Voz do Operário, numa iniciativa conjunta das organizações locais de Lisboa da Juventude Comunista Portuguesa e do Partido Comunista Português.

Discoteca, estúdio/cinema e bar/restaurante serão, entre muitas surpresas, pontos de especial animação na noite de 31 de Dezembro, na conhecida e prestigiada colectividade de Lisboa. A entrada é pela calçada. Quanto a marcações, os interessados devem contactar os Centros de Trabalho do PCP em Lisboa (há mesas e ingressos). Início da festa: 22 horas.

## Setúbal

Na capital do Sado, a animação de fim de ano marcou encontro no Parque das Escolas, a partir das 21 e 30 de 31 de Dezembro. A festa será animada pelo conjunto «Primeira Análise». A entrada custa 400 escudos e a mesa 700. Funcionará um serviço de bar com petiscos. A iniciativa é dos militantes comunistas. O convívio tem início marcado para as 21 e 30 horas.

## Sines

No salão do Povo de Sines, e também por iniciativa do PCP, os democratas do concelho entram unidos em 1986 numa bela festa de confraternização, a partir das 22 horas. Petiscos variados, música ao vivo com os «Old Machine» e muita alegria são as propostas dos organizadores. Uma mesa pequena «vale» 450 escudos. Uma mesa maior, para mais ou menos 10 pessoas, custa 800\$00.

## Carregueira

Ainda no concelho da Chamusca, atenção à festa que decorrerá na colectividade da Carregueira, com boa animação, música para dançar e amizade.

## Pinhal Novo

Dois acordeonistas levarão na noite de 31 de Dezembro uma mensagem de música e de alegria para a festa de passagem de ano promovida pelos comunistas de Pinhal Novo, na região de Setúbal. A festa começa às 22 horas.

## Alpiarça

Na vila ribatejana de Alpiarça, a passagem de ano decorrerá no Centro de Trabalho do Partido e começa com um jantar-convívio às 21 e 30 horas. Da ementa fazem parte bacalhau com hortaliça e borrego à alpiarcense. A organização da festa — a comissão pró-Centro de Trabalho — confirmou ao «Avante!» que está tudo a postos para uma passagem de ano com muita alegria, determinação e confiança no futuro. Haverá baile até de madrugada. «Trás os doces e os bolos. Vem divertir-te e trás um amigo» a mensagem aqui fica.

## Samora Correia

Conhecida localidade ribatejana, Samora Correia tem também um convívio de amizade na passagem de ano. Baile, música, confraternização e surpresas animarão o Centro de Trabalho do Partido até de madrugada.

## Vale de Cavalos

Aqui, no concelho da Chamusca, acontecerá festa rija na UCP/Coop. «15 de Outubro», em Vale de Cavalos. Está prometida animação musical com gente da casa.

## Couço

Animado pelo conjunto «Banda do Cidadão», o convívio de fim de ano a realizar no Couço (concelho de Coruche) terá «boa música e bons petiscos», como promete a Comissão de Freguesia local do PCP. Para a reserva de mesas, os interessados devem contactar o telefone 6 51 81, do Couço, ou ainda o CT do PCP nesta localidade, o Ilhéu ou a Cooperativa de Consumo também no Couço, a Marolita em Santa Justa. Resta dizer que esta festa de fim de ano decorrerá no salão da Tabaqueira.



BAUER, Peter in KARIGRAFIE 84

# TV O Programa

Terça

RTP1

- 12.00 — Notícias  
12.05 — Espaço 12/13  
12.45 — Notícias  
13.00 — Telenovela — «Origens», 60.º Epis.  
18.00 — Tempo dos Mais Novos  
18.35 — Notícias  
18.50 — Telefilme — «Os Recados de Maria», real. Manuel Varela  
19.55 — O Livro Grande de Petete  
20.00 — Telejornal  
20.27 — Bol. Meteorológico  
20.30 — Mensagem de Natal, do Cardeal Patriarca de Lisboa  
20.45 — Telenovela — «Louco Amor», 122.º Epis.  
22.50 — Missa do Galo — Transmissão directa da Basílica de S. Pedro

RTP2

- 17.40 — Basquetebol (Torneio de Natal)  
19.30 — Desenhos Animados  
19.55 — Videópolis — Os «Super-Grupos»  
20.25 — Falar de Macau  
21.00 — Canções para um Novo Mundo  
22.30 — Jornal da Noite

Quarta

RTP1

- 11.30 — Missa de Natal  
12.45 — Mensagem de Natal do Papa (transmissão directa de Roma)  
13.30 — Tempo dos Mais Novos — «Uma Lua entre Duas Casas», real. Fernando Midões  
14.30 — Circo Ringling, com apresentação de Danny Kaye  
15.20 — Tarde de Cinema — «As Noites Loucas do Dr. Jerry!», real. Jerry Lewis (EUA/1963)



- 17.00 — Miss Piggy — O primeiro espectáculo a solo da estrela de «Os Marretas»  
18.00 — Bailado — «Giselle»  
19.55 — O Livro Grande de Petete  
20.00 — Telejornal  
20.27 — Bol. Meteorológico  
20.30 — Vamos Jogar no Totobola



- 21.30 — Missa Flamenca (Grupo de Dança de Mercedes Molina, coreografia de Enrique Segóvia)  
22.30 — Noite de Cinema — «Sansão e Dalila», real. Cecil B. DeMille (EUA/1949)

RTP2

- 17.40 — Basquetebol (Torneio de Natal)  
19.30 — Desenhos Animados  
20.00 — Circo Krone (Munique)  
21.50 — Canções de Natal  
22.30 — Jornal da Noite

Quinta

RTP1

- 12.00 — Notícias  
12.05 — Espaço 12/13  
12.45 — Notícias  
13.00 — Telenovela — «Origens»  
18.00 — Tempo dos Mais Novos — «As Aventuras de Marco Polo»  
18.35 — Notícias  
18.55 — Curso de Inglês — («Follow Me»)  
19.20 — Desporto  
19.55 — O Livro Grande de Petete  
20.00 — Telejornal  
20.27 — Bol. Meteorológico  
20.35 — Telenovela — «Louco Amor»  
21.30 — Série — «Crime, Disse Ela»  
22.30 — Programa da Direcção de Informação  
23.25 — Último Jornal

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados  
20.00 — Conheça Melhor  
20.30 — Série — «Horizontes de Glória»  
21.40 — Da... Música — Forum Cultural de Budapeste  
22.30 — Jornal da Noite

Sexta

RTP1

- 12.00 — Notícias  
12.05 — Espaço 12/13  
12.45 — Notícias  
13.00 — Telenovela — «Origens»  
18.00 — Tempo dos Mais Novos  
18.35 — Notícias  
18.50 — Antes que o Rio Esqueça — (Embarcações típicas do Tejo)



- 19.20 — Série — «O Mar e a Terra» (A Mesquita de Touba, no Senegal)  
19.55 — O Livro Grande de Petete  
20.00 — Telejornal  
20.27 — Bol. Meteorológico  
20.35 — Telenovela — «Louco Amor»  
21.15 — Europa  
21.50 — Série — «Duarte & C.ª», 4.º Epis.  
22.50 — Televisão, a Caixa que Mudou o Mundo  
23.45 — Último Jornal

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados  
20.00 — Medicinas Alternativas  
20.30 — A História do Teatro em Portugal — Teatro Nacional de S. Carlos  
21.30 — Directo/2  
22.30 — Jornal da Noite

Sábado

RTP1

- 11.30 — Tempo dos Mais Novos, incluindo «Jornalinho»  
14.00 — Desenhos Animados  
14.30 — Os Velhos Cowboys — «Pânico em Santa Fé», real. Jorge Sherman  
15.30 — Panorama  
16.00 — O Dia em que o Mundo Mudou  
17.00 — Série — «Fame»  
18.00 — Museu do Louvre  
19.00 — Parlamento  
19.45 — Totoloto  
20.00 — Telejornal  
20.27 — Bol. Meteorológico  
20.30 — Série — «Rabo de Saia»  
21.15 — Aplauso — Johnny Cash

- 22.05 — Histórias Curtas  
22.30 — Último Jornal  
22.45 — Sábado Especial — «O Quimono Especial», real. Samuel Fuller (EUA/1959)

RTP2

- 18.30 — Troféu  
20.00 — Animação — «Porky Pig»  
20.30 — O Tempo das Catedrais



- 21.30 — Série — «Manuel no País das Maravilhas», 2.º Epis.

Domingo

RTP1

- 10.30 — 70 Vezes 7  
11.00 — Missa Dominical  
12.00 — Tempo dos Mais Novos — Festival Europeu de Música para a Juventude  
13.00 — TV Rural  
13.30 — Tempo dos Mais Novos  
15.00 — Sessão da Tarde — «A Pantera Cor de Rosa», real. Blake Edwards  
17.00 — A Amazônia de Cousteau  
18.00 — O Outro Lado da Crise  
19.00 — Top Disco  
19.50 — Como, Quem, Porquê?  
20.00 — Telejornal  
20.27 — Bol. Meteorológico  
20.30 — Três Mulheres de Teatro, interpr. Lia Gama  
21.15 — Série — «Uma Mulher de Corpo Inteiro», 4.º Epis.  
22.15 — Domingo Desportivo  
23.15 — Último Jornal

RTP2

- 19.30 — Novos Horizontes  
20.00 — Recital de Piano — Maria José Sousa Guedes, obras de Schumann  
20.30 — Nós Por Cá  
21.30 — Cine-Clube — «O Anjo Escarlate», real. Allan Dwan

Segunda

RTP1

- 12.00 — Notícias  
12.15 — Espaço 12/13  
12.45 — Notícias  
13.00 — Telenovela — «Origens»  
18.00 — Tempo dos Mais Novos  
18.35 — Notícias  
18.50 — Desportivamente  
19.15 — A Revolução Liberal — «O Miguelismo»  
19.55 — O Livro Grande de Petete  
20.00 — Telejornal  
20.27 — Bol. Meteorológico  
20.35 — Telenovela — «Louco Amor»



- 21.20 — Castano — Português Outra Vez (Caetano Veloso no Coliseu dos Recreios)  
22.20 — Um Natal com Dickens  
23.30 — Último Jornal

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados  
19.50 — Documentário  
20.30 — RTP/Madeira  
21.30 — Teatro para Sempre — «O Temporal», de Strindberg, enc. Giorgio Strehler  
22.30 — Jornal da Noite

# Livros

**O Comunismo num Mundo em Mudança** — de Bóris Ponomarev, colecção «Problemas do Mundo Contemporâneo», edições «Avante!», Lisboa, 1985. 290 páginas, Preço: 500\$00.

É esclarecedor o título deste livro da autoria de um alto dirigente do Partido Comunista da União Soviética — um partido cuja experiência é única no mundo, quando se fala da revolução proletária, do socialismo e da sua construção, do comunismo como meta que já hoje se constrói. Num mundo em mudança — e o comunismo, como doutrina, maneira de ver o mundo e de o transformar, contribui decisivamente na nossa época para essa transformação que continua a desenrolar-se sob os nossos olhos — que papel o do comunismo? A esta pergunta responde Ponomarev ao longo das quase trezentas páginas, puxando o fio da génese do socialismo científico.

A luta por uma vida melhor não surgiu em determinado momento histórico, como se sabe. Mas, durante milénios, foi nebulosamente projectada, sem um rumo claro que tornasse a esperança um objectivo terreno e ao alcance dessa mesma luta. Com o socialismo científico, as leis do desenvolvimento da sociedade descobertas permitiram aos homens — a muitos —, orientar o seu caminho.

Tal caminho é o objectivo desta obra.

Percorrendo o itinerário do marxismo, desde a sua fonte até aos nossos dias, Ponomarev não se limita no entanto a «historiar» no sentido mais restrito do termo: entra na batalha ideológica que perdura nos nossos dias e que nos nossos dias ganha novas formas embora o seu conteúdo permaneça no essencial.

Em condições históricas novas — decorrentes não apenas do processo próprio de desenvolvimento capitalista mas também e sobretudo do desenvolvimento das sociedades libertadas e do conjunto destas que tem um peso cada vez maior no mundo — o autor pergunta e responde a questões que muitas vezes são artificialmente colocadas e «respondidas» pelos ideólogos da burguesia: «A análise leninista do imperialismo terá envelhecido?», pergunta, por exemplo, Ponomarev. E responde, no capítulo dedicado ao comunismo científico e à actualidade, no qual analisa e esclarece a agudização das condições sociais nos países do capital e, por outro lado, demonstra o papel do socialismo científico no desmoronamento do colonialismo e na escolha das vias de desenvolvimento.

O socialismo real o que é? Como existe?, como se desenvolveu, quais as suas bases, que realidades o permitiram e permitem, que papel o do Partido — e neste caso o do PCUS, o partido

que dirigiu e tornou possível o primeiro exemplo do socialismo no mundo? Outras tantas questões — e questões fundamentais que este livro levanta e a que dá resposta. Mas o movimento comunista, como também se sabe — e isso é particularmente nítido em Portugal — não se resume a um país ou a um conjunto de países onde é possível hoje a libertação do trabalho e se extinguiu a exploração do homem pelo homem. Cresce e desenvolve-se em todo o mundo, nas mais diversas condições. Os seus problemas, como movimento, e a sua vitalidade, são também objecto deste livro que aborda questões centrais que se prendem com os objectivos últimos da luta dos comunistas. Quais as vias para o socialismo?

O papel dos comunistas na defesa dos interesses socioeconómicos dos trabalhadores, a sua atitude face às massas e a certas camadas específicas — intelectualidade, mulheres, jovens, crentes —, a sua visão e compreensão da paz e da luta pela paz são alguns dos capítulos que Ponomarev desenvolve neste livro que culmina no tema do internacionalismo.

O autor, membro da direcção do PCUS, há longos anos dedicando a sua atenção e o seu trabalho de destacado militante comunista aos problemas internacionais é, além de todos os seus outros méritos, um homem que os comunistas portugueses conhecem bem. Esteve conosco, para além de um conhecimento político mais aprofundado, levou uma visão humana que o impressionou. Como nos diz na introdução à edição portuguesa deste seu livro:

«Impressionaram-me fortemente os encontros com os operários e os membros das cooperativas agrícolas, com outros representantes dos trabalhadores. Durante esses encontros, pude convencer-me de que no vosso país há um grande interesse pela URSS, pela vida do nosso povo.

«Os soviéticos têm uma simpatia profunda e um grande respeito pelo Povo português e pelas suas conquistas, alcançadas graças à Revolução de Abril.»

Os comunistas portugueses, e não apenas eles, também têm um grande interesse pelo povo soviético. E, sobretudo, pelo socialismo que se vive na realidade soviética de hoje, e pelas ideias que na URSS, tornadas forças, transformam a vida e a melhoram e influenciam o curso dos acontecimentos mundiais a favor da paz.

## O COMUNISMO NUM MUNDO EM MUDANÇA



# Cinema

		António Durão	David Lopes	Manuel Machado da Luz	Manuel Neves	Paulo Torres
<b>A</b>	A Casa e o Mundo	★★★★★	★★★★	★★★★	★★★★	—
<b>B</b>	Cocoon	—	—	★★	—	★★
<b>C</b>	Cotton Club	★★★★★	★★★★	★★★★★	★★★★★	★★★★★
<b>D</b>	A Floresta Esmeralda	★★★	—	★★	—	★★
<b>E</b>	Os Gonnies	★★	—	★★	—	★★
<b>F</b>	Siberiada — II Parte	★★★★★	★★★★	★★★★★	★★★★★	★★★★★

A — Real. Satyajit Ray — Quarteto/2 (14.00, 16.30, 19.00, 21.30) — Lisboa.  
 B — Real. Ron Howard — Hollywood/2 (14, 16.30, 19, 21.30, 24.00), Las Vegas/2 (15.30, 18.45, 21.45), S. Jorge/2 (14.30, 16.45, 19.00, 21.45) — Lisboa.  
 C — Real. Francis Ford Coppola — Alfa/3, (13.45, 16.15, 18.45, 21.15, 23.45), Apolo 70, (14, 16.30, 19, 21.30, 24) Nimas, (14, 16.30, 19, 21.30) Quarteto/1 (14, 16.30, 19, 21.30) — Lisboa; S. João (14, 16.30, 19, 21.45), Stop/2 (14, 16.30, 19, 21.45) — Porto.  
 D — Real. John Boorman — Alfa/Clube (14, 16.30, 19, 21.30, 24) — Amoreiras/1 (14, 16.30, 19, 21.30, 24) — Lisboa.  
 E — Real. Richard Donner — Ávila (14.45, 17, 19.10, 21.45), — Castil (15.30, 18.30, 21.30 — Terminal (13, 15, 17, 19, 21.30), Vox (15, 18.15, 21.30) — Lisboa — Trindade (15, 18, 21.15) — Porto.  
 F — Real. Andrei Konchalovski — Estúdio 444 (15.30, 18.30, 21.30) — Lisboa.

Classificação de  
 ★★★★★  
 ★★★★★  
 ★★★★★

# Teatro

O Cartaz

• LISBOA

Comuna, Pr. de Espanha. De 3.ª a sáb. 21.30; dom. 17.00; Amadis, de Abel Neves, enc. João Mota.

Maria Matos, Av. Frei Manuel Contreiras, 58. De 3.ª a dom. 21.45; sáb. e dom.; 16.00. A Revista à Portuguesa, recolha e adapt. Joaquim Pessoa, enc. Gabriel Pais.

Maria Vitória, Pq. Mayer. Não Batam Mais no Zezinho, de H. Santana, Nicholson e Zambujal, enc. H. Santana. De 3.ª a Dom./20.30 e 22.45; Dom. e feriados também às 16.30.

Nac. D. Maria II, De 3.ª a sábado, às 21.30, sábado e domingo às 16 h O Morgado de Fafe em Lisboa, de Camilo Castelo Branco, enc. Ruy de Matos.

Teatro Aberto, Pr. de Espanha. De 3.ª a

sáb., 21.45; dom., 16.00. Tu e Eu, de F. Karl Waechter, enc. João Lourenço.

Teatro do Bairro Alto, R. Ten. Raul Cascais, 1-A. De 3.ª a sáb./21 h; Dom/16 h. Páscoa, de August Strindberg, enc. Luís Miguel Cintra — Cornucópia.

Teatro do Século, R. do Século, 41. De Dom. a 3.ª/21.30, sáb/17.00; Embalagem Perdida, de Vera Feyder, enc. Ricardo Marques. — De 4.ª a sáb/21.30, dom/17.30; As Artimanhas de Scapin, de Molière, enc. Rogério de Carvalho.

Teatro da Trindade, R. Nova da Trindade — Festival Grupo de Campolide. Dias 25, 26, 27 e 29 às 21.30; A Queda dum Anjo, de Camilo Castelo Branco, enc. José Martins; dias 25 e 29 às 16.00; O Pequeno Círculo de Giz, de Al-

fonso Sastre, enc. António Assunção.

Teatro Vasco Santana, Entrecampos (Feira Popular). 3.ª a Sáb./21.30, Dom. 16.00. Jardim de Outono, de Lillian Hellman, enc. Luzia Maria Martins — Teatro Estúdio de Lisboa.

Teatro Villaret, Av. Fontes Pereira de Melo. De 3.ª a Sáb./21.30, Dom. 16.00 e 21.30. Pouco Barulho, de Michael Frayn, enc. Varela Silva.

• PORTO

Teatro do Campo Alegre, R. do Campo Alegre. De 3.ª a Dom./21.45; Dom. e feriados / 16.00. Os Amorosos da Foz, de Camilo Castelo Branco, enc. Norberto Barroca — Selva Trupe.

Teatro dos Modestos, R. Gonçalo Crisóstomo — De 3.ª a sáb/21.30, dom/17.00 e 21.30; Don Juan —

Grupo «Os Comediantes».

TEP — Sala Estúdio, R. do Pinheiro, 4. De 4.ª a sáb/21.30; sáb. e dom/16.00. Teatro de Cordel, seis farsas do séc. XVIII, adapt. e enc. Mário Viegas.

• SETÚBAL

TAS — Teatro de Animação de Setúbal. 6.ª, sáb. dom. e 2.ª, 21.30. O Menino de Sua Mãe, textos de Fernando Pessoa, música de Carlos Curto, enc. Carlos César e Carlos Curto.

Casa da Comédia, R. S. Francisco de Borja, 24, às Janelas Verdes. Sáb. e dom/16.00. A Banda do Chico da Holanda, texto de Chico Buarque inspirado nos contos dos irmãos Grimm, música de Chico Buarque, enc. Filipe La Féria.

Comuna, Praça de Espanha. Sáb. e Dom./15.00. Os Cãgados texto de Almada Negreiros. Adpt. e enc. João Brites — Grupo de Teatro «O Bando».

Salão das Furnas, R. Raul Carapinha. 3.ª, 5.ª, 6.ª/11 e 13.30. Bola de Sabão, enc. Mário Jorge — Grupo os Papa-Léguas.

TIL, R. Leão de Oliveira, 1, ao Calvário. Sáb., dom. e feriados/15.00; Galileu, Contador de Estrelas, de José Jorge Letria, enc. Kim Cachopo.

Para crianças

• LISBOA

A Barraca, R. Alexandre Herculano, 70. Sáb e dom. 15.30. O Mãe Deixa-me ir Ver as Outras Mães, enc. Ana Mourato — Grupo Joana.

# Exposições

António Carmo, pintura. Gal. S. Mamede, R. Escola Politécnica. De 3.ª a sáb./10 às 13 e das 15 às 19.30 até 28/12.

Arqueologia Industrial, «Um Mundo a Descobrir, um Mundo a Defender». Visitas guiadas, 3.ª, 4.ª, 5.ª e dom./10 às 17; 6.ª e sábados até às 21 horas. Na antiga Central Tejo, em Belém.

«Arqupélago», colectiva de escultura e pintura (Ana Léon, J.P. Croft, P. Cabrita Reis, P. Calapez, Rosa Carvalho, Rui Sanches). SNBA, R. Barata Salgueiro, 36. Das 14 às 20 até 28/12.

Azulejos, colectiva (Bual, Palolo e outros). Oficina 59, R. S. João da Mata, 59.

Bartolomeu Cid, gravuras recentes. Gal. 111, Campo Grande, 113A. De 2.ª a 6.ª/10.00 às 13.00 e 15.00 às 19.00; sáb./10.00 às 13.00.

Carlos Luz, pintura. Gal. Palma, Calçada da Palma de Baixo, 6. De 2.ª a sáb./14.00 às 20.00 (até fim Dez.).

Colectiva de Artes Plásticas, Espaço APU-Alvalade, Av. Roma, 100.

Colectiva, «Lisboa» — serigrafia. Atelier 15, R. Freitas Gazu, 24-D. De 2.ª a 6.ª/18.00 às 22.00; sáb./15.00 às 19.00 (até 4/1).

Cor é Festa: do desenho à serigrafia, colectiva. Ditec-Espaço Arte, Av. Igreja, 46-A. De 2.ª a sáb./10 às 12.30 e 14.30 às 17.30, até 31/12.

Cruzeiro Seixas, aguarelas e desenhos. Gal. S. Bento, R. do Machado, 1. Das 11.30 às 13.00 e das 15.00 às 20.30 (até 15/1).

D'Assumpção, pintura e desenho. Gal. de Exposições Temporárias da Fund. Gulbenkian. De 3.ª, a

sáb./15.00 às 19.00; dom./10.00 às 17.00.

Escultura Africana em Portugal. Museu de Etnologia, Av. da Madeira ao Restelo. De 3.ª a dom./10 às 12.30 e 14 às 17.

Escultura Espanhola Contemporânea. Galeria de Exposições Temporárias da Fund. Gulbenkian. 3.ª a sáb./15.00 às 19.00; dom./10.00 às 17.00.

Fernando Lemos, desenho. Gal. Exposições Temporárias, Fund. Gulbenkian.

Fernando Pessoa, retratos e documentos. Gal. Exposições Temporárias da Fund. Gulbenkian.

«Fernando Pessoa, o Último Ano», documental. Biblioteca Nacional de 2.ª a 6.ª, 10 às 20; sáb/9 às 13.00, até fim Fev.º.

Graça Morais, «O Erótico e o Sagrado» — pintura. Livraria da Imprensa Nacional, R. Marquês 16 da Bandeira, 16. De 2.ª a 6.ª/15.00 às 19.00.

Ilda David, «Jogadores de Xadrez» — pintura. Gal. Módulo, Av. Ant.º Augusto de Aguiar, 56-5.º Dt.º. De 2.ª a sáb./16 às 20.00, até 4 Jan.

José Guimarães, pintura. Gal. Altamira, R. Filipe Folque, 48-A. De 2.ª a 6.ª/10 às 19; sáb./10 às 13, até 4 Jan.

Jullão Sarmento, pintura. Gal. Cómicos, R. Ten. Raul Cascais, 1-B. De 2.ª a sáb./15 às 20 até 31/12.

Júlio Pomar, pintura. Gal. 111, Campo Grande, 113-A. De 2.ª a 6.ª/10.00 às 13.00 e 15.00 às 19.00; sáb./10.00 às 13.00.

Marta Cárdenas, pintura e desenho. Galeria Exposições Temporárias da Gulbenkian, Av. Berna, 3.ª, 5.ª, 6.ª, dom./10 às 17; 4.ª e sáb./14 às 19.30.



Alice Jorge



Júlio Pomar

Nadir Afonso, pintura 1942-1953. Bertrand/Chiado. De 2.ª a 6.ª/10.30 às 19; sáb./10.30 às 13.00.

Rocha Pinto, «Os Cavaleiros dum Sol Poente» — pintura. Gal. Tempo, R. Nova S. Mamede, 17-A. De 2.ª a sáb./15.00 às 20.00, até 14/1.

Vestir 1955-85 e Traje Romântico. Museu Nac. do Traje, Palácio do Monteiro-Mor ao Lumiar. 3.ª a Dom/ 10 às 17.

Víctor Hugo, biblió- iconográfica. Biblioteca Nacional. De 2.ª a 6.ª/10.00 às 17.00; sáb./10.00 às 13.00 (até 28/2).

Vitor Ribeiro, escultura. Clube 50, R. S. Mamede ao Caldas, 9-1.º. De 3.ª a 6.ª/17.30 às 20.30; sáb./15.00 às 20.00 (até 15/1).

António Sena, pintura. Gal. Módulo, Av. Boavista, 854. Das 17 às 20, excepto domingos. PORTO.

Colectiva de Sócios da «Árvore», Coop. Árvore, R. Azevedo de Albuquerque, 1. De 2.ª a 6.ª/9.00 às 23.00; sáb. e dom./15.00 às 19.00 e 21.30 às 23.30. PORTO.

David de Almeida, gravura. Gal. Zen, R. D. Manuel II, 246. PORTO.

Guima, pintura («A Biblioteca e o Homem»). Gal. Espelho da Moda, R. dos Clérigos, 54. Das 9.30 às 12.30 e das 14.30 às 19.30, até 29/12. PORTO.

José Luís Costa, pintura. Gal. EG, R. do Crasto, 210. De 3.ª a sáb./16 às 19.30. PORTO.

Nadir Afonso, pintura. Cooperativa Árvore, Rua Azevedo de Albuquerque, 1. De 2.ª a 6.ª/9 às 23.30; sáb. e dom/15 às 19 e 21.30 às 23.30. PORTO.

Olaria do Alentejo. UNICEP, Pç. Carlos Alberto. De 2.ª a 6.ª/9.30 às 19.30, sáb. até às 13.00 (até 28/12) PORTO.

Colectiva (pintura, desenho, escultura) — Gunter Grass, João Cutileiro, Jorge Mea-lha, José de Guimarães, Susan Uzzell. Centro Cultural S. Lourenço — ALMANSIL.

A Indústria Cerâmica do Séc. XVI — «Um Forno da Mata da Machado». Convento da Verdadeira. BARREIRO.

Escultura em Madeira dos Séc. XIV e XV, arte sacra. Mosteiro da Batalha. 3.ª a dom/9 às 17, até 29/12 — BATALHA.

Gaetan, Pedro Cabrita Reis, Pedro Calapez, pintura. Gal. Alfarroba, Trav. Visconde da Luz, 7. De 2.ª a sáb./15.00 às 19.30 (até 15/1). CASCAIS.

José Rodrigues, aguarelas. Gal. Astolfi. De 4.ª a 2.ª/16.30 às 21. Birre Centro — CASCAIS.

António, «Caras» — caricaturas. Casino Estoril, até 29/12. ESTORIL.

Joaquim Bravo, pintura. Teatro Garcia de Resende — EVORA.

David Almeida e Sérgio Pinhão, «A Luz e a Sombra» — desenho e gravura. Até 15/1 Pousada do Castelo PALMELA.

Jorge Vieira, «40 Anos de Escultura». Galeria de Exposições Temporárias do Museu de Setúbal/Convento de Jesus. SETÚBAL.

Sérgio Eloy, fotografia. Gal. Municipal de Artes Visuais — Casa de Bocage. De 3.ª a 6.ª/9 às 12 e 14 às 17.30; sáb. e dom/15 às 18. SETÚBAL.

Terras do Demo, comemorativo do centenário do nascimento de Aquilino Ribeiro. Até 30/3, Museu Grão Vasco VISEU.

# ...e ainda

Música, debates, etc.



Cinema

ABC Cine-Clube de Lisboa

6.ª/27 às 18.30, no Estúdio 444, Av. De-fensores de Chaves: Ruínas, real. R. Miral Sen (Índia/1985) (Ciclo «Filmes do Festival de Tróia»).

Ciclo «O Musical»

Dia 27/18.30 — Seven Brides For Seven Brothers (Sete Noivas para Sete Irmãos), real. Stanley Donen/1954; dia 27/21.30 — An American in Paris (Um Americano em Paris), real. Vincente Minnelli/1951; dia 28/15.30 — Anchors Aweigh (Paixão de Marinheiro), real. George Sidney/1945, e Ziegfeld Follies (As Mil Apoteoses de Ziegfeld), real. Vincente Minnelli/1946; dia 28/21.30 — The Band Wagon (A Roda da Fortuna), real. Vincente Minnelli/1953 — todos na Gulbenkian.

Ciclo Eisentein

Dias 26 e 27/19.00 e 21.30 e dias 28 e 29/16.00, 19.00 e 21.30 — Alexandre Nevski; dia 30/19.00 e 21.30 — Ivan o Terrível — I Parte.



No Centro de Trabalho Vitória, na Avenida da Liberdade, em Lisboa, continua aberta ao público até ao próximo dia 5 de Janeiro uma banca de Natal onde o leitor poderá encontrar, numa vasta gama de artigos, a prenda para o familiar ou amigo.

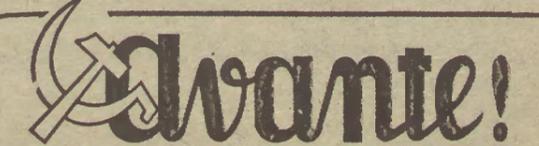
De acordo com uma informação chegada à nossa Redacção a banca estará hoje aberta até às 20 horas para reabrir no próximo dia 29 das 15 às 19 horas. No dia 31 o período de vendas decorrerá entre as 10 e as 20 horas, após o que só reabrirá no dia 5 entre as 14 e as 21 horas.

Museu de Loures

A Câmara Municipal de Loures vai abrir no próximo dia 28 o seu Museu Municipal instalado na Casa do Adro.

«A abertura ao público coincide com a inauguração da sala de arqueologia do concelho de Loures que vem juntar-se às exposições permanentes («Implantação da República no concelho de Loures» e «Etnografia Saloia»).

Na mesma data, será inaugurada uma exposição temporária comemorativa dos 600 anos da Revolução de 1383/85, cujas celebrações encerram no final do ano.



Proletários de todos os países: UNI-VOS!

## Alteração no dia de saída

Tal como aconteceu esta semana, também na próxima a data de saída do «Avante!» será alterada, devido ao feriado do Ano Novo. O jornal será publicado não na 5.ª feira, mas sim na 3.ª feira, dia 31.

# Tempo

Fim de Semana



De acordo com a antevisão do Instituto de Meteorologia e Geofísica, no fim-de-semana haverá tendência para aguaceiros.

# 3. Variedades & utilidades

## Beethoven

Para nos cingirmos aqui ao plano da criação musical, desejaríamos, mais do que recapitular todos os textos em que Beethoven fala da importância da reflexão na criação, chamar a atenção para um paradoxo em que nunca é demais reflectir.

Toda a gente sabe que Beethoven não é um génio impulsivo e que o seu desenvolvimento musical é tardio, comparado com o de um Mozart ou de um Schubert.

Toda a gente sabe, também, que ele não cria logo à primeira, e que lhe é necessária, muitas vezes uma gestação de vários anos para produzir uma obra. Como vimos na segunda parte deste nosso trabalho (quarto volume da edição portuguesa), houve um número considerável de temas que dominaram a sua memória durante anos, antes de encontrarem a forma definitiva.

Sabe-se, enfim (e quanto a este ponto basta remeter para os trabalhos de Romain Rolland), que a primeira forma das suas obras-primas, quando é fixada pela primeira vez num livro de esboços, surge muitas vezes com uma vulgaridade ou uma pobreza literalmente assombrosas. Não menos surpreendentes são os erros que comete quanto à natureza das suas ideias: o tema do *sherzo* da Nona Sinfonia será anotado em 1815 como um tema de fuga lenta; o tema do andante da mesma Nona será anotado de início como um minuete!

### Um compositor pouco dotado?

Podíamos ser levados a concluir daí que Beethoven é um compositor apetrechado, pouco dotado, de temperamento ingrato, e que deve a sua grandeza



Quantas obras (é verdade que não são aquelas que mais o cativam) escreverá, com trinta anos, em quinze dias, ou simplesmente na noite que precede a execução!

Mas há mais. O mesmo Beethoven cujas primeiras ideias com frequência nos parecem pobres, torna-se um génio da espontaneidade, logo que se senta ao piano. É o primeiro improvisador do seu tempo — e isto no

■ Jean e Brigitte Massin, «LUDWIG VAN BEETHOVEN» — Direcção da tradução e revisão de Mário Vieira de Carvalho. Editorial Estampa. Lisboa, 1972.

Analisando-a mais de perto, compreender-se-ia melhor que Beethoven, quando compõe, entende não dever submeter-se à sua inspiração e preferir continuar a progredir por uma via que ele próprio determina com, pelo menos, um mínimo de clareza. E medir-se-ia melhor a distância entre a música que Beethoven podia ter criado e a música que escolheu deliberadamente criar contra tudo, inclusive contra si próprio. A música que criou com

nhauer), hão-de conduzi-lo aos antípodas daquele optimismo heróico, daquela aspiração activa de vitória, daquele livre corpo a corpo com a alegria, que estão no coração dos ritmos de Beethoven.

### «Muita água correrá no Danúbio

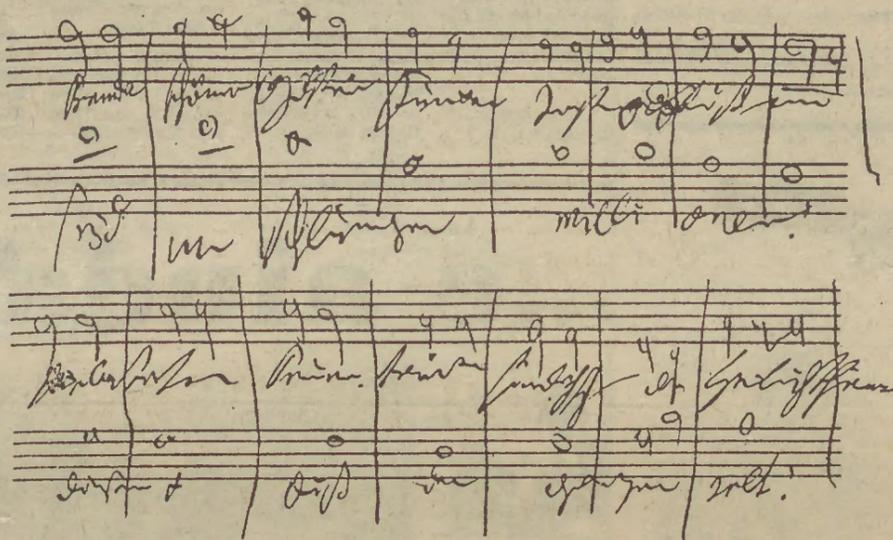
Teremos que concluir daí que a hora de Beethoven, como tristemente se inclinava a pensar Romain Rolland, já deu a volta completa ao relógio da história? Responderíamos de bom grado com as palavras do nosso querido Schubert, que ainda são actuais: «Ele sabe tudo, mas nós ainda não podemos compreender tudo, e muita água correrá no Danúbio até que tudo aquilo que este homem criou seja compreendido por todos».

Para que serve, aliás, este género de debate? O destino da sua obra, foi Beethoven quem o quis, visto que é contra o próprio Destino que ela luta. Aos que hoje o censuram por não ser um «verdadeiro» músico respondeu ele antecipadamente, com o mesmo desprezo que manifestava pelos «mosquitos» que atacavam Haendel: «Sei que sou um artista». Tem a certeza de que não traiu a música; mas quer que a sua música sirva aos homens. Expressar pela sua música uma certa maneira de agir como homem. Levar os que ouvem a sua música a tornarem-se homens dessa maneira. Finalmente, desejaria ele que esta música histórica da libertação humana através de uma luta activa no tempo se dirigisse a todos?

Aceitava imediatamente improvisar diante dos que precisavam da sua música para viver — recusava-se brutalmente a fazê-lo diante dos curiosos e dos grandes. Se vivesse ainda, o que o tornaria feliz não seria o louvor dos dilettantes, mas saber que milhões de homens, em todos os países, sentem, de cada vez que o ouvem, mais alegria de viver, mais força para combater... Para amar.

Também mais ternura para amar. Ninguém diz «o terno Beethoven», como se diz «o terno Racine», como facilmente se diria «o terno Mozart». Os sentimentos que Beethoven exprime são *transitivos*; preocupam-se mais com atingir o seu fim do que com descrever a sua maneira de ser; e a tonicidade moral da música beethoveniana consiste em impedir que nos contentemos com a pura e simples verificação dos nossos estados de alma, exigir que recorramos a tudo para viver concretamente os nossos sentimentos e realizar os nossos amores. É por isso que, de longe, a música beethoveniana pode parecer dura pela sua necessária brutalidade.

Mas «quando o amor e a força se unem»... os que necessitam de Beethoven sabem que a sua obra lhes fala com tanto amor como as obras que se dizem mais ternas. Apenas com tanto amor? Com uma bondade mais eficaz, com uma ternura mais humanamente libertadora ■



Um dos esboços de Beethoven para o final da sua nona sinfonia

unicamente à força dos seus pulsos. A idiotice de tal conclusão paralisar-nos-ia imediatamente. Mas também a história nos impede de tirá-la.

Porque o mesmo Beethoven, que se atormenta sobre os seus esboços e reescreve dez vezes o mesmo tema antes de escrever «Melieur», no seu francês, à frente da redacção que por fim o satisfaz, surge-nos por outro lado, senhor de uma facilidade de composição igual à dos mais dotados.

testemunho de homens que muitas vezes ouviram Mozart improvisar.

Quando improvisa, a sua inspiração revela-se tão inesgotável quanto original.

Como conciliar, no mesmo temperamento, uma tal facilidade e uma tal falta de facilidade, uma tal espontaneidade na invenção e uma tal dificuldade na realização? Esta é a questão menos frequentemente oposta e é a mais decisiva para o estudo do processo criador em Beethoven.

o mesmo esforço com que se criava a si próprio.

### Depois de Beethoven

Esta música é demasiado idêntica à personalidade do seu criador para poder fazer escola ou consentir ser copiada. Ninguém, depois de Beethoven, poderá voltar a escrever como se escrevia antes dele; e a sua obra cinde a história da música como a tomada da Bastilha cinde a história política; antes, é o Antigo Regime. Mas depois? Depois, não é mais o reino indiscutido de Beethoven de que é a vitória definitiva da Revolução.

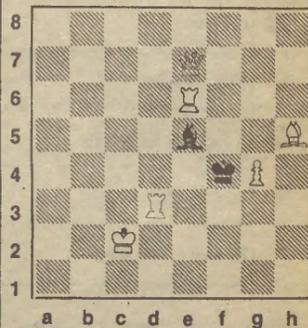
De facto a música de Beethoven distingue-se da dos seus sucessores imediatos como da dos seus mais próximos antecessores. Os músicos românticos fazem profissão da idolatria de Beethoven. Lutarão corajosamente pela difusão da sua obra. Completarão a derrota de toda a música, de toda a parte que não pretende mais do que proporcionar um divertimento à alta sociedade. Reatarão mais estreitamente as relações da música com o canto popular, na própria linha da investigação de Beethoven. E, sobretudo, herdarão de Beethoven a preocupação de pensar a sua criação e a sua existência em conjunto, assim como a necessidade de exprimir a duração psicológica do homem.

Mas o seu impressionismo emotivo desviar-se-á da dialéctica beethoveniana, da forte e flexível unidade da sua obra. E as suas nostalgias idealistas, as suas passividades melancólicas (sem falar do nihilismo pessimista herdado por Wagner de Schope-

## Xadrez

PROPOSIÇÃO N.º 32  
Por L. Talabér  
«Arbejder-Skak», 1950  
Pr. (2): Bc5-Rf4

Br. (6): Pg4-Bh5-Ts.d3,e6-De7-Rc2



Mate em 2 lances

Jogo n.º 32  
Torneio de Candidatos, Montpellier/1985  
Br. M. Thal — Pr. V. Kortchnol

1. e4,c5; 2. Cf3,d6; 3. d4,cxd4; 4. Cxd4,Cf6; 5. Cc3,Cc6; 6. Bg5,e6; 7. Dd2,Be7; 8. 0-0-0, 0-0; 9. Cb3,a5; 10. a4,d5; 11. Bb5,dxe4; 12. Dxd8,Bxd8; 13. The1,Ca7; 14. Bg4,h6; 15. Bxf6,gxf6; 16. Cxe4,f5; 17. Cd6,Bc7; 18. g3,b6; 19. Cxf5,exf5; 20. Bd5,Be6; 21. Bxa8,Txa8; 22. Cd4,Bd5; 23. Te7,Tc8; 24. Cb5 e as Pr. abandonam.

(NOTA: Veja-se JOGO N.º 29 «Avantel» de 5.XII.85)

SOLUÇÃO N.º 32 (24.XII.85)

Chave: 1. Te-d6! Bloqueio com sacrifício!

1. .... Re4; 2. Td6-d4 mate  
1. .... Bd4; 2. Td6xd4 mate  
1. .... Bcd lib.; 2. De3 mate

A. de M.M.

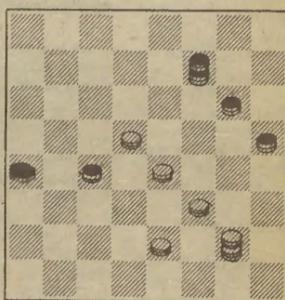
## Damas

XXXII — 24 de Dezembro de 1985

PROPOSIÇÃO N.º 32  
Por «Branco e Negro» — Lisboa  
«Vamos decidir» n.º 109/ 1.1.1949

Pr. 15-16-17-21-(26)

Br. (5)-6-10-14-19



Jogam as brancas e ganham

JOGO N.º 32

Campeonato Nacional, Coimbra/ 16.VI.84  
Br. Medalha da Silva — Pr. Eng. Tralhão  
1. 11-14,21-17; 2. 14-18,22-13; 3. 9-18,24-20; 4. 10-14,23-19; 5. 14-23,28-19; 6. 12-15,20-11; 7. 7-23,27-20; 8. 5-10,32-28; 9. 10-14,28-23; 10. 8-12,26-22; 11. 18-27,31-22; 12. 1-5,25-21; 13. 5-10,22-19; 14. 4-8 (Nesta posição as Br. dominam! Crieio, no entanto, que o lance do texto (4-8) foi mal jogado! 6-11 impunha-se! H.M. da S.)  
14. ....20-16; 15. 6-11,16-7; 16. 3-12,17-13; 17. 10-26,19-10; 18. 11-14,29-22; 19. 12-15,30-26; 20. 8-12,26-21; 21. 12-16,22-18; 22. 15-19,18-11; 23. 19-28,10-6 Empate.

GOLPE N.º 32

Por James Wyllie, Séc. XIX  
1. 12-18,24-20; 2. 10-14,28-24; 3. 5-10,20-15; 4. 11-20,24-15; 5. 7-11,23-20; 6. 16-23,27-20; 7. 14-19,21-17; 8. 10-14,25-21; 9. 1-5,32-28; 10. 3-7,31-27; 11. 7-12?! Perdentel! As Pretas jogam e ganham! (Br. 2-4-5-6-8-9-10-12-14-19 Pr. 15-17-20-21-22-26-27-28-29-30 J.Pr.G.)

Soluções (24.XII.85)

N.º 32 (B.e.N.): 14-17 e 19-22 e 6-11 se: 15-6; 5-9, 14-5; 9-22 G.Br.  
SE: 14-7; 5-1, 19-5; 1-3 G.Br.  
Golpe N.º 32 (J.W.): 11. ....21-18 e 17-13 e 26-17 e 30-7 e 27-23 G.Br.

A. de M.M.

## Fernando Lopes-Graca

### Obras Literárias

#### OPÚSCULOS (3)

Viana da Mota. Subsídios para uma biografia  
Incluindo 22 cartas ao autor  
Em louvor de Mozart  
Evocação de Chopin  
A música em Portugal



editorial CAMINHO